Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19188 6$00

SÁBADO 23 OUTUBRO 1976

PRESIDENTE NO FUNCHAL

FUNCHAL, 23 — «Que este acto seja o ponto de partida para as obras e actos políticos que hão-de fazer da Madeira uma terra de irmãos» — palavras do Presidente da República, esta manhã, na sessão solene de abertura da Assembleia Regional da Madeira.

O Presidente Ramalho Eanes chegou às 10.45 ao arquipélago acompanhado da esposa e de numerosa comitiva, onde se integram nomeadamente o Chefe do Governo, o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e um conselheiro da Revolução. Ao desembarcar no aeroporto de Santa Catarina, o Presidente foi alvo de honras militares, recebendo depois os cumprimentos de individualidades civis e militares da Madeira.

No aeroporto, uma forte presença do P. P. D., com grandes bandeiras e estandartes, notando-se que também os militantes do P. S. e do C. D. S. responderam aos apelos dos seus partidos no sentido de manifestarem o maior apoio ao Presidente da República. Entretanto, no percurso do aeroporto à cidade, concretamente na zona do Porto Novo, uma gigantesca bandeira da Flama (apesar da vigilância policial) a assinalar a presença dos separatistas.

Ainda acompanhado de elementos da sua comitiva, Ramalho Eanes dirigir-se-ia para o edifício onde funciona a Assembleia Regional. Ao longo do discurso que aqui proferiu, o Presidente sublinhou: «o apoio governamental não faltará às autoridades regionais. No entanto, terá de ser dimensionado de acordo com o circunstancialismo económico-financeiro vigente».

Sete da manhã, na Base Aérea n.º 1: Mário Soares, sobraçando um maço de jornais, cumprimenta Ramalho Eanes

Otelo e Manuel Salema, seu advogado, encaminhando-se para o Reduto Norte. Só o nosso jornal registou fotograficamente o acontecimento

OTELO DETIDO EM CAXIAS

O major Otelo, foi esta manhã preso por decisão do chefe do Estado Maior do Exército, tomada ao abrigo do Regulamento de Disciplina Militar.

Às 11,15 da manhã o estratega do 25 de Abril deu entrada no Reduto Norte do Forte de Caxias, acompanhado pelo seu advogado, dr. Manuel Salema, e por um oficial superior do Exército, para cumprir uma pena de 20 dias de prisão agravada.

Segundo conseguimos apurar, a prisão de Otelo deveu-se ao facto de ter participado numa reunião de activistas dos GDUP's, realizada há algumas semanas no Instituto Superior Técnico, e de então ter manifestado posições partidárias. Estas considerações são, no entanto, contestadas pelo advogado do ex-conselheiro da Revolução.

Na intenção de apurarmos outros elementos relacionados com a detenção de Otelo, estabelecemos contacto com o Estado-Maior do Exército, que se limitou a confirmar a detenção e o motivo invocado.

À entrada de Otelo em Caxias, que a foto do «D. L.» documenta, apenas assistiram dois jornalistas, o redactor e o repórter fotográfico do nosso jornal.

"ULTRAS" DA IGREJA QUEREM OUTRO PAPA

VATICANO, 23 — (IPS e «D. L.») — A Cúria romana e os elementos tradicionalistas e ultra-conservadores da chamada «Europa católica» seriam os responsáveis por uma campanha iniciada contra Paulo VI, na qual é, inclusive, pedida a sua abdicação.

O Vaticano desmentiu secamente a notícia publicada por um jornal de extrema-direita de Milão, «Il Giornale» segundo a qual o Papa iria nomear um «vice-Papa» que, finalmente, ocuparia a sucessão de São Pedro. Apesar do firme desmentido do Vaticano, o jornal milanês insistiu na veracidade da sua notícia.

Por outro lado, o jornal independente de esquerda «La Republica» comenta que a informação havia sido dada por elementos direitistas da Cúria romana e por meios conservadores que sempre foram contrários às decisões do Concílio Ecuménico Vaticano II.

O Sumo Pontífice está ao corrente do que se passa contra ele nos sectores direitistas da Igreja. Existe um mal-estar entre os elementos mais conservadores da Cúria romana e os cardeais europeus por motivo da nítida preferência que o Papa dá aos purpurados do Terceiro Mundo, que, de momento, estão em maioria. Outro problema para a Cúria romana é que somente 52 por cento dos componentes do Colégio Cardinalício têm direito a participar na eleição do futuro Papa. Isto deve-se à disposição emanada de Paulo VI, em 1970, que impede aos cardeais maiores de 80 a participação na escolha.

Entretanto, os primeiros rumores de uma possível abdicação de Paulo VI datam de 1966. Nesse ano, o Papa visitou o castelo de Fumonno, onde esteve refugiado um dos seus antecessores medievais, Celestino V, que abdicou. Desde então começaram os boatos que afirmavam ser tal visita de Paulo VI um gesto que anunciava a sua retirada. Agora, os rumores postos a circular versam o mesmo assunto.

NO PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO

Novo decreto da gestão entra amanhã em vigor

Até 31 de Dezembro deste ano deverão estar em funcionamento todos os Conselhos Directivos, Pedagógicos e Administrativos nas Escolas do Ensino Preparatório e Secundário — determina o novo Decreto-Lei sobre gestão democrática (n.º 769-A/76, de 23 de Outubro), que entrará já amanhã em vigor.

Modificações substanciais foram introduzidas ao anterior decreto que regulamentava a gestão democrática nas escolas (o n.º 735-A/74). A partir de agora o Conselho Directivo fica constituído por três ou cinco representantes do pessoal docente (conforme se trate de estabelecimentos cuja frequência não exceda os mil alunos ou ultrapasse este número), dois representantes dos alunos (obrigatoriamente do curso complementar e que não podem ser repetentes) e um representante do pessoal não docente. Todos eles deverão ser eleitos, por sector, em assembleia, por escrutínio secreto.

OCTÁVIO PATO AO «DL»

"Não há transformações económicas e sociais sem transformações políticas

«As dificuldades actuais com que o P. S. se debate creio que são o produto não apenas da ambiguidade da sua linha política, mas também o produto de direita que alguns ministros socialistas estão a procurar levar por diante».

Esta a opinião de Octávio Pato, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, expressa na segunda parte da entrevista ao «DL» cuja publicação iniciámos ontem.

Octávio Pato refere-se hoje particularmente às relações P. S.-P. C. P., ao problema da unidade de esquerda e ao futuro imediato do processo português, aludindo também à situação nos Açores e Madeira, à ofensiva reaccionária, à crise económica, salientando «não ser por acaso que as modificações de ordem económica e social» visando a melhoria de vida das populações ocorreram onde se deram transformações políticas (como no Alentejo, por exemplo), enquanto onde domina o caciquismo reaccionário se permanece como em 24 de Abril.

(Ler nas centrais)

32 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

UMA FLAGRANTE COINCIDÊNCIA

Se o leitor se desse ao trabalho de recortar dos diários e dos semanários publicados durante este mês de Outubro, as linhas dedicadas ao comentário, à dedução, à prova (e à insinuação) da incompetência da equipa governativa chefiada por Mário Soares, teria à sua frente uma montanha de prosa que revelaria flagrantes e surpreendentes coincidências. Não falamos do combate, da crítica, da contestação do Governo, mas do coincidente ferir da mesma nota: «o Governo não é competente». Alguns, por prudência, por cautelar medida defensiva, esforçam-se por separar Mário Soares do «seu Governo», esforçam-se por distinguir entre o homem em quem confiaram e o «Governo que não governa», entre o homem que os iludiu e o Governo que os desilude.

Não é a defesa do «Governo minoritário» de direcção socialista (ou socialista monocolor) que nos leva a abordar esta curiosa questão. A outros competirá essa defesa. Anotamos, sim, a coincidência ao longo dos dias deste mês de Outubro da concentração do fogo da «direita» (e do «centro-direita») sobre este alvo particularizado. Quem deu o lamiré pelo qual vieram a afinar os diversos componentes da grande orquestra? Quem inspira e move a simultaneidade das rajadas disparadas pelo P. P. D. e pelo C. D. S., pela CAP e pela CIP? Quem leva o frágil P. P. M. a enfileirar no coro bem regido? Da Imprensa que está por aí **à venda**, sabemos que as «grandes tiragens» imaginadas representam grandes servidões. Quem paga, inspira, orienta, exige. Um «centro» dirigente vai pondo ordem no dispersivo emprego de fundos, na anarquia dos subsídios, dos convites, dos favores. O dinheiro é um argumento poderoso. Há quem pague. Há quem esteja interessado em travar a marcha deste País para a Democracia e para o Socialismo. Há quem sonhe com o «golpe». Na ofensiva desencadeada revelam capacidade de planeamento e de execução, de infiltração, de convencimento. Mas revelam, também, uma grande falta de imaginação. Diz-se de Mário Soares o que se dizia de António Maria da Silva. Serão os mesmos que o dizem? Não com toda a certeza. A lei dos anos é inexorável. Não são os mesmos, mas são iguais.

OUTRA COINCIDÊNCIA

Supõe-se um português regressado aos distantes anos da década de vinte quando ouve falar da «ditadura da Assembleia da República», da «ditadura P. S., P. C. P., U. D. P.». Tem sucedido, como é natural, que os votos da «esquerda» tenham convergido para defender conquistas do «25 de Abril» ou apoiar medidas que se enquadram no processo de transformação democrática da sociedade portuguesa. Seja qual for a separação de facto e de ideologia entre o P. S., o P. C. P. e a U. D. P., é perfeitamente normal que se encontrem, sem qualquer prévia combinação, e até sem perspectiva próxima de virem a estabelecer qualquer entendimento ou aliança, na defesa de posições que globalmente interessam ao prosseguimento do processo democrático anti-fascista. Perfeitamente normal, será, também, que essas posições sejam antagónicas das defendidas pelo CDS e que, desiludidos com o PS que não lhe abre os braços para um «casamento de interesse», o P. P. D.-P. S. D. alinhe com as posições do C. D. S. Claro que esta convergência de votos corresponde o funcionamento de uma «maioria de esquerda», como elemento criador de «ordem democrática», e, em consequência dessa convergência democrática, antifascista e socialista, a marginalização de outras possíveis «maiorias» parlamentares. A figura «maioria presidencial» não se apresenta como uma possibilidade coerente. Evidencia política de tomo é do próprio Presidente da República assumir o papel de defensor **desta** Constituição.

OUTRAS COINCIDÊNCIAS

A «direita» política e a «direita» dos vendilhões de consciência e de palavras, não suporta a presença no Governo de homens políticos que são provados e respeitados militantes antifascistas. Claro que não é a CAP, do senhor José Manuel Casqueiro, que move e inspira os brilhantes jornalistas da nossa praça, impolutos catões que se empenham em salvar o agro lusitano da ministerial obstinação de fazer a Reforma Agrária tal qual a lei prescreve e a Constituição da República exige. Claro que não é o rigor doutrinal do pequeno P. P. M. que move e inspira os censores prestantes. Mas, realmente, contra Lopes Cardoso, cruzam-se os fogos da reacção política, do jornalismo sem princípios, do saudosismo agrário.

Hoje, o homem número um na lista dos indesejáveis (da **Reacção)** é o engenheiro Lopes Cardoso. Uma «crise» no Governo não parece estar próxima, mas uma «crise» no Partido Socialista não é inviável. A intriga foi lançada com vista ao «Congresso do P. S.». Mas não nos iludamos. Não tardará que mudem de alvo: de Otelo Saraiva de Carvalho a Álvaro Cunhal, de Melo Antunes a Mário Soares, de Pires Veloso a Ramalho Eanes hão-de suceder-se as campanhas, as manobras, e as intrigas. O grupo promotor da «intoxicação pública» obedece nos seus trabalhos a um plano bem gizado e simples: intrigar e dividir, dividir e intrigar. Querem levar a «esquerda» a bater-se contra a «esquerda», querem erguer uma «muralha da China» entre militares (democratas) e civis (democratas), querem o «regresso», preparam a «desforra». Os ataques a Lopes Cardoso e os elogios a Cardia têm o mesmo objectivo: cindir o P. S. Amanhã será atacado Mário Soares. Amanhã, quando verificarem que não conseguiram dividir o P. S., começarão a operação de intoxicação relativamente ao Congresso do P. C. P.

E depois? Qual é o «episódio» que veremos a seguir? A CIP, poder-se-á inspirar no precedente histórico: a acção subversiva da «União dos Interesses Económicos». A **história** repete-se? Talvez, não.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O exemplo da cortiça

Como era sexta-feira, muitos dos parlamentares entenderam — uns porque vivem longe de Lisboa, outros porque gostam de fins-de-semana prolongados — fazer «gazeta», e, assim as bancadas de S. Bento registaram ontem numerosas ausências particularmente o grupo C. D. S., que, dos 41 eleitos enviou dezasseis (16!).

Entretanto, e uma vez mais, o interesse dos trabalhos residiu no período de antes da ordem do dia, já que no tempo seguinte, manteve-se a rejeição, por comunistas e socialistas, das propostas de alteração à legislação das autarquias apresentadas pelo C. D. S., pelo P. S. P./P. P. D. e pela U. D. P.

Vítor Louro (P. C. P. deputado muito ligado aos problemas da Reforma Agrária, denunciou, em termos rigorosos, a manobra de grandes industriais e agrários relativamente à comercialização da cortiça, que através de «contratos forjados», têm metido nos bolsos dos ex-grandes senhores da terra, milhares de contos devidos aos trabalhadores e prejudicado, os pequenos e médios industriais corticeiros.»

Recordando que a «anormalidade surgiu com a circular que os Centros de Reforma Agrária enviaram às unidades colectivas e compradores de cortiça, afirmando-lhes a pretensa obrigatoriedade de fazer os contratos através desses organismos e de neles depositar o dinheiro respectivo», Vítor Louro denunciou o facto de a G. N. R. ter imobilizado nas cooperativas dos distritos de Santarém e Évora, por ordem dos referidos Centros, milhares de toneladas de cortiça. Citou o exemplo do Centro de Évora, que teria dado cobertura a contratos simulados, sem exigir provas consistentes da sua validade e citou o caso concreto de aquele organismo ter reconhecido como válido um contrato aparentemente feito em 1971, pelo qual a cortiça de 1976 teria sido comprada e paga a 40$00 a arroba, quando actualmente ela é paga à média de 200 escudos e já há cinco anos ela já era vendida a 100$00, com despesas de tiragem e empilhamento da conta do comprador.

Vítor Louro (que daria, no final da intervenção, explicações convincentes, a deputados socialistas, acerca do problema) contestou a possibilidade do Ministério da Agricultura, com uma recente nota oficiosa (justa em alguns aspectos), equiparar agrários a trabalhadores agrícolas e a sublinhar que «não existe nenhuma lei que obrigue as unidades colectivas de produção a não realizar livremente os seus negócios».

O representante da U. D. P. fez uma intervenção política, sobre a situação actual, tendo denunciado a recente Conferência Internacional sobre Economia realizada na Gulbenkian como meio de apresentação das «medidas que o imperialismo exige para Portugal» e a presença, nos trabalhos, de figuras como Pinto Barbosa (antigo ministro das Finanças de Salazar) e os «tecnocratas marcelistas» Vaz Pinto, João Salgueiro, Costa André (que veio expressamente do Brasil) e Rogério Martins. Referiu-se, à Lei dos Despedimentos, publicada a seguir à citada conferência; às manobras da CAP; à decisão de inconstitucionalidade da lei dos «pides» decretada por um tribunal militar; à carta de Pires Veloso, às reuniões de oficiais, como acções e à acção de Tomás Rosa de abrir «a própria Televisão às provocações fascistas».

Entretanto e ainda antes da ordem do dia, o P. S. D./P.P.D. requereu processo de urgência na discussão de um diploma da Assembleia Regional da Madeira sobre «a criação de novos serviços, institutos e empresas públicas e à nomeação dos respectivos agentes». P. C. P., P. S. e U. D. P. rejeitaram a proposta, cabendo a Jaime Gama (P. S.) e a Vital Moreira (P. C. P.) desmascarar a «jogada», objectivamente mais próxima dos interesses separatistas que do nacional.

Intervieram ainda Teresa Ambrósio (P. S.), acerca de questões sobre ensino, Mendes Godinho (P. S.), resposta às afirmações de anteontem, de Faria de Almeida (C. D. S.) e Nandim de Carvalho (P. S. D. / P. P. D.) que dissertou sobre a informação técnica.

E. A.

Bombista suspeito entregue no Q.-G. do Porto

PORTO, 23 — Foi ontem entregue no Quartel-General da Região Militar Norte Marcolino Evangelista Teixeira, de 37 anos, retornado e residente em Mirandela, que há tempos foi detectado na fronteira de Vila Verde da Raia (Chaves), transportando no seu automóvel material explosivo. O detido foi entregue no Tribunal da Comarca de Chaves e transitou depois para as prisões da P. J. do Porto. Nas declarações que prestou, o preso que em princípio afirmara que os explosivos se destinavam à construção de um muro, viria depois a dizer que lhe tinham sido entregues em Oviedo, por um português que não conhecia. Esta versão manteve-a sempre no período em que esteve detido na P. J. M. Concluído o inquérito, o Marcolino foi entregue no Quartel-General.

RECUSADO «HABEAS CORPUS»

O juiz de instrução da P. J. M., Dario Rainho, recusou ontem o pedido de «habeas corpus» em favor de João Veríssimo, detido por possíveis implicações na rede bombista, segundo apurou a ANOP junto de fontes militares.

O pedido havia sido feito pelo advogado de Veríssimo e foi recusado com base no Código Penal Militar.

Entretanto, também ontem, o juiz Dario Rainho ouviu António Carlos Torres Rangel e inquiriu, conjuntamente, o capitão Caimoto Duarte e Manuel Teixeira Gomes.

Recorde-se que o Veríssimo, proprietário de uma pedreira em Ponte de Lima, havia requisitado só, para o corrente ano, dois mil e 274 quilos de explosivos, o que, segundo peritos, é uma excessiva quantidade.

A MORTE DE DIAS COELHO

Nomeado presidente do Tribunal Militar

O coronel de Infantaria Vladimir Alvarenga foi nomeado presidente do 1.º Tribunal Militar, em substituição do coronel Galpar de Melo.

O afastamento do juiz-presidente daquele tribunal, no dia anterior ao julgamento do agente da ex-Pide responsável pelo assassinato do escultor e militante comunista José Dias Coelho, foi motivo para uma justificada onda de protestos, já que, desde o 25 de Abril, sempre se têm procurado e encontrado motivos para adiar qualquer dos julgamentos a que estão sujeitos os quase dois mil ex-agentes da polícia política do salazarismo.

No entanto, a nomeação do coronel Alvarenga para ocupar aquele cargo é de molde a fazer crer que, pelo menos aquele julgamento se realizará rapidamente. O novo juiz-presidente do 1.º Tribunal Militar é um conhecido resistente antifascista que participou na «revolta da Sé», prevendo-se para breve a marcação do julgamento, já que a impugnação pelo 1.º Tribunal Militar da constitucionalidade da Lei n.º 8/75, em nada afecta a possibilidade de aquela lei vir a ser aplicada pelo 2.º Tribunal, enquanto não houver decisão do Supremo Tribunal Militar.

Entretanto sabe-se que também já foram resolvidos os problemas surgidos com a nomeação de um defensor oficioso para o «pide» António Domingues. O dr. Vitorino de Queirós, o primeiro que foi nomeado pela Ordem dos Advogados adoeceu com uma hepatite, tendo-se registado algumas dificuldades na sua substituição. A nomeação de Carlos Quental veio resolver este problema, esperando-se só que o defensor de António Domingues tome conhecimento do processo.

PUB.

EDP

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 24 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em Baixa Tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE PALMELA: Alagoínha, Olhos de Água, S. João e Terras de Pão, das 6 horas e 30 minutos às 14 horas.

Lisboa, 22 de Outubro de 1976

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.D.P.
(U.E.P.-Sul)
(Manuel F. Camacho)

post scriptum

O burro nas couves

Declarou há dias o dr. Sottomayor Cardia a um vespertino lisboeta que estava a destruir o «império» que o PC detinha no sector da educação. Ora, aqui cumpre-nos lamentar profundamente a nossa ignorância no que se refere ao facto de o PCP possuir um *império*, pois sempre supusemos aquele partido anti-imperialista...

Mas vamos partir do princípio de que, efectivamente, o PC possuia um «império» e que, graças à destreza de braço, à fortaleza de ânimo, aos conhecimentos de estratega nas guerras de cavalaria do novo D. Quixote do MEIC, o dito império se desmoronou. Pergunta-se: quem, das cinzas do império destruído, vai tentar o renascimento de um novo império? O PS? A reacção? É que se for o PS e o ensino continuar a processar-se em direcção ao futuro, não será por aí que «teremos o burro nas couves». Mas se a reacção, aproveitando-se desta «guerra de impérios» do dr. Cardia, se instala no MEIC e começa a movimentar toda a engrenagem em direcção ao passado, talvez seja bom o sr. ministro ir pensando nas explicações que naturalmente terá de dar aos trabalhadores deste País.

Luís Rocha
ÉVORA

Anedotas

Oxalá passe depressa. Mas é evidente que estamos em fase delas. Oiçam lá estas ainda quentinhas.

1. Na pluralista e progressista RDP contou-se:

No quartel, o major diz ao coronel que o general faz anos brevemente. Que lhe havia de oferecer? O coronel faz várias sugestões, mas tudo era rebatido por esta ou aquela razão. Até que se lembra do livro.

— Olha, dá-lhe um livro. Isso não, responde o major, ele já tem um.

2. Num jornal reaccionário, o sr. dr. Domingos Monteiro, chama traidores, e mais não sei quê, aos patriotas. Não nos devemos admirar, porque ele já dizia coisas sem nexo no tempo do fascismo. O soneto que se segue é dele:

«Quando digo e desdigo o que não digo
Quando falo e repito o que não penso
Esse terrível dom de estar comigo
tesse terrível dom... é que não venço.

O que me dão de prémio é o meu castigo
Deixo de pertencer ao que pertenço
Quando digo e desdigo o que não digo
Quando falo e repito o que não penso...

Em mim a sombra das palavras voa
Eco de outras palavras sem sentido
Com que um vago destino se constrói

O barco voga sobre o mar à toa
E se me encontro sinto-me perdido
Mas contente afinal do que me dói...»

3. O sr. secretário de Estado da Orientação Pedagógica, dr. Almerindo Fernandes, disse na RTP que as aulas não tinham começado por culpa dos conselhos directivos, mas... as da Telescola, que servem o Ciclo Preparatório a 100 000 alunos espalhados pelo País também ainda não começaram...

Jaime Zurzal
LISBOA

Assim vai a Previdência

Mais um exemplo da exploração e degradação a que são condenados os trabalhadores.

Há um ano que estou com baixa na Caixa de Previdência. A médica que me observou disse que no meu caso se impunha uma intervenção cirúrgica. No entanto, continuo à espera do internamento e não são tomadas quaisquer medidas nesse sentido.

Na situação de «baixa» em que me encontro, praticamente sem tratamento, cada vez mais doente, é-me atrbuída a irrisória quantia de 13$00 diários.

Vou pagar a renda da casa, a comida e os medicamentos com 13$00 diários?

Que raio de Previdência é esta?

Andam a sugar anos a fio o magro salário dos pobres, para os lançarem na miséria quando eles não podem trabalhar?

Rosa Moreira Mendes
PORTO

A gente vai à panela e tira coisas

Em minha casa somos oito a viver à custa do meu salário (7500$00): eu, minha mulher (que está doente e não pode trabalhar), meus velhos pais e 4 crianças.

Pago uma renda «barata» (3500$00). Como é que a gente se arranja? É simples. A minha mulher faz uma grande panela de sopa e durante a semana a gente vai lá e tira coisas.

Às vezes, claro, há problemas. Nessas alturas costumo recorrer a um sujeito bondoso que conheço e ele empresta-me dinheiro (pequenas quantias) a vinte por cento. De cem em cem escudos já lhe devo dois contos e quinhentos. Calha mesmo bem: pago-lhe pelo Natal em Títulos do Tesouro.

Félix Contente
ALMADA

CONFERENCIA SOBRE ECONOMIA PORTUGUESA

O "COMPLEXO" PETROQUIMICO

VÍTOR BENTO

É já anterior a 1970 a manifestação do eventual interesse na indústria petroquímica, por parte dos grandes grupos financeiros portugueses. Assim, antes do concurso realizado em fins de 1970 para adjudicação da nova refinaria do Sul, já a Sacor, a Sonap e a Química Geral (do grupo Champalimaud) tinham apresentado pedidos para a instalação de centros produtores. Não espanta que o governo de então tenha decidido incluir, como «penalidade» a quem ficasse com a nova refinaria — e, portanto, com direito a comercialização protegida de combustiveis — a instalação de um conjunto de unidades que iriam produzir matérias-primas para transformação em artigos de plásticos de uso corrente (polietilenos, polistireno, polipropileno, PVC, etc.).

O consumo de matérias plásticas tornou-se vulgar na vida de qualquer cidadão, dos países mais desenvolvidos aos mais atrasados. O lançamento da sua utilização corrente é praticamente posterior à II Guerra. Trata-se, portanto, de uma actividade industrial bastante recente. Mas, universalizou-se de tal modo o seu consumo a artigos de uso doméstico e a sectores industriais vários — embalagens, automóvel, construção civil, mobiliário, electrodomésticos, vestuário e calçado, — que a quantidade consumida por cada cidadão passou a poder ser relacionada com o seu nível de rendimentos. O mesmo se passa quanto ao consumo de electricidade, combustiveis, alimentos ricos em proteinas, automóveis, electrodomésticos, telefones, etc, bem como aos que denunciam niveis de bem estar — nivel sanitário, esperança de vida, número de profissionais de saúde por mil habitantes, habitação, etc, etc.

Relacionando o consumo de matérias plásticas com o rendimento por habitante é possivel através do crescimento previsivel fazer a extrapolação, isto é, prever o consumo futuro.

Como em muitas outras indústrias modernas, foi possivel aperfeiçoar rapidamente a tecnologia de fabrico dos produtos. E, sempre que se fala de tecnologia é inevitável que aumentos de produtividade são introduzidos. Passaram a construir-se unidades cada vez maiores, mais automáticas, usando menos mão-de-obra e cada vez mais caras (tanto mais que as enormes temperaturas e pressões de funcionamento exigem materiais sofisticados). Logo, apenas os países mais industrializados puderam entrar nessa corrida. Não é de estranhar que à cabeça da produção das matérias plásticas se encontrem os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Russia, Itália e França (na Itália, por participação do Estado italiano em várias empresas, cuja rentabilidade é das mais baixas da Europa). O aumento de consumo de matérias-plásticas em Portugal foi bastante acelerado (acima de 20 por cento ao ano) na 2.ª metade da década de sessenta — o que de resto aconteceu com o consumo de quase tudo devido ao dinheiro «fresco» dos emigrantes, aos salários de guerra colonial e à evolução salarial.

Conseguida que foi a protecção alfandegária nos acordos com a EFTA (anexo G) e à CEE para as novas indústrias, não admira que os industriais banqueiros quisessem ter acesso a uma actividade que estaria, como era habitual, protegida internamente (para os grandes capitalistas; trabalhar, só com «rêde»). O nosso baixo consumo era bastante insuficiente para justificar a instalação de unidades, cada vez mais modernas e com a dimensão óptima cada vez maior (por exemplo uma fábrica de etileno podia fazer-se economicamente, há 10 anos, na escala de 100 a 150.000 toneladas por ano e agora a dimensão óptima para uma grande companhia internacional, é de 500.000 ton/ano o que já envolve problemas muito delicados de funcionamento). Porquê os industriais banqueiros estavam interessados nesse investimento elevado (na altura, mais de 10 milhões de contos para o projecto)? A explicação já conhecida, foi agora confirmada pelo dr. Xavier Pintado durante a conferência sobre economia: «Havia reservas no Banco de Portugal e não tinhamos problemas demão-de-obra em excesso». A costumada «lógica» do regime! A mão-de-obra rural partia do campo para a emigração ou para as barracas à volta das grandes cidades, sem que se criassem postos de trabalho que permitissem a sua valorização e se instalassem as infra-estruturas de criação de bem-estar (habitações, estradas para o interior, saneamento básico, etc.

A corrida ao investimento na petroquímica por parte dos países mais poderosos foi, durante a década de sessenta, baseada no princípio do aumento da substituição dos produtos naturais (madeira, vidro e papel, fibras, etc). Daí quase criasse um excesso de oferta sobre a procura. Assim, por volta de 1971, era bastante grande o excesso de capacidade, o que se esperava levasse alguns anos a equilibrar. Esta situação talvez não desanimasse os financeiros portugueses, uma vez que uma parte da produção, a consumida localmente, se destinaria a um mercado protegido, com preços mais altos.

A refinaria do Sul, a construir em Sines — onde ficou decidido lançar um pólo de desenvolvimento industrial — foi adjudicado ao grupo CUF-Sonap (Melos e Bulhosa). Formou-se a companhia CNP para o sector petroquímico. Inicia

Continua na pág. 4

O ATENTADO CONTRA O AVIÃO CUBANO

"INTERNACIONAL DO CRIME" JÁ É CONHECIDA

ENRIQUE D. MONTEVERDE

CARACAS, (IPS) — As investigações levadas a cabo nesta capital pelos organismos de Segurança do Estado em torno do assassínio de 73 pessoas que viajavam há alguns dias no avião da companhia «Cubana de Aviación» revelaram indícios claros sobre a identidade do grupo que praticou o atentado e que teria sido também o que cometeu o crime contra o dirigente político chileno exilado Orlando Letelier.

O diário de Caracas «Punto», porta-voz oficioso do «Movimento para o Socialismo» (esquerda moderada), assinala que, de acordo com a confissão obtida pelas autoridades de Trindade e Tobago do fotógrafo venezuelano Hernan Ricardo (autor material do atentado de Barbados), e com as investigações acima mencionadas, a «Internacional» que cometeu estes dois actos de vandalismo e outros semelhantes no passado está formada por agentes da C. I. A. norte-americana e da DINA chilena, e bem assim por comandos anticastristas que costumam actuar como mercenários em coordenação com aqueles organismos.

«Punto» revelou que o atentado contra Letelier foi perpetrado por dois cubanos partidários de Batista, ambos de apelido Novás e ambos pertencentes a uma organização cuja cabeça visível é o cubano anticastrista Orlando Bosch, recentemente detido com passaporte e documentos falsos em Caracas (e que será com certeza deportado para os Estados Unidos).

Um ex-dirigente dos cubanos exilados que agora reside em Caracas — Carlos River Collado — revelou que em Novembro de 1973, poucas semanas antes do cruento golpe de Estado chileno, visitou na cidade de Miami o coronel chileno Eduardo Sepúlveda, íntimo amigo de Pinochet, que nessa altura exercia uma função importante no governo militar.

Sepúlveda entrou em contacto com Rivero Collado, um dos chefes da invasão na praia de Girón, e pediu-lhe para falar com o seu chefe, que era Ramiro de la Fé.

De la Fé informou Sepúlveda do envolvimento dos grupos e comandos cubanos contra-revolucionários no golpe militar do seu país e Sepúlveda solicitou-lhe que os grupos cubanos não clandestinos se encarregassem da defesa do golpe militar chileno perante a opinião pública norte-americana.

O enviado de Pinochet chamou a atenção do chefe anticastrista para o facto de a Junta Militar estar numa situação internacional muito difícil e salientou que, se a pressão mundial não diminuísse, não poderia ser garantida a permanência dos militares no Poder. Por outro lado Sepúlveda garantiu a Ramiro de la Fé que, aso a Junta se aguentasse no Poder, eles poderiam contar com a ajuda chilena para a sua cruzada anticomunista.

«Actualmente» — afirma Rivero Collado — «o bando de la Fé mantém contactos orgânicos, frequentes e sistemáticos com os serviços especiais do Governo chileno, especialmente com a DINA.»

Mas não só o grupo de Ramiro de la Fé se ligou à Polícia chilena: em começo do ano passado foi descoberta uma conspiração na Costa Rica para assassinar o dirigente do M. I. R. chileno Pascal Allende, exilado naquele país desde a confrontação de Outubro de 1975 com forças do regime militar no interior do Chile.

O cabecilha dessa conspiração era Orlando Bosch, dirigente máximo do grupo anticastrista «Acción Cubana», preso pelas autoridades da Costa Rica na posse de um passaporte chileno.

Uma outra ramificação desses grupos actuava em Caracas às ordens de um cidadão venezuelano de origem cubana chamado Pardilla que durante o Governo de Rafael Caldera chegou a ser director dos serviços especiais da DISIP (polícia política). Pardilla afastou-se da Polícia quando o Governo de Caldera saiu do Poder e fundou em Caracas uma empresa denominada Investigações Comerciais e Industriais, que aparentemente (e isto foi inteiramente comprovado pelas autoridades venezuelanas) contratou Herman Ricardo e Lugo para colocarem a bomba no avião cubano despenhado em águas internacionais perto da ilha de Barbados.

No discurso pronunciado pelo comandante Fidel Castro nas exéquias oficiais das vítimas deste último atentado o primeiro-ministro cubano denunciou que «no passado mes de Junho um grupo de organizações contra-revolucionárias terroristas, radicadas nos Estados Unidos — as chamadas Frente de Libertação Nacional de Cuba, Acção Cubana, Movimento Nacionalista Cubano, Brigada 2506 e F-L4 — reuniu-se na Costa Rica para criar um chamado Comando das Organizações Revolucionárias Unidas (C. O. R. U.)».

Este comando, afirma «Punto», é coordenado por agentes da C. I. A., cuja identidade é conhecida das autoridades cubanas mas não foi revelada.

Numa fotografia em que dava conta da formação desta organização viam-se nitidamente Julio Durán, actual embaixador chileno nas Nações Unidas, o presidente do Município de Miami, Maurice Ferrer, e o coronel Eduardo Sepúlveda, cônsul-geral do Chile em Miami. Também aparecia o congressista norte-americano Tom Gallager.

As revelações do diário «Punto» surgem ao mesmo tempo que as autoridades venezuelanas têm praticamente desmantelada a parte da organização C. I. A.-DINA - anticastristas que actuava na Venezuela.

No entanto pensa-se que, uma vez o caso total e definitivamento elucidado, serão as próprias autoridades venezuelanas a fazer novas revelações sobre esta «Internacional do Crime».

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE AVEIRO

SEDE EM RIOMEÃO

MOÇÃO

1.º — Dado que a empresa SMOL construtora de tornos mecânicos paralisou no dia 23/8/76 por falta de pagamento do mês de Julho, subsídio de férias e não tendo matéria-prima para o futuro.

2.º — Considerando que a gerência não tem competência para administrar a empresa.

3.º — Considerando a falta de pagamento de salários há 4 meses.

4.º — Considerando que os trabalhadores vivem exclusivamente do rendimento do seu trabalho.

DELEGADOS SINDICAIS METALÚRGICOS REUNIDOS NA SEDE SINDICAL EXIGEM ÀS ENTIDADES COMPETENTES O SEGUINTE:

1 — A sua intervenção imediata, no sentido de obrigar a entidade patronal ao cumprimento das suas obrigações para cóm ôs trabalhadores..

2 — Exigir às entidades competentes uma sindicância na empresa, tendente a concluir a que se deve objectivamente a falta de cumprimento do pagamento de salários e falta de matéria-prima.

3 — Lembrando o carácter urgente da política de reestruturação da indústria de máquinas e ferramentas, tendo em vista:

a) A defesa intransigente dos interesses e direitos dos trabalhadores;

b) A defesa dos interesses da Economia Nacional;

4 — Dar conhecimento às seguintes entidades: Presidência da República, Primeiro-Ministro, Ministro do Trabalho, Ministro da Indústria e Tecnologia, Secretário de Estado da Indústria Ligeira, Ministério do Trabalho de Aveiro, Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, Rádio Televisão Portuguesa (Porto), Rádio Difusão Portuguesa, «Jornal de Notícias», «Comércio do Porto», «Primeiro de Janeiro», «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias» de Ovar e «João Semana» de Ova

NOTA:

Pelo atrás exposto, a Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro e os trabalhadores da SMOL conscientes de interpretar o consenco geral de todos os Metalúrgicos do Distrito irão para formas drásticas de luta se o contencioso não for resolvido com a rapidez conveniente.

Riomeão, 19 de Outubro de 1976.

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

CURSOS EM PORTUGUÊS

Rádio, Electrónica, TV	Secretariado	Cultura Geral
Desenho e Pintura	Electricidade	Corte e Costura
Relações Públicas	Fotografia	Vendas Marketing
	Inglês	

CURSOS EM ESPANHOL

Técnico de Automóveis
Mecânico de Automóveis * Motores Diesel
Electricidade do Automóvel * Maquinaria Agrícola
Mecânico de Aviação * Mecânico de Helicópteros
Piloto Desportivo e Comercial
Ajudante de Laboratório Químico
Auxiliar de Farmácia * Técnico de Plásticos
Desenhador Mecânico * Desenhador Projectista
Desenhador de Construção de Obras
Desenhador de Carpintaria e Marcenaria
Canalizador e Saneamento * Construtor de Obras
Formação de Pais * Educação Sexual * Publicidade

Peço o envio do livreto sobre o curso de GRÁTIS

.....

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

DL/12

cec Alvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

Nacional

O "complexo" petroquímico

Continuação da pág. 3

dos os contactos para encontrar companhias internacionais que quisessem ser parceiros na comercialização dos produtos no estrangeiro e que fornecessem a tecnologia para as instalações, bastantes apareceram. Porque razão? Porque havia quem estivesse disposto a colocar o seu dinheiro em mais capacidade, apesar do excesso mundial e a sacrificar as suas riquezas naturais à poluição (que começava a ser uma questão melindrosa em muitos países desenvolvidos): os portugueses! Mas se a decisão quanto à refinaria foi tomada, o que juntamente com uma autorização para expansão da Sacor em Leixões vai atirar a capacidade total do país para 19,5 milhões de toneladas, quando o consumo nacional é da ordem dos 6 milhões, a questão de petroquímica não era fácil, em função da evolução do mercado.

Entretanto, deram-se os aumentos de preço do petróleo em 1973, quando se multiplicou o valor anterior por cerca de 4 vezes. Tudo mudou na ordem económica mundial depois de então. Os principais países tomaram medidas drásticas para redução do consumo de petróleo, se pensarmos que o aumento de preço foi superior a 2 contos por tonelada e que a Europa Ocidental consome mais de 600 milhões de toneladas, teremos a ideia do fardo adicional que caiu sobre esta zona: mais de 1 bilião e 200 milhões de contos. (Exemplo: a Grã-Bretanha mais de 185 milhões de contos, a Itália 170 milhões, a França 215 milhões e a Espanha 70 milhões). Uns países aguentam-se outros não. Onde se vai parar? As refinarias europeias passam a trabalhar a 60 por cento da sua capacidade. As produções petroquímicas também baixaram na proporção. Cada país fazendo as contas aos produtos naturais de que dispõe e da possibilidade de os substituir ou não por plásticos. Quanto a Portugal? O consumo de combustíveis é o mais baixo da Europa Ocidental. No entanto cresceu, ao contrário dos outros países, no período do preço mais elevado (os políticos locais estavam interessados em cativar a pequena burguesia). O custo das importações passou de 4,6 milhões de contos em 1973 para uma estimativa de cerca de 15 milhões de 1976. A nova refinaria de Sines de 10 milhões de toneladas ficará completamente excedentária nos próximos anos. O seu custo, actualmente previsto, deve ultrapassar os 17 milhões de contos, quando o inicial era menor do que 7 milhões (a inflação actua de modo galopante neste tipo de industrias).

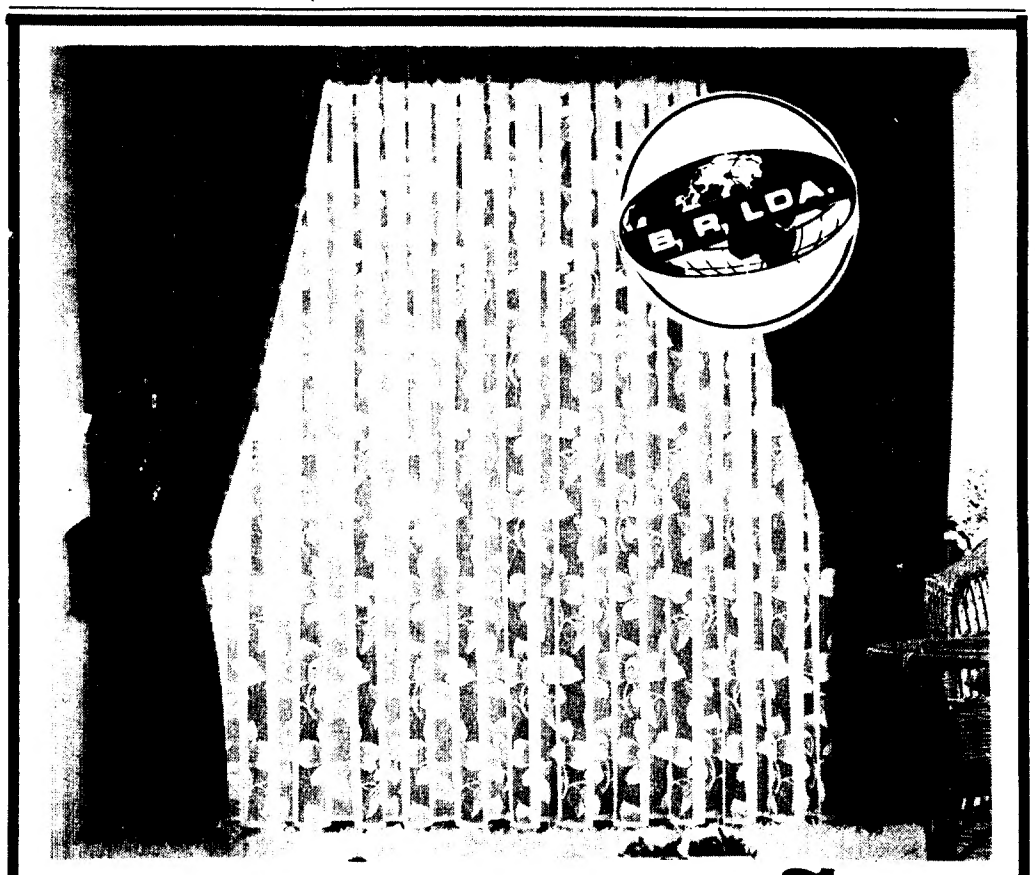
Quanto às matérias plásticas importámos 216 mil toneladas, em 1973, 180 em 1974 e 135 em 1975, uma queda que pode ter várias explicações mas, seguramente, uma delas e talvez a mais importante é a de que não podemos pagar. O consumo baixou ao contrário das previsões de 1970: porque tudo mudou... O valor das importações, no entanto, teve pequena variação, de 3,2 milhões de contos, em 1973, para 3,5 milhões em 1975. O desinteresse das companhias estrangeiras pelo projecto é agora quase total. Os ricos países produtores de petróleo do Médio Oriente têm uma série de projectos em vista, apesar de na Europa se continuar a investir nos centros já existentes e no aproveitamento do petróleo do Mar do Norte (para quê trazer o petróleo para Portugal e levar os produtos para os locais de consumo?). O mesmo se diz quanto à Europa do Leste onde a planificação aponta para o crescimento a mais de 20 por cento ao ano. As indústrias petroquímicas passam a ser o «brinquedo» de prestígio dos governos de fachada, tal qual as centrais nucleares. Ambas, instalações que exigem grandes investimentos, mais úteis em outros sectores, e capacidade tecnológica que os países pobres não têm.

Os custos das primeiras unidades já anunciadas é de 12 milhões de contos e o total do complexo será de 25 a 30 milhões. O número de postos criados no total não ultrapassará os 2200. É habitual mesmo nos países desenvolvidos e tecnologicamente experientes, os custos mais que duplicarem entre a estimativa inicial e o custo final, e o mesmo se diz quanto ao arranque das unidades (logo que pensar de um país onde não há experiência do sector?).

Era de esperar que uma situação destas fosse comentada pelos economistas que estiveram na Gulbenkian. Coube a oportunidade ao prof. Bela Balassa que, como é evidente, considerou que todo o projecto de Sines deveria ser revisto pois haveria que ajustar consumos em função do nível de desenvolvimento e dos projectos existentes em outros países. (Nada que não tivesse já sido dito em Portugal. Mas, «santos de casa...» Para esta democracia «à portuguesa» a opinião pública não conta. Ou se pertence a um partido que tem muitos votos, ou o melhor é estar calado). Saiu, qual D. Quixote batendo-se por sua dama, um técnico ligado ao projecto: «Será um crime económico interromper o projecto de Sines». «Há uma refinaria que tem dificuldade em vender os seus produtos logo o melhor é aproveitá-los» (gastando o dobro do que custa a própria refinaria!) «é o único projecto com dimensão europeia» «é como fazer fundações para um arranha-céus e construir um prédio de 1.º andar» o único projecto onde foi possível ocupar mão-de-obra (4000 trabalhadores)» (felizmente que não havia projectos para Palácios da Justiça...) «por cada emprego na petroquímica criam-se 7 na indústria transformadora» (mesmo que não haja dinheiro para comprar o petróleo, ou não se ganhe a fazer uma actividade qualquer para com ela comprar os produtos de plástico).

Enfim, uma série de justificações que não podiam merecer qualquer comentário dos conferencistas. Este tipo de decisões é de carácter político. Não podem ser tomadas numa base tecnocrática (é de aceitar que os técnicos portugueses tenham dificuldade em tratar estes assuntos, que são novos entre nós. É evidente que se alguém estiver para construir um arranha-céus e, não só os outros se anteciparem, como a população local deixar de poder pagar essas rendas, o melhor é não construir e aplicar esse dinheiro noutra coisa).

Quando, neste país, se avançam várias medidas restritivas às importações para as tentar reduzir de 5 a 8 milhões de contos, sendo já o valor no grupo do petróleo e produtos petroquímicos na ordem dos 20 milhões; quando as perspectivas futuras são as de continuarmos a produzir défices nos pagamentos ao estrangeiro superiores a 20 milhões de contos anuais; quando há mais de 450.000 de desempregados; quando se importam produtos da terra e do mar, sectores onde tem havido tanto atraso técnico e de investimento; quando as reservas de ouro chegam ao fim; quando os consumos têm que baixar, obrigando a exportar para mercados muito competitivos, sobre os quais não temos qualquer influência, parece evidente que os investimentos em petroquímica — em Sines e no Norte — são opções ruinosas. Pôr capital a render mal, para receber capital, ou pôr capital a render bem, proporcionando empregos e produtos essenciais? A resposta terá de ser colectiva pois é política (ao menos haja a honestidade de reconhecer quanto as heranças são difíceis, sem querer atirar poeira para os nossos olhos).



DECORAÇÃO

TUDO PARA O SEU LAR

TECIDOS — ALCATIFAS — PAPÉIS PINTADOS — CARPETES
VELUDOS — PANEUAXS — DECORAÇÕES, ETC.

VENDAS DIRECTAS A PREÇOS DIFERENTES, NO MAIOR, SALÃO DO PAÍS — GRANDE EXPOSIÇÃO PERMANENTE EM TECIDOS DE DECORAÇÃO

ASSISTA À EXPOSIÇÃO DIÁRIA

BENTO, RATINHO, LDA.

RUA DOS DOURADORES, 72-1.º — TEL. 32 49 41

Jugoslavos vêm a Lisboa

É esperada em Lisboa, no próximo domingo, uma missão comercial jugoslava que virá estudar as possibilidades do desenvolvimento das relações dos dois países nesse sector. Os trabalhos da missão começam na segunda-feira, com uma sessão da qual tomarão parte representantes do Ministério do Comércio Externo e Turismo, Fundo de Fomento da Exportação, e da Embaixada da Jugoslávia.

Geral

Miguel Trovoada com Medeiros Ferreira durante a conferência de Imprensa de ontem

A VISITA DE TROVOADA

Portugal e S. Tomé apoiam admissão de Angola na O.N.U.

«Não contabilizamos as nossas relações com S. Tomé e Príncipe e as acções de cooperação que vamos desenvolvendo pretendem contribuir para ajudar o novo país a tornar-se mais independente. A nossa ajuda nos primeiros anos faz-se para que a independência resulte na verdadeira libertação do seu povo» declarou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, ao encerrar-se, ontem, a visita oficial do primeiro-ministro da República de S. Tomé e Príncipe, dr. Miguel Trovoada.

O ministro português esclarecia o problema levantado durante a conferência de Imprensa (dizia-se que a cooperação é um acto bilateral e que o comunicado final só referia acções portuguesas desenvolvidas ou a desenvolver...), problema esse que Miguel Trovoada acabaria por colocar na perspectiva correcta da evolução histórica das relações entre os dois países:

. «É certo que de momento S. Tomé não pode ajudar Portugal praticamente em nada. Talvez no futuro a nossa cooperação venha a ser realmente vantajosa, do ponto de vista material, para as duas partes. Mas a verdade é que cinco séculos de colonização não podem ser de maneira nenhuma contabilizados. Não sabemos qual seria a calculadora electrónica capaz de avaliar os males que o colonialismo fez ao nosso povo».

A visita que o primeiro-ministro da República Democrática de S. Tomé e Príncipe fez ao nosso país, a convite de Mário Soares, iniciou-se no dia 20 e concluiu-se oficialmente ontem embora a delegação santomense, de que faziam parte o ministro da Informação (Alda Espírito Santo), o director do Planeamento (Teotónio Torres) e o governador do Banco (Vitor Correia) só esta tarde regresse ao seu país. Da visita resultou a aceitação do convite para Mário Soares visitar oficialmente S. Tomé, em data a marcar, a assinatura de um acordo nos domínios da saúde e o reactivar da cooperação portuguesa com a jovem República.

Assim, Portugal vai estudar as opções possíveis para futuras ligações aéreas mais regulares, e comprometeu-se a actualizar nos aspectos técnico e económico os projectos do porto, aeroporto e estrada de cintura, que são fundamentais para o desenvolvimento de S. Tomé. Serão entregues brevemente duas lanchas da Marinha de Guerra, que estão em reparação e no próximo ano um navio português vai proceder a pesquisas piscícolas nas águas territoriais santomenses. Estão concluídas as negociações para um acordo de transportes marítimos e o Governo Português deu seguimento favorável a questões de carácter financeiro levantadas durante as conversações.

Quer no comunicado final quer na conferência de Imprensa ambas as partes acentuaram «a saúde e excelência das relações entre Portugal e S. Tomé e Príncipe». Também foi manifestada a concordância dos dois países em muitos pontos da política internacional, nomeadamente na condenação à política do «apartheid» e na exigência da solução dos problemas da Namíbia e Zimbabwe pela vontade livremente expressa dos seus povos.

Portugal e S. Tomé manifestaram o propósito de dar todo o apoio ao Governo angolano para a admissão da RPA na ONU.

Ian Smith e Ivor Richard não se entendem sobre a Rodésia

. Os esforços britânicos tendo em vista a preparação do palco para a realização da conferência de Genebra (dia 29) sobre a Rodésia enfrentam hoje um impasse, com o primeiro-ministro rodesiano Ian Smith e o enviado especial britânico, Ivor Richard, firmemente agarrados às suas interpretações opostas relativamente ao acordo a que Smith chegou o mês passado com o secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger.

Com uma segunda série de conversações entre Smith e Richard (embaixador inglês na ONU), marcada para hoje, o chefe do Governo minoritário branco rodesiano ameaçou repudiar a sua aceitação do poder da maioria negra, se aquilo que ele considera ser o «plano global Kissinger» for sujeito a novas negociações.

«Tudo estará mal se quebrarem o acordo» — disse Smith aos jornalistas depois de uma reunião de 80 minutos com Richard.

Richard, por outro lado, mantém veementemente a posição britânica e norte-americana de que, tal como exigido pelos nacionalistas negros, as modalidades de criação do Governo interino birracial pré-independência estão inteiramente abertas as negociações.

Como tem sido noticiado, os negros pretendem que o poder lhes seja entregue completamente, já no governo interino, incluindo o controlo sobre o Exército e a Polícia. Além disso (e de acordo com a ANOP/AP), responsáveis norte-americanos afirmam que o documento de Kissinger a que Smith se refere «é um mero papel para discussão e nada mais».

Neste pano de fundo, Ivor Richard planeou diversas reuniões separadas com Smith e com os quatro chefes das delegações nacionalistas. Os dirigentes nagros são, como se sabe, Joshua Nkomo, dirigente da União Nacional Africana do Povo do Zimbabwé (ZAPU), Robert Mugabe (aliado de Nkomo e chefe de cerca de 12 000 guerrilheiros), o reverendo Sithole, e o bispo Abel Muzorewa dirigente da facção externa do Conselho Nacional Africano.

Atente-se, finalmente, que a rivalidade entre os dirigentes nacionalistas pode complicar os esforços para se chegar a um acordo. Exemplos: Mugabe disputa a liderança da ZANU com Sithole — e Nkomo não suporta Muzorewa.

Amnistia para crimes políticos desde 25 de Abril

Um decreto-lei publicado ontem no «Diário da República» amnistia os crimes políticos e as infracções disciplinares da mesma natureza cometidas eesde 25 de Abril de 1974. O diploma fora aprovado em Conselho de Ministros no passado dia 14.

A amnistia decretada não abrange os crimes e as infracções disciplinares tentadas frustradas ou consumadas na preparação e execução dos actos sediciosos de 11 de Março e 25 de Novembro de 1975; com o emprego de bombas, explosivos ou engenhos semelhantes; e previstos em lei eleitoral, desde que lhes corresponda pena de prisão maior.

Ficam ainda fora da amnistia as penas correspondentes ao n.º 4 do Art.º 55.º do Código Penal.

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal – Ciclo Preparatório

MANHÃ ● TARDE ● NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1

Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

O trabalho transforma uma sociedade.

O futuro é de todos. E a opção foi tomada. E para corrigir o que está mal ela implica sacrifícios. Restrições. Austeridade. Consciência de que o colapso económico espreita.

Não é possível adiar mais. É urgente renovar processos. Dinamizar os circuitos económicos existentes. Estudar e aplicar novos. Reequipar e modernizar muitas unidades industriais. Construir outras. Agora. Já.

Transformar, é esforço. É trabalho que dignifica uma geração. Se ela é capaz de responder com acerto ao desafio. Produzindo mais. Investindo mais. Poupando mais. Gastando menos. Fomentando grandes e pequenos projectos. Na Saúde, na Habitação, na Educação, na Indústria, na Agricultura, na Pecuária, nos Transportes, nas Comunicações.

Transformar uma sociedade exige mais que boa vontade. Exige acção. Exige trabalho. Exige o esforço de todos.

O dinheiro ajuda. É tempo de comprar Obrigações do Tesouro.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

até 14 de Novembro

Nacional

ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DA ZÂMBIA FALA DOS 12 ANOS DE INDEPENDÊNCIA

"INTERESSAM RELAÇÕES COM PORTUGAL"

Passam amanhã doze anos sobre a data da independência da República da Zâmbia, país que em 1964 se libertou da presença inglesa. A propósito da celebração do dia nacional zambiano, o encarregado de Negócios daquele país em Portugal, George Chipampata, concedeu uma entrevista à ANOP em que recordou que as relações diplomáticas entre os dois países foram estabelecidas quase imediatamente após o 25 de Abril de 1974.

Referindo-se ao número de portugueses a residir na Zâmbia, declarou o encarregado de Negócios daquele Estado africano:

«Durante o período colonial não tínhamos muitos portuguéses na Zâmbia por razões óbvias, nem aceitávamos mesmo passaportes portugueses. Depois do estabelecimento das relações diplomáticas, passamos a reconher os passaportes — e o número aumentou com os refugiados de Angola e Moçambique. Mesmo assim, no entanto, é inferior ao das outras comunidades estrangeiras».

No tocante às relações económicas entre os dois países, George Chipampata afirmou que neste momento «são inexistentes, pois ainda não foi rectificado o projecto de acordo de Maio do ano passado que prevê a troca de delegações duas vezes por ano. Presentemente há empresas portuguesas interessadas em transacções comerciais com a Zâmbia, cujos técnicos já se deslocaram a Lusaca, como é o caso da «Cromolite», que deseja instalar naquele país uma fábrica de artigos de cutelaria.

O PROBLEMA DA RODÉSIA

Quanto aos problemas da África Austral (onde, como se sabe, o seu país se encontra inserido), o encarregado de Negócios da Zâmbia referiu em particular a posição tida para com a Rodésia.

Eis as suas apalavras:

«O Zimbabwé tem de ser livre. Sem a liberdade da Rodésia a segurança da Zâmbia não está garantida. Devido ao regime ilegal da Rodésia, em 1965 a Zâmbia foi directamente afectada pelas sanções impostas pelas Nações Unidas à Rodésia, pois durante o nosso período colonial a Rodésia do Sul e a Rodésia do Norte (agora Zâmbia) estavam intimamente ligadas, tanto politica como economicamente. Nessa altura tiveram de ser completamente alterados os nossos programas de desenvolvimento e tivemos de pôr em prática medidas de emergência».

Pormenorizando, disse ainda George Chipampata:

. «Em 1973 a Rodésia decidiu fechar a fronteira para desencorajar o nosso auxílio aos que lutavam pela liberdade, contra o regime ali instituído. Decidimos então fecharmos nós a fronteira e só a reabrimos quando houvesse lá um governo de maioria. Politicamente a nossa posição é a de que o Zimbabwé tem de ser livre, pois sem isso também a Zâmbia não é completamente livre. Fomos sempre da opinião de que só devíamos lutar se não conseguíamos resolver o conflito por via pacífica».

Kenneth Kaunda, presidente da Zâmbia, com a esposa

CONSTITUIÇÃO

A concluir, e sobre o significado das conversações de Genebra, declarou o encarregado de Negócios da República da Zâmbia:

É um assunto muito delicado, não sabemos o que vai acontecer e por isso não podemos pronunciar-nos. Até agora o sr. Smith e o dr. Kissinger afirmam que fizeram um acordo, coisa sobre que não se negoceia. Por seu turno, a parte africana afirma que se já houve um acordo não tem qualquer significado a ida a Genebra».

Presidida por Kenneth Kaunda, a Zâmbia é politicamente dirigida pelo UNIP, Partido Unido da Independência Nacional, de que Kaunda também é presidente. Tornou-se Partido único em Dezembro de 1972, quando foi alterada a Constituição.

A constituição da Zâmbia garante direitos fundamentais como direito à vida, liberdade de consciência, expressão e reunião, a todos os cidadãos, independentemente da raça, local de origem, sexo, ideologia política, opinião, credo ou cor.

Com uma superfície de 752.620 km2, a Zâmbia contava recentemente com uma população de 4 635 000 habitantes, (apenas 50 000 de origem europeia ou asiática), três quartos dos quais vivem da agricultura. A principal indústria baseia-se na extracção do cobre.

Com a independência foi abolido o «apartheid», e o Governo implantou a integração racial nas escolas. Assim, em 1965, era criada a primeira Universidade Nacional e a frequência dos estabelecimentos secundários passou de 7000 para 35 000 alunos.

Quanto aos Serviços de Saúde, a Zâmbia dispunha, à data da independência, de 48 hospitais, número que desde aí se elevou para cerca de oito dezenas.

PUBLICIDADE

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

A TODOS OS TRABALHADORES

Todos os Trabalhadores da secção de distribuição da Soc. Vinhos do Sul desde há muito que estão em luta pelo cumprimento, por parte da entidade patronal, do CCT do Sector de Vinhos, no que respeita ao pagamento das refeições.

A entidade patronal em represália à justa luta dos Trabalhadores instaurou um inquérito disciplinar aos Trabalhadores.

Os Trabalhadores em face da atitude da entidade patronal iniciaram uma paralisação de trabalho, apoiados por este Sindicato, exigindo que a entidade patronal levantasse os inquéritos disciplinares que decorriam injustamente.

Nesta data e porque o Encarregado tentou agredir o Delegado Sindical, o Presidente da Direcção deste Organismo JOSÉ BORGES, deslocou-se ao armazém da firma onde estava a ter lugar a referida paralisção.

O referido Dirigente, quando cumprindo a sua obrigação procurava defender os interesses dos Trabalhadores, foi abordado pela polícia, que havia sido chamada pela entidade patronal, sendo imediatamente preso.

TRABALHADORES PORTUGUESES, não podemos ficar indiferentes a este acontecimento.

Não é prendendo DIRIGENTES SINDICAIS que avançaremos para uma sociedade mais justa.

Temos que obrigar os responsáveis deste País a rever a sua política antioperária.

Neste momento, os trabalhadores portugueses poderão ver através destes actos, de que lado está o Governo e a quem ele protege.

SÓ UNIDOS, TODOS OS TRABALHADORES CONQUISTARÃO OS SEUS DIREITOS.

DEFENDAMOS O DIREITO DA LIBERDADE SINDICAL!

NÃO AOS JULGAMENTOS ARBITRÁRIOS!

PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES!

Lisboa, 22 de Outubro de 1976.

A DIRECÇÃO
(ilegível)

PUBLICIDADE

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

A TODOS OS TRABALHADORES

A COMISSÃO DE TRABALHADORES do Sindicato de Garagens, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul, porta-voz dos 30 trabalhadores existentes, manifestam o seu mais vivo repúdio pela prisão arbitrária de um Dirigente Sindical, que cumpria a sua obrigação de defesa dos trabalhadores.

Actos destes não se podem permitir e como trabalhadores exigimos a libertação imediata do TRABALHADOR Dirigente Sindical JOSÉ BORGES, que hoje, ao tomar posição face à justa luta dos trabalhadores da Soc. Vinhos do Sul, foi preso por ordem da entidade patronal.

NÃO AOS JULGAMENTOS ARBITRÁRIOS!
ABAIXO O PODER CAPITALISTA!
A LUTA É DURA, MAS UNIDOS SAIREMOS VITORIOSOS!

Lisboa, 22 de Outubro de 1976.

A COMISSÃO DE TRABALHADORES

PUBLICIDADE

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

COMUNICADO

Texto do telegrama enviado em 22/10/76 para Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro, Ministério da Justiça, Ministério da Administração Interna, Ministro do Trabalho:

«Corpos Gerentes do Sindicato de Garagens, Transportes do Centro e Sul, manifestam indignação face prisão arbitrária do seu Presidente da Direcção JOSÉ BORGES quando cumpria a sua obrigação de defender os trabalhadores. Exigem a sua imediata libertação. Responsabilizam as autoridades do País pelas possíveis consequências das tomadas de posição que os trabalhadores se vejam obrigados para obter libertação imediata do referido Dirigente.

SINDICATO GARAGENS»

Lisboa, 22 de Outubro de 1976.

A DIRECÇÃO
(ilegível)

PUBLICIDADE

COMUNICADO

As Direcções dos Sindicatos Livres dos Profissionais Rodoviários e Garagens dos Distritos do Porto e Braga repudiam, veementemente, a prisão arbitrária do Presidente da Direcção do Sindicato de Garagens e Transportes do Centro e Sul, JOSÉ BORGES, e estão solidários com as formas de luta que os seus Camaradas do Sindicato de Garagens e Transportes do Centro e Sul venham a adoptar, face a este grave atentado às liberdades dos trabalhadores.

ESTÃO SOLIDÁRIOS COM ESTE COMUNICADO AS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS: Sindicato Livre dos Empregados de Garagens do Distrito de Braga, Sindicato — T. U. L.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE AVEIRO

SEDE EM RIOMEÃO

COMUNICADO

Com o fim de analisarem em conjunto, alguns dos problemas que neste momento preocupam não só os Trabalhadores da Metalurgia, como todos os Trabalhadores em geral, reuniram na Sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, em Riomeão, no dia 12/10/76 elementos da Direcção deste Sindicato e do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, tendo analisado entre outras questões, as seguintes: Legislação de Trabalho aprovada em Conselho de Ministros e a realização do Congresso de todos os Sindicatos, tendo concluído:

1 — Exigir que não seja publicada Legislação de Trabalho sem uma prévia consulta das Organizacões dos Trabalhadores, tal como está consignado na Constituição.

Alertar o Presidente da República e Conselho da Revolução para que nos termos da Constituição não promulguem tais diplomas, pois para além de anticonstitucionais são lesivos dos mais legítimos direitos das massas trabalhadoras.

2 — Apelar a todas as Direcções Sindicais e todos os Trabalhadores, para uma ampla mobilização e uma ampla discussão do Projecto de Regulamento para que se avance decididamente na realização do Congresso, para reforço da nossa organização e da nossa Unidade.

A todas as Direcções Sindicais para que se ultrapassem as divergências de pormenor ainda existentes e participem na discussão de todos os trabalhos referentes ao Congresso.

Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro
Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa

Riomeão, 18 de Outubro de 1976

Pel'A DIRECÇÃO
(Assin. ilegível)

Nacional

JUNTO À SECIL

SETECENTOS CAMIONISTAS BOICOTAM SAÍDA DE CIMENTO

SETÚBAL, 23 — Protestando contra medidas tomadas pelas Secretarias de Estado da Indústria Pesada, Construção Civil e Comércio Interno cerca de 700 camionistas concentraram-se junto à fábrica de Cimento Secil, impedindo a saída do produto e recusando-se a carregá-lo.

Ontem uma comissão de luta negociou com a Secretaria de Estado da Indústria Pesada a alteração do regulamento de entregas de cimento ensacado, que aquelas entidades governamentais promulgaram com o objectivo de corrigir diversas distorções na comercialização do cimento e pôr termo ao mercado negro. As negociações não tiveram êxito, embora haja sido satisfeita a reivindicação da abertura de todas as fábricas de cimento ao regime da venda livre.

O regulamento em causa estipulava a marcação prévia dos levantamento do produto junto das fábricas, tendo em conta a prioridade dos consumos mais urgentes, comprovados documentalmente, mas os camionistas consideram errado o sistema de levantamentos com marcação prévia, argumentando que, se um camionista transporta um produto de Bragança para Coimbra, por exemplo, é errado que não possa carregar cimento nesta cidade, sendo obrigado a ir a Lisboa ou Setúbal, sem carga, para arranjar cimento.

Entretanto levanta-se agora o problema das saídas das encomendas a granel, a que a Secil está vinculada, por contrato, com grandes clientes. A manter-se o boicote dos camionistas à saída do cimento, importantes obras, com prazos marcados, podem vir a ser seriamente afectadas.

A concentração dos «pesados» junto à Secil

Os camionistas afirmam que a luta que desenvolvem se processa à margem dos sindicatos e de «manobras político-partidárias».

Segundo uma outra informação, cerca de 30 por cento dos camionistas são retornados, que não pagam impostos. Compram o saco de cimento a 50$60 e vendem-nos aos outros camionistas a 85$00 para estes não estarem tanto tempo à espera...

QUINZE DESPEDIMENTOS NAS O.G.M.A.

. O Estado-Maior da Força Aérea divulgou ontem um comunicado tornando público os motivos que levaram ao despedimento de 15 trabalhadores das O. G. M. A., Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, de Alverca. De acordo com aquela entidade, o absentismo prepondera entre os motivos do despedimento. O E.-M. F. A. acusa a Comissão de Trabalhadores das O. G. M. A. de incompreensão e bem assim de responsabilidade pela realização de um plenário em horas de serviço no passado dia 15 («sabendo claramente não dispor de competente autorização»). O comunicado historia os acontecimentos até ao recente despedimento e invoca que o E.-M. F. A. não pode «demitir-se das suas responsabilidades». Mais informa: «Outras sanções de menor monta terão igualmente lugar.»

. O E.-M. F. A. fala da «existência de absentismo excessivo»: «Cerca de 50 por cento dos trabalhadores têm idades iguais ou inferiores a 22 anos, o que reduz a incidência das faltas por doença real»

«No entanto, constata-se que em 1975, para uma força laboral na ordem das 3500 pessoas, ocorreu uma ausência diária média de 742 trabalhadores. Isto é, em 246 dias úteis de trabalho no ano de 1975, em média, cada trabalhador não compareceu durante 52 dias úteis. No que respeita aos primeiros nove meses de 1976, os valores respectivos para uma força laboral de cerca de 3200 pessoas foram 617 os trabalhadores ausentes diariamente, com um total de 35,3 dias úteis sem trabalhar, e isto em relação a um máximo de 189 dias úteis de trabalho. Em consequência, diz o texto, «a produtividade média desceu mais do que 15 por cento no mesmo período, verificando-se que grande parte da frota da Força Aérea se encontra imobilizada em Alverca, provocando restrições operacionais e acréscimo significativo de custos a suportar pelo erário público e pelo contribuinte em geral.»

. «Em 8 de Outubro do ano corrente» — diz o comunicado do E.-M. F. A. — «a direcção das oficinas de Alverca promulgou um conjunto de três directivas que, dentro do indispensável enquadramento legal, visam cercear abusos que conduziram a taxas de absentismo inaceitáveis verificados no decurso dos anos de 1975 e 1976.»

. O comunicado do E.-M. F. A. diz reconhecer que «a grande maioria dos trabalhadores das oficinas de Alverca são profissionais competentes e capazes, perfeitamente aptos a possibilitarem uma evolução daquela organização no melhor sentido em que se julga ser por todos desejado. «Espera-se» — diz o E.-M. F. A., a terminar — «em conformidade, que a situação real seja assim compreendida e, portanto, ultrapassada uma fase que tem muito de indesejável e não concorre para a realização dos interesses fundamentais dos próprios trabalhadores.»

. Espera-se uma tomada pública de posição por parte da Comissão de Trabalhadores das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico.

PUB

SINDICATO
DA INDÚSTRIA METALÚRGICA
DO DISTRITO DO PORTO

O Sindicato dos Metalúrgicos do Porto vêm prestar a sua solidariedade aos trabalhadores do comércio do distrito do Porto, e apoiar a moção aprovada por unanimidade e aclamação em plenário realizado no 14.º dia da sua justa greve, em luta por um C. C. T. digno.

Nesta moção destacamos:

— O repúdio pela actuação estúpida, selvática e inexplicável das forças policiais contra os grevistas, na Rua das Flores, na manhã do dia 19/10/76, ferindo vinte trabalhadores, dos quais um em estado grave.

— Mais uma vez a manifestação do instinto antidemocrático da Polícia do Porto, apesar da declaração do Primeiro-Ministro de que as forças de segurança «...têm necessariamente de ser vistas, em democracia por forma bem diferente do que eram no antigo regime...».

— Que o comportamento da Polícia, denuncia mais uma vez, que os responsáveis, principalmente o Governador Civil se colocam ao lado dos patrões e exploradores.

E apoiamos:

— O vivo repúdio manifestado pela intervenção policial.

— A exigência de um esclarecimento público do Governador Civil.

— A denúncia ao Conselho da Revolução da situação antidemocrática que se vive no Porto.

— O envio da moção a todos os Sindicatos, Uniões e Federações, bem como a todas as embaixadas dos países com os quais mantemos relações diplomáticas.

— Na unidade a nossa força.

— Forças de segurança ao serviço do Povo e não ao serviço da exploração.

A DIRECÇÃO

Nacional

Algo está podre no reino das maçãs

. Desde meados de Setembro que se apanha maçã no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda. Até aqui muito bem. Alguns produtores, porém, começam a queixar-se da maneira como funciona a Cooperativa de Frutas da Guarda, da qual são sócios. Queixam-se de não terem ainda recebido o dinheiro da maçã colocada o ano passado na cooperativa, maçã essa paga ao produtor a 15 tostões o quilo.

Por outro lado, e a agravar a situação, os produtores espantam-se de que o fruto que podia servir de alimentação a tanta gente tenha sido enterrada às toneladas. «Se algumas maçãs estavam podres, a maioria delas era de qualidade extra ou de primeira. Até arrepia ver tanta estragação. Abriram-se valas para enterrar as maçãs e mesmo essas valas foram pagas pelos sócios» — diz um produtor de maçã. Depois de acrescentar que essa maçã deveria ir para hospitais, asilos e creches onde certamente fazia falta, o agricultor interroga-se: «Quanto irão agora receber a mais por quilo os sócios se a sua maçã foi para a vala?»

O relato das irregularidades que se passam na Cooperativa de Frutas da Guarda não fica por aqui. Há muitas mais questões. Por exemplo: os sócios do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo vão despejar nas valas a maçã em caixotes sujos que tinham sido utilizados no ano passado. Havia outra alternativa que era irem buscar caixotes a uma povoação situada a 30 quilómetros da Guarda. Quanto não lhes custaria o transporte? — pergunta-se.

Os agricultores referem-se também ao facto de a maçã deste ano ter apanhado em cima com as trovoadas e estar reduzida a um tamanho relativamente pequeno devido às secas. Ora, a Junta Nacional das Frutas compra a maçã a dois escudos o quilo, mas recusa aquela que apresenta marcas do granizo. Acontece que os sócios que possuem maçã nessas condições são obrigados a vendê-la à cooperativa por um preço irrisório. Essa maçã destina-se a ser queimada e destilada. Os agricultores queixam-se, no entanto, de só agora se estar a tratar da fábrica de destilação na cooperativa, já bastante tarde.

Em face desta insólita situação, os produtores de maçã do distrito da Guarda, preocupados, encontram-se dispostos a «alertar as autoridades competentes para o defeituoso funcionamento da cooperativa.»

Franciscanos em Fátima

FÁTIMA, 23 — Decorre aqui no fim-de-semana a VI Concentração Nacional da Família Franciscana Portuguesa, integrada nas comemorações do 750.º aniversário da morte de S. Francisco de Assis.

Preside à concentração o patriarca D. António Ribeiro, tendo entretanto chegado ao Santuário vários bispos franciscanos e elementos das congregações masculina e feminina da Ordem.

HOSPITAL DE MAFRA
Para quando o fim das obras?

. «Existem buracos nos pavimentos e tectos que dão entrada a ratos e outeos hóspedes indesejáveis; através de janelas em deterioração, verifica-se a entrada de frio e moscas, como é óbvio, inadmissíveis em instalações hospitalares».

Estas são algumas das deficiências do Hospital de Mafra, apontadas por um dos seus médicos.

As obras ali em curso arrastam-se há bastante tempo e, apesar de a sua conclusão ter estado prevista para o passado mês de Maio, não se vislumbra sequer quando isso acontecerá.

«Não existe aquecimento central, não existe água quente canalizada e não existe sistema conveniente de iluminação» — prossegue o nosso interlocutor.

Claro que, perante este «panorama», a maior parte dos doentes segue para os Hospitais Centrais. Fala-se da necessidade de descentralização do sistema hospitalar; fazem-se discursos — mas as obras no Hospital de Mafra nunca mais acabam. E isto a 40 quilómetros de Lisboa, quanto mais lá para o interior.

O concelho de Mafra engloba 15 freguesias com um total de aproximadamente 36 mil habitantes. Para esta população há apenas o Hospital Distrital de Torres Vedras, o Centro de Saúde Hospitalar de Torres Vedras e finalmente o Centro de Saúde de Mafra. Por último, e quase sempre, eis o método utilizado: ambulância e Hospital de S. José.

POSTO DE SOCORROS?

A prestar serviço no Hospital estão apenas quatro médicos, cinco enfermeiros, três trabalhadores dos Serviços Administrativos e nove serventes.

Os Serviços que se encontram em funcionamento são o: Posto de Socorro, consulta de Cirurgia Geral, consulta de Oftalmologia e Internamento de Medicina. No edifício funciona ainda o Posto Médico de Mafra dos Serviços Médico-Sociais.

Entretanto um ponto controverso tem suscitado a polémica na população: o Posto de Socorros. Segundo um médico do Hospital, dr. Pedro Leitão, as emergências estiveram quase sempre ao cuidado dos enfermeiros de serviço, os quais frequentemente (e tal só é admissível reconhecendo que a presença de médicos no sector foi esporádica e não permanente) excederam, por motivos de vária ordem, as suas atribuições, ao ponto de executarem actos médicos — administração de medicamentos sem aval médico, suturas, etc.

O posto de Socorros tal como se entende é uma Unidade de Saúde a cargo de um ou mais enfermeiros. Agora o que um Posto de Socorros não pode ser é um «Serviço de Urgência ou Banco».

E, tal como se deve entender por um Posto de Socorros, esse sempre esteve em funcionamento. O que foi encerrado foi o serviço de «Banco».

CENTRO DE SAÚDE

O Centro de Saúde de Mafra tem condições óptimas para certo tipo de assistência, adaptadas às necessidades, cómodas para utentes e trabalhadores.

Assim se encontra a assistência à população de Mafra e arredores. Há que descentralizar o serviço hospitalar. Mafra seria um bom começo. Mas essa reestruturação deve fazer-se ouvindo todos os interessados: Agora, a ser correcta a nossa informação não se pode, nem se deve «abrir» um «Banco» sem para que isso haja as mínimas condições.

Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário do Porto perante a situação da "Maconde"

O «Jornal de Notícias» de 19-10-76 trazia um comunicado da Gerência da «MACONDE — Confecções, Ld.ª» que a dado passo dizia: «como sempre se afirmou, para a solução do problema apenas e só é necessário o *cumprimento da lei*». E ainda: «Ficamos certos que a Unidade Fabril de Braga irá laborar com a mesma camaradagem, ordem, interesse e *entusiasmo*».

TRABALHADORES:

É grave e por isso urgente que desmontemos estas afirmações de princípios, com a prática concreta dos acontecimentos:

1) Como se entende que a gerência afirme que só é *necessário o cumprimento da lei se o que foi violado foi a própria lei, decreto n.º 215-B/75*, capítulo III 25.º e capítulo II do actual CCT que deu origem ao actual conflito Maconde?
2) Mais, se é o cumprimento da lei que desejam, como se entende que os trabalhadores das várias fábricas Maconde tenham medo de expor os seus pontos de vista, de terem delegados sindicais, como no caso da Maconde de Vila do Conde?
3) Como se entende que os trabalhadores tenham medo de se organizarem senão devido unicamente às ameaças veladas da gerência ou seus representantes?
4) Por isso pensamos que a certeça com que a Gerência da Maconde fica na existência de entusiasmo dos trabalhadores não corresponde à VERDADE *porque onde há MEDO não há ENTUSIASMO*.
5) É já do conhecimento dos trabalhadores do sector, que houve manobras dentro de uma das fábricas da Maconde para a retirada de regalias, consagradas no actual Contrato Colectivo de Trabalho. Houve recusas dos trabalhadores o que nos prova que *NÃO HÁ PAZ NA MACONDE*, porque a *PAZ É OBRA DE JUSTIÇA*, tal imprime a consignação dos direitos fundamentais da PESSOA HUMANA.

OS TRABALHADORES DA MACONDE DE BRAGA TÊM DE VENCER!

OS OBSTÁCULOS CRIADOS À LIBERDADE SINDICAL NA EMPRESA, NÃO PODEM CONTINUAR NA MACONDE! E... PORQUÊ?

— Porque esses obstáculos são criados pelos que ganham 8, 10, 15 e 30 contos para que os operários não sejam informados e assim não possam apresentar aos gerentes os seus pedidos e reivindicações.

O obscurantismo, a ignorância e o medo foram as armas, entre outras, que o fascismo usou para nos calar e amedrontar.

— NÃO QUEIRAMOS, NÃO PERMITAMOS que os chefes das empresas Maconde e que ganham 8, 10, 15 e 30 contos, nos continuem a querer enganar. *Haja honestidade. O fascismo acabou.*

TRABALHADORES DO VESTUÁRIO!

TRABALHADORES DA MACONDE! A UNIDADE NÃO PODE SER UMA PALAVRA. TEM QUE SER UMA PRÁTICA DO DIA A DIA!

— Que os trabalhadores que estão na cantina em atitude de greve tenham a coragem de ultrapassar a sua posição e juntar-se aos seus colegas que estão a trabalhar. O contrário é estar contra si mesmo e contra a sua classe — *OS TRABALHADORES*.

— Que os trabalhadores da Maconde de Braga, de Vila do Conde, da Póvoa de Varzim e da Maia, tenham a coragem de estar UNIDOS, ATENTOS E ORGANIZADOS pois só assim construiremos uma SOCIEDADE MAIS JUSTA E MAIS FRATERNA.

CUMPRASSE A LEI NA MACONDE!

HAJA LIBERDADE SINDICAL, CUMPRAM-SE OS CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO, CONTRATO QUE PREVÊ AUMENTO DE SALÁRIOS NA SUA CLÁUSULA 110.º!

H....AS MULTINACIONAIS-MONOPÓLIOS OBEDEÇAM À CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA!

VENÇA-SE O MEDO PARA QUE HAJA UNIDADE E PAZ!

TRABALHO SIM, MAS SEM AMEAÇAS E EXPLORAÇÃO

UNIDOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

PUB

CONTRATO
COLECTIVO VERTICAL
DE TRABALHO DAS MADEIRAS

COMUNICADO

CAMARADAS

Como sempre temos afirmado os patrões não querem negociar o nosso CCT. Dizem por palavras que o querem fazer e não o demonstram por actos. Assim:

— As negociações arrastam-se desde Março deste ano devido aos constantes boicotes provocados pelas associações patronais.

— Estas, comprometeram-se por várias vezes acabá-las num prazo que propuseram e nunca o cumpriram.

— Nos últimos dias assinaram uma acta em que se comprometeram apresentar uma grelha salarial única que englobasse todas as profissões do contrato e entregaram cinco em que iam ao ponto de propor salários ridículos inferiores aos da actual tabela em vigor.

Em face desta situação, ontem, dia 18, centenas de delegados sindicais da zona do Porto compareceram na delegação do Ministério do Trabalho nesta cidade em apoio dos seus dirigentes e comissão negociadora sindical. Existindo comprovada falta de iniciativa negocial por parte do patronato, o delegado do Ministério do Trabalho entendeu que a única via para solucionar a questão era a saída do CCT por portaria, o que tinha o nosso acordo, e que iria fazer todos os esforços para que isso sucedesse o mais rapidamente possível.

Camaradas, apelamos para a tua activa participação nos plenários a realizar e na luta que tem que ser desenvolvida para que o ministério do trabalho faça publicar o mais rapidamente possível uma portaria de regulamentação de trabalho que responda aos justos anseios e necessidades de cerca de cento e cinquenta mil trabalhadores deste país, abrangidos pelo CCT, que ainda vivem em precarissimas condições de vida.

Mantem-te em permanente contacto com o teu sindicato. Defendamos todos a nossa unidade e repudiem as manobras reaccionárias dos que nos procuram dividir.

A luta continua

Unidos e organizados venceremos

A Comissão Sindical Negociadora

Porto 19 de Outubro de 1976

Necrologia

JOSÉ PEREIRA SEQUEIRA

Faleceu o sr. José Pereira Sequeira, de 68 anos, natural de Valado dos Frades (Nazaré), casado com a sr.ª D. Maria Vieira Jorge, pai do sr. Carlos Alberto Vieira Sequeira, sogro da sr.ª D. Maria Isabel Pinto Sequeira.

O funeral realizou-se ontem, às 15.30, da igreja de S. Jorge de Arroios para o cemitério do Alto de S. João.

Trabalho

OS «TÊXTEIS» EM LUTA

Prevêem-se greves de uma hora

Os cerca de 300 mil trabalhadores do sector têxtil de todo o país discutirão durante a próxima semana, em reuniões plenárias, um programa de luta que inclui paralisações de uma hora em cada turno, a nível nacional, nos dias 3, 4 e 5 de Novembro próximo, se o patronato continuar a recusar negociações com vista à celebração de um contrato colectivo de trabalho único e vertical. Será definitiva, neste aspecto, nova diligência junto do Ministério do Trabalho, na próxima terça-feira, por parte da Federação Nacional dos Sindicatos do Pessoal da Indústria de Lanifícios.

O anúncio das formas de luta em perspectiva foi feito durante uma conferência de Imprensa realizada esta manhã na sede do Sindicato dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul. Estavam representados Sindicatos de todo o país. Os pormenores sobre a actual situação das negociações foram dados por Manuel Lopes e por Kalidás Barreto (o último, deputado pelo PS à Assembleia Constituinte).

Os Sindicatos Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Tapeteiros e Cordoeiros, através da sua federação, e em conjunto com todos os restantes sindicatos representativos de trabalhadores ocupados no sector, apresentaram efectivamente uma proposta de contrato único e vertical às Associações patronais. Este contrato visa — conforme foi afirmado — «unificar os diversos contratos em vigor no seio do sector e que criam injustas e injustificadas situações de desigualdade flagrante entre os trabalhadores e, às vezes, dentro da própria empresa. Associações patronais têm manifestado o seu desacordo relativamente a estas desigualdades e, recentemente, o ex-secretário de Estado da Indústria do actual Governo José Rabaça pronunciou-se contra elas. Curiosamente, na empresa de que José Rabaça é patrão, os operários estão actualmente sujeitos a dois contratos diferentes.

CERTOS NA MESMA NOTA

Entretanto, os patrões, comportando-se embora diferentemente uns dos outros, acertam na mesma nota, quando se trata de recusar a celebração do contrato único e vertical. Perante esta situação os Sindicatos contactaram o ministro do Trabalho, o qual, depois de reconhecer a justeza das suas posições, decidiu promover uma reunião com as associações patronais, convocadas por escrito e com aviso de recepção, para o dia 18. A reunião, presidida pelo subsecretário de Estado do Trabalho, faltaram as associações patronais do Vestuário e a maioria esmagadora dos patrões dos Lanifícios. Por seu lado, as associações representadas afirmaram recusar-se a negociar um contrato único, mesmo que os Ministérios do Trabalho e da Indústria entendam ser esse o caminho a seguir.

Tal atitude foi tomada pelos patrões, após o subsecretário de Estado ter dito que iria consultar o Ministério da Indústria para este se pronunciar sobre se existe ou não um único sector económico (os têxteis) artificialmente dividido. Na opinião dos Sindicatos, «que se trata de um único sector já o Ministério da Indústria o reconheceu, ao criar o G. I. S. T. — Gabinete de Intervenção do Sector Têxtil e definindo-lhe como âmbito de intervenção precisamente aquele que os Sindicatos consagram na sua proposta de C.C.T. único.»

. Durante a conferência de Imprensa, o comportamento das Associações patronais (salvo três excepções, nos Lanifícios) foi classificado de manobra que visa dividir os trabalhadores, lançando uns contra os outros. Objectivamente, os patrões estariam a desrespeitar o Governo e a lei, procurando impedir a celebração do contrato e garantir assim a continuidade da situação actual.

Para lá das formas de luta inicialmente referidas, os trabalhadores — ao que foi dito na conferência de Imprensa — «lutarão com firme determinação para que a razão prevaleça e a contratação colectiva não volte, como desejam os patrões, e o seu chefe de fila — o sr. Vasco de Melo, da C. I. P. — ao tempo do fascismo».

«Nem sequer ao evocarem a existência de uma crise no sector os patrões têm razão, pois os trabalhadores sabem que as fábricas dispõem de uma boa carteira de encomendas» — afirmou um dos sindicalistas presentes na conferência de Imprensa, que adiantou também:

«Contratos colectivos há que andam em negociações há mais de oito meses. No sector têxtil, não podemos consentir tais demoras. Não se compadecem com elas os salários de miséria que em grande parte são praticados».

Relativamente às greves de uma hora previstas para o início de Novembro, foi entretanto precisado que elas não abrangerão, por ser justo, as empresas em autogestão, cooperativas ou intervencionadas.

DURANTE O FIM-DE-SEMANA

Sindicatos portugueses aprovam regulamento do Congresso

Encontra-se a decorrer desde o fim da manhã nas instalações da F. I. L., em Lisboa, um plenário aberto a todos os sindicatos portugueses para discussão e aprovação do regulamento do próximo Congresso sindical. Na reunião, que se prolonga por todo o fim-de-semana, participam algumas centenas de organizações sindicais, convocadas pela comissão nacional organizadora provisória do Congresso de Todos os Sindicatos (CNOP).

Foram convidadas a fazer-se representar no plenário, que encerrará o processo de discussão do projecto de regulamento apresentado em princípios de Setembro pela CNOP, «todas as organizações sindicais — mesmo as que ainda não tenham participado nos trabalhos preparatórios». Na convocatória a CNOP chamava também a atenção para a importância desta reunião no que respeita à «unidade dos trabalhadores portugueses e do seu movimento sindical».

O plenário aprovará a versão definitiva do regulamento do Congresso, cujo projecto, contendo várias alternativas nos pontos mais controversos, foi amplamente discutido ao longo das últimas semanas, de norte a sul do País, em reuniões de empresas e sindicatos. No distrito de Lisboa efectuaram-se 327 plenários de empresas, 253 encontros promovidos pela comissão dinamizadora distrital e 74 assembleias sindicais; a discussão preparatória, no distrito do Porto, abrangeu organizações representativas de cerca de 88 por cento dos sindicalizados.

Durante o plenário será igualmente eleita a comissão nacional organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos (CNOC), cessando funções a comissão provisória (CNOP) eleita em anterior plenário, realizado em 4 de Setembro.

À hora de encerrarmos esta edição desconhecia-se, ainda, o número exacto das organizações sindicais presentes.

A unidade dos trabalhadores na luta contra a legislação antioperária e na defesa dos seus interesses foi mais uma vez posta em destaque no comício que a CIL promoveu ontem em Sacavém

TRABALHADORES QUEREM PARTICIPAR NA ELABORAÇÃO DAS LEIS

Trabalhadores presentes no comício que a Cintura Industrial de Lisboa promoveu ontem em Sacavém, aprovaram uma moção em que exigem ao Governo e à Assembleia da República a sua participação imediata na legislação de trabalho, especialmeme no que toca ao controlo operário, lei da greve, contratação colectiva, despedimentos, lei sindical e horário de trabalho.

Jerónimo de Sousa, membro do secretariado provisório das comissões de trabalhadores da C.I.L., salientou que uma das tarefas que neste momento se impõem às massas trabalhadoras é a análise da legislação antioperária e a criação de condições para a combater, apresentando soluções concretas que visem impedir a recuperação capitalista. Acrescentou que os trabalhadores, quer em plenários de empresas quer em reuniões gerais, têm protestado contra as medidas antioperárias anunciadas pelo Governo, o que demonstra que «os trabalhadores repudiam qualquer legislação antioperária, venha ela de onde vier».

Outro interveniente no comício foi Carlos Carvalho, do secretariado Nacional da Intersindical que focou a unidade dos trabalhadores e a organização do Congresso dos Sindicatos. Referindo-se aos sindicatos ditos democráticos, C. Carvalho afirmou: «... todos os trabalhadores sabem que uma coisa é dizerem-se democráticos e outra coisa é serem efectivamente democráticos. Em assembleias recentes, os sindicatos da «Carta Aberta» demonstraram que respeitam tudo menos a vontade dos trabalhadores». Acentuou ainda Carlos Carvalho que «os argumentos dos adeptos da «Carta Aberta» só servem para tentar justificar a divisão do movimento sindical que eles pretendem. Mas essa justificação não lha darão os trabalhadores portugueses.»

Falou depois um elemento da União dos Sindicatos de Lisboa, João Silva, que referiu o processo de luta dos trabalhadores durante os dois últimos anos.

Um membro da Comissão de Trabalhadores da empresa intervencionada «Intento» anunciou a reintegração dos onze elementos suspensos daquela comissão.

O plenário aprovou várias moções de protesto contra as ingerências no Sindicato da Hotelaria e contra as tentativas para pôr em causa a Reforma Agrária

DIRIGENTE SINDICAL PRESO QUANDO DEFENDIA INTERESSES DOS TRABALHADORES

O presidente do Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul, José Borges esteve ontem detido dez horas nos calabouços do Governo Civil e da Judiciária, por ter defendido um delegado sindical no seu local de trabalho.

José Borges foi preso ontem, cerca das dez horas da manhã no armazém da Sociedade dos Vinhos do Sul, onde se deslocara por o encarregado ter ameaçado agredir com uma garrafa um delegado sindical. Os trabalhadores tinham decidido paralisar ontem a sua actividade para tentar obter o cumprimento por parte da empresa do acordo sobre o pagamento das refeições (devidas nos termos do CCT do sector dos Vinhos). O presidente do Sindicato, ao deslocar-se àquele local de trabalho, não só apoiou os trabalhadores nas suas reivindicações como também tentou obter o fim dos processos disciplinares injustamente instaurados a três trabalhadores.

A entidade patronal entretanto, chamou a PSP, cuja patrulha abusivamente interveio no conflito, tentanto forçar o presidente do sindicato a deslocar-se à esquadra. Este respondeu que se encontrava ali no exercício legal das suas funções e que só iria à esquadra se lhe dessem voz de prisão, o que aconteceu sob a alegação de «desobediência à autoridade», tendo o dirigente sindical passado o resto do dia na esquadra, nos calabouços do Governo Civil e da Judiciária e nos Juízos de Instrução Criminal.

Trabalhadores de várias empresas rodoviárias do Centro e Sul mobilizaram-se para uma manifestação em frente à Polícia Judiciária que se efectuaria se José Borges não fosse libertado até ao fim da tarde. Isto não chegou a acontecer porque o Juiz de Instrução Criminal, embora mandando continuar a instrução preparatória do processo, considerou que não havia indícios de ilícito criminal e ordenou a libertação daquele dirigente sindical.

Entretanto, a entidade patronal da Sociedade de Vinhos do Sul, não contente com a actuação anterior, conseguiu realizar ontem à noite uma reunião dos trabalhadores que não paralisaram para propor o despedimento dos trabalhadores que aderiram à paralisação.

O Sindicato de Garagens emitiu um comunicado em que afirma que este caso não se trata de «um mero caso isolado, mas antes de uma larga ofensiva do patronato, com a cobertura policial, para atemorizar e desmobilizar os trabalhadores e conseguir, na prática, a destruição dos direitos e garantias dos trabalhadores, tão duramente alcançados».

«HOMENS DA RUA»

Subsídio de desemprego até 31 de Dezembro

. Foi publicado hoje no «Diário da República» um despacho conjunto dos Ministérios do Trabalho e dos Assuntos Sociais prorrogando até 31 de Dezembro a vigência do subsídio especial de desemprego que vinha sendo atribuido, desde Junho, aos trabalhadores portuários denominados «homens da rua».

O despacho conjunto considera, para a prorrogação da vigência do subsídio em questão, «que se mantêm, em parte, mau grado esforços feitos em contrário, os pressupostos com base nos quais foi proferido o despacho de 30 de Junho de 76». Quer dizer, mantém-se a situação em que os «homens da rua» se encontram. E o despacho presente vem apenas adiar, pelo menos até ao fim deste ano, a resolução do problema.

HOLANDA

Sindicalistas emigrados lançam apelo a unidade

. «Somos trabalhadores portugueses emigrados na Holanda, país onde existem várias centrais sindicais, e portanto conhecem bem as consequências dessa divisão para a nossa unidade na luta».

A advertência parte de um grupo de dezanove sindicalistas portugueses emigrados na Holanda, e consta de uma carta aberta aos trabalhadores do nosso País elaborada durante um curso de formação sindical da central NVV, realizado há pouco mais de uma semana, em Epe.

Este grupo de emigrados protesta contra a revogação do princípio da unicidade sindical, e apela «aos companheiros que, em Portugal, vendem a sua força de trabalho, para que não permitam que mais essa conquista do 25 de Abril lhes seja retirada, e que saibam construir a verdadeira unidade, a sua força, numa central sindical única ao serviço e nas mãos dos trabalhadores».

A carta, enviada aos órgãos de comunicação social, sindicatos, partidos políticos e Assembleia da República, termina com as palavras de ordem «em frente com a organização democrática do Congresso de todos os Sindicatos» e «os trabalhadores unidos vencerão».

Nacional

Concluímos hoje a publicação das declarações, que iniciámos ontem, de Octávio Pato, membro do Comité Central do PCP e ex-candidato à Presidência da República.

Na linha da primeira parte desta entrevista, que despertou um vivo interesse em vários sectores políticos, as declarações de Octávio Pato que agora damos à estampa abordam, por vezes em termos polémicos, alguns dos problemas, ou aspectos, da actual situação política.

A actividade das forças da direita e do imperialismo nos Açores e na Madeira, e as suas ligações com idênticas forças no Continente, é um dos temas abordados por Octávio Pato, que denuncia com veemência as «passeatas e viagens» do embaixador norte-americano em Lisboa, Carlucci.

No quadro da ofensiva que se vem desenvolvendo, por parte das forças reaccionárias, contra o Governo socialista, encarámos a hipótese de uma queda deste Governo, e pedimos a Octávio Pato que nos falasse da alternativa do PCP para esta eventualidade. Na circunstância, Octávio Pato abordou as dificuldades internas que o Partido Socialista tem conhecido ultimamente, e, como não podia deixar de ser, a questão das divergências entre o PCP e o PS foi também abordada. Octávio Pato defendeu a constituição de um governo com a participação não só de comunistas e socialistas, como de outros homens, civis e militares, interessados na defesa do processo democrático. Recordamos, a propósito, que Octávio Pato, nas declarações que ontem publicámos, se referiu à possibilidade de uma aliança que inclua também o PPD como uma questão que, na actual correlação de forças, «não pode de maneira nenhuma deixar de ser considerada».

Sintomático é, a este respeito ainda, que Octávio Pato se haja referido à necessidade da unidade de esquerda não já para fazer avançar o processo democrático, mas para defender tão-somente as conquistas já alcançadas.

A política de austeridade e a questão dos sacrifícios para quê, e em benefício de quem, ou mais propriamente: para possibilitar a recuperação capitalista ou para se avançar na via socialista, é igualmente um dos assuntos aqui tratados, por Octávio Pato, que se interroga ao mesmo tempo sobre a origem do facto de certos sectores económicos nacionalizados continuarem por reestruturar.

OCTÁVIO PATO (P.C.P.) E O MOMENTO POLÍTICO

2. AUSTERIDADE [...] SIM, MAS NÃO PA[...] RECUPERAÇÃO C[...]

Entrevista conduzida por J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

«DL» — É hoje perfeitamente evidente que os Governos Regionais dos Açores e da Madeira, constituídos pelo PPD, estão já a servir para atacar o Governo Central, e poderão ter uma considerável influência de desestabilização política no País. Como é que você analisa esta situação?

. **Octávio Pato** — A questão dos arquipélagos dos Açores e da Madeira não é um problema recente. Desde há muito tempo que o meu partido vem levantando essa questão e vem afirmando ser absolutamente necessário restabelecer as liberdades democráticas nos Açores e na Madeira.

É um facto real que pelo menos em grande parte daqueles arquipélagos as liberdades democráticas são inexistentes. Não é, pois, de agora, que nós defendemos esta posição. Da mesma forma, aliás, que nós defendemos esta posição, chamamos a atenção para a necessidade de se proceder a transformações de ordem económica e social naqueles arquipélagos.

A este respeito, é curioso observar o seguinte: não é por acaso que é exactamente nas regiões que estão dominadas pela reacção que não se verificaram quaisquer transformações de ordem económica ou social. Se nós observarmos o que se passa no Alentejo e noutras regiões do País, constatamos que as transformações políticas foram sempre acompanhadas de profundas transformações económicas. Mas se formos para os Açores e para a Madeira, ou para certas zonas do continente, justamente porque as liberdades democráticas não foram restabelecidas, não se verificaram modificações de ordem económica e social, mantendo-se tudo quase como antes do 25 de Abril.

Seria errado pensar-se, contudo, que o perigo para Portugal do ponto de vista político ou económico, provém dos Açores. Os Açores, como a Madeira, não são mais do que uma base usada por outras forças que estão por trás das forças que actualmente reinam nos Açores. E essas forças são sem dúvida nenhuma a reacção internacional, e designadamente o imperialismo e os monopólios estrangeiros. O que hoje sucede nos Açores é que o imperialismo procura utilizar as forças dominantes nos Açores e na Madeira, assim como outras forças idênticas existentes no Continente, para pôr em causa a democracia portuguesa e outras conquistas fundamentais da Revolução Portuguesa.

UM VIAJANTE CHAMADO CARLUCCI

«DL» — Mas, a curto prazo, que pensa do facto dos Governos Regionais dos Açores e da Madeira virem a violar frontalmente os respectivos estatutos de autonomia, permitindo a constituição de um banco privado e reclamando a representatividade externa dos arquipélagos?

Octávio Pato — Quanto ao perigo da reacção criar a curto prazo, através dos Açores, uma espécie de «porta-aviões» de intriga e de conspirações contra a independência do nosso país e a democracia, é evidente que esses perigos são reais. O que nós lamentamos é que tenha havido tantas e tantas transigências relativamente a essas mesmas forças, que continuam, impunemente em muitos casos, a lutar contra a democracia portuguesa e contra a própria Constituição.

O nosso entrevistado usando da palavra durante um comício em Maio do ano corrente.

Não é por acaso que à frente do Governo dos Açores está alguém que era deputado no dia 24 de Abril, isto é: o homem que hoje está à frente do Governo dos Açores é precisamente um deputado fascista, um homem que foi deputado em duas legislações fascistas, na época salazarista e na de Marcelo Caetano, o único homem que, se não estou em erro, era recentemente deputado à Assembleia da República e, no dia 24 de Abril de 1974, era deputado na Assembleia fascista. Isto não é casual.

Mas já agora acrescento outra coisa: ouvi há dias um discurso do deputado Jaime Gama, onde este deputado socialista tomou posições, que considero positivas, contra o que se está a passar nos Açores, e designadamente, por exemplo, contra as tentativas de interferência por parte do imperialismo americano na vida portuguesa. Mas teria igualmente gostado de ouvir considerações análogas quanto às passeatas e às viagens que o embaixador dos EUA, Carlucci, tem feito por várias áreas do nosso país, como se, na verdade, ele não fosse um embaixador, mas fosse antes um representante de uma qualquer sociedade portuguesa.

SE O GOVERNO SOCIALISTA CAÍSSE

«DL» — As dificuldades que a economia portuguesa atravessam são grandes. Os problemas com que muitas camadas de trabalhadores se debatem, também. Se, em consequência de movimentos reivindicativos, de dificuldades administrativas, no quadro dos ataques que as forças da direita não cessam de desenvolver contra o governo socialista, este, por hipótese, caísse, que alternativa, que saída proporia o PCP?

Octávio Pato — Eu não digo nesse caso; eu digo desde já, desde ontem, desde hoje: não há alternativa para o País que não seja a formação de um governo verdadeiramente representativo e que esteja de facto disposto não apenas a respeitar a Constituição, mas a aplicar a Constituição e a defender as conquistas que nela estão consagradas.

Só um governo vitalmente interessado nestas soluções, e que oriente toda a economia portuguesa na via do progresso social e do socialismo, só esse governo será capaz de fazer sair o País das dificuldades em que se encontra.

As esperanças da direita ou os programas da reacção no sentido de restabelecer a economia portuguesa à custa dos trabalhadores, orientando-a na via da recuperação capitalista, conduzirão inevitavelmente, se porventura esta via fosse levada à prática, a tensões sociais e políticas que, a breve prazo, conduziriam ou a convulsões muito sérias na vida portuguesa — porque as classes trabalhadoras não estão de maneira alguma dispostas a ceder nas conquistas que são já de todo o povo português —, ou conduziria a uma ditadura reaccionária.

Não há meio termo, e é por isso que nós preconizamos a realização de uma política orientada efectivamente na via da consolidação das conquistas da nossa revolução. Isto pode parecer um chavão, um «slogan» muito batido, mas é a única alternativa possível, e continua a ser, neste momento, e na nossa opinião, a única alternativa justa, a única alternativa que corresponde às condições reais do nosso país. Estamos convencidos que é efectivamente possível a formação de um governo suficientemente representativo com comunistas, socialistas, civis e militares, isto é, com homens de várias tendências mas todos eles dispostos a manter as conquistas da nossa revolução e a encaminhar o nosso país na via do socialismo. Esta é a única via que, a nosso ver, pode corresponder às necessidades objectivas da vida portuguesa.

O PCP FACE ÀS DIFICULDADES NO PS

«DL» — Tem havido, nestes últimos dias, muitas especulações à volta da situação interna no Partido Socialista e da possibilidade de ocorrer uma cisão nesse partido. Nós consideramos que esta questão tem sido deliberadamente empolada por alguns órgãos de Informação, alguns com o objectivo transparente de enfraquecer o PS como meio de liquidar o Governo Constitucional e de pôr assim em causa as próprias conquistas da revolução de Abril.

O que é que se lhe oferece dizer sobre a questão?

Octávio Pato — Não nos cabe a nós analisar as dificuldades internas do PS, e não pretendemos fazer aquilo que outros já têm feito, isto é: alguns têm inventado dificuldades internas no PCP, têm sonhado com essas dificuldades porque desejam que elas existissem, mas como elas não existem, viram-se para outros horizontes.

No que respeita ao PS, podemos dizer que a reacção desejaria, sem dúvida nenhuma, que o PS ficasse dividido. Quando o PPD, por exemplo, muda de nome e passa a chamar-se PSD, é muito provável que esta mudança de nome não tenha apenas por objectivo o impedir que o MSD se transforme em PSD, quer dizer que aquelas forças que foram o produto de uma cisão verificada no PPD e que já antes haviam anunciado que se iriam transformar no PSD, o fizessem; cremos que esta mudança de nome do PPD para PSD não tem apenas isto como objectivo: deve ter também a pretensão de, por esta via, enfraquecer as posições do PS ou talvez mesmo aliciar certas tendências do PS. Seja como for, nós não procuramos de maneira alguma interferir nos problemas internos do Partido Socialista. Cabe aos militantes do PS discutir as dificuldades em que se debatem. De uma coisa, porém, estamos certos: consideramos que o PS é um partido que interessa ao processo democrático, e, ao contrário do que alguns possam pensar, não estamos de modo algum a trabalhar para enfraquecer o PS.

Nós, comunistas, o que desejamos é que o PS não siga uma política de direita, mas siga, sim, uma política de esquerda. Nós não empurramos o PS para a direita; o que nós desejamos é contribuir, na medida das nossas possibilidades, para que o PS realize a única política que, na nossa opinião, é a única que corresponde aos interesses dos trabalhadores, aos interesses da

Nacional

E SACRIFÍCIO RA FACILITAR APITALISTA

«Só um governo interessado em respeitar e aplicar a Constituição e defender as conquistas que nela estão consagradas pode fazer sair o País das dificuldades em que se encontra».

democracia portuguesa, quer dizer, que realize uma política de esquerda, e não uma política de recuperação capitalista, via que, de resto, só pode conduzir ao enfraquecimento ou mesmo ao esfacelamento do PS.

As dificuldades actuais com que o PS se debate creio que são o produto não apenas da ambiguidade da sua linha política, mas, também, o produto da política de direita que alguns ministros socialistas estão a procurar levar por diante.

DIVERGÊNCIAS PC-PS

«DL» — Nas teses do PCP para o próximo Congresso podem ler-se, relativamente ao PS coisas pelo menos aparentemente contraditórias; na realidade, aí se pode ler, em determinado passo, que o PS se colocou abertamente contra o processo revolucionário, e, algumas páginas à frente, refere-se o PS como um componente do movimento democrático. Que pensarão disto os próprios militantes do PCP? E que conclusões se poderão também tirar para a política de unidade de esquerda que vocês defendem?

Octávio Pato — Julgo que toda a gente sabe, incluindo os militantes do PS, que nos primeiros tempos do processo democrático houve uma cooperação entre comunistas e socialistas, encontros variados, e o acordo era mais ou menos geral sobre as questões fundamentais do processo democrático português.

As dificuldades entre comunistas e socialistas começaram a acentuar-se, e a acentuar-se cada vez mais, a partir do momento em que o País começou a ser encaminhado na via das transformações económicas. Nós, comunistas, sempre considerámos inseparáveis as transformações políticas das transformações económicas, e a partir do momento em que o País foi encaminhado na via da nacionalização dos bancos e dos seguros, e da nacionalização doutras indústrias básicas, quando, os trabalhadores do Alentejo iniciaram a Reforma Agrária, quer dizer: quando essas transformações económicas se começaram a processar, foi também a partir desse mesmo momento que se começaram a acentuar as divergências entre socialistas e comunistas, e em que a direcção do PS passou a tomar uma posição que nós consideramos contra o próprio processo revolucionário.

Porém, o facto de nós fazermos estas críticas ao PS, e de continuarmos a considerá-las válidas, e se hoje nós pensarmos que uma parte do Governo socialista está orientado não na via da consolidação de todas as conquistas da nossa revolução, mas na via da recuperação capitalista, é evidente que esta justa crítica não anula de maneira nenhuma uma outra constatação: é necessário trabalhar para que o PS modifique esta mesma linha política, para que o PS siga uma via diferente daquela que está a seguir.

Nós sabemos perfeitamente que os comunistas, sozinhos, não podem governar; mas sabemos também que não existem condições para que outro qualquer partido, sozinho, possa governar. Quer dizer: governar em Portugal na actual situação política implica alianças, e o problema que se põe é este: ou o PS se alia à direita, fazendo uma política de direita, ou o PS se alia à esquerda, fazendo uma política de esquerda.

«As dificuldades entre comunistas e socialistas começaram a acentuar-se a partir do momento em que o País começou a ser encaminhado na via das transformações económicas».

A UNIDADE ENTRE COMUNISTAS E SOCIALISTAS

«DL» — O PCP tem defendido, ultimamente, a necessidade de um governo de esquerda, a partir de uma aliança entre o PS e o PCP. Não falta, porém, quem observe, e sublinhe, que só após o 25 de Novembro é que o PCP passou a defender com insistência esta perspectiva.

Como interpretar esta viragem do PCP?

Octávio Pato — A questão, para nós, sempre foi esta: nós pugnamos, desde há muito, por uma unidade de acção com os socialistas; e sempre a defendemos, desde quando o PS era quase inexistente, na época fascista, quando havia núcleos socialistas nalgumas regiões, mas não existia um Partido Socialista no plano nacional.

A nossa linha política sempre foi portanto a defesa da unidade de acção de todas as forças orientadas no passado contra o fascismo e pelas liberdades democráticas, e depois do 25 de Abril, esse pensamento continuou a presidir à nossa acção.

Aliás, essa era precisamente uma das características singulares até do nosso processo revolucionário, em que a revolução portuguesa caminhou em frente mesmo sem a existência de um poder revolucionário. Na realidade, não existiu um poder revolucionário, o que houve foi representantes revolucionários nesse mesmo poder, nos órgãos desse poder, quer civil quer militar, mas o processo revolucionário avançou independentemente das forças que estavam no poder, precisamente porque a unidade de acção dos trabalhadores, aquela aliança que se forjou entre o povo, entre o movimento popular de massas e o MFA foi suficientemente forte para fazer com que os monopólios fossem destruídos, para que se iniciasse a reforma agrária e se estabelecesse o controlo operário.

Isto fez-se com a colaboração de comunistas e socialistas na base, nas fábricas, nos campos, nas localidades, independentemente daquilo que foi estabelecido entre as direcções de um e de outro partido.

É, também, dessa época que vêm as dificuldades existentes entre comunistas e socialistas; é evidente que o processo revolucionário tem passado por várias fases, não tem sido uma estrada direita, lisa, calma; pelo contrário, tem havido dificuldades maiores ou menores, tem havido mesmo recuos, pausas e podemos dizer que depois do 25 de Novembro houve mesmo um certo refluxo no processo revolucionário português. Hoje, porém, a situação põe-se já de um modo algo diferente; hoje, essa necessidade imperiosa de unir todos aqueles homens que estão realmente com o processo democrático, de unir na acção comunistas e socialistas já não é uma necessidade só para fazer avançar o processo democrático ou revolucionário é uma necessidade imperiosa para defender o próprio processo democrático, as próprias conquistas da revolução.

Se essa unidade não se estabelecer, a curto ou a médio prazo está efectivamente aberta a possibilidade real da reacção poder criar as condições necessárias para assaltar de novo o poder. E se a reacção assalta de novo o poder, se consegue tomar conta dos órgãos do poder, é evidente que será implantada uma nova ditadura em Portugal. É isto que se impõe impedir, mas, para isso, é indispensável a unidade entre comunistas e socialistas, é indispensável que comunistas e socialistas, associados a outras forças verdadeiramente interessadas na defesa do processo democrático, cooperem na mesma frente de luta.

QUE AUSTERIDADE?

«DL» — Nas teses para o Congresso do PCP diz-se que é preciso ultrapassar as dificuldades económicas, e que para isso são necessárias medidas de austeridade, que atingirão inevitavelmente pelo menos algumas camadas de trabalhadores. No entanto, o PCP combate a política de austeridade do Governo...

Octávio Pato — O que eu penso, ou melhor, o que pensa o meu partido, é que os trabalhadores estão dispostos a aceitar medidas de austeridade, a fazer sacrifícios e têm-nos feito, e não são poucos; lembremo-nos, por exemplo, o que têm feito na reforma agrária, esta grande conquista da nossa revolução, em que os trabalhadores agrícolas, juntamente com pequenos proprietários, rendeiros e seareiros, têm feito enormes sacrifícios para fazerem triunfar essa grande conquista que é a reforma agrária.

Os trabalhadores no seu conjunto estão sem dúvida nenhuma dispostos a aceitar medidas de austeridade e a fazer sacrifícios, mas isto só na medida em que verifiquem que há um governo que realiza uma política em defesa dos interesses dos trabalhadores e da defesa da democracia portuguesa orientada na via socialista. Agora o que os trabalhadores não aceitam de modo algum é fazerem sacrifícios, é apoiar medidas de austeridade para facilitar a recuperação capitalista.

Na medida em que a política do Governo está orientada na via da recuperação capitalista, é óbvio que essa política não pode encontrar aceitação e apoio por parte dos trabalhadores portugueses.

«DL» — Isso significa que o PCP enquanto não se chegar a um acordo sobre a participação do PCP no Governo e uma plataforma de governo que reflicta os pressupostos da política de esquerda preconizada pelos comunistas, apoiará os movimentos reivindicativos e outros que poderão surgir contra certos aspectos da política do Governo?

Octávio Pato — O que eu acabo de dizer significa precisamente que nós consideramos que é possível estabelecer uma plataforma política e económica de governação no nosso país. Há, pois, que discuti-la; há que nos sentarmos a uma mesa para discutirmos essa plataforma. Quando, ainda agora, alguns economistas fizeram a afirmação de que não há viabilidade para fazer sair Portugal das dificuldades económicas em que o País se debate, nós, comunistas, dizemos: sim, há caminhos, há formas, há vias para fazer sair o País das dificuldades económicas.

Mas isto não se conseguirá de maneira nenhuma pela via da recuperação capitalista; esta, significa, antes, o agravamento das dificuldades económicas e de toda a situação social e política do nosso país.

A única via capaz de levar o País a vencer essas dificuldades é aquela que levará para recuperar a economia portuguesa, mas orientada no sentido dos interesses verdadeiramente nacionais, no sentido de assegurar e defender os interesses dos trabalhadores e das mais amplas camadas da população portuguesa.

Nós queremos, na verdade, que seja posta em prática uma política económica que corresponda não apenas aos interesses dos trabalhadores, mas também aos interesses das mais amplas camadas da população portuguesa, incluindo os pequenos e médios comerciantes, os pequenos e médios industriais e os pequenos e médios agricultores, isto é: uma política que sirva as mais amplas camadas da população portuguesa, de todos aqueles que de uma maneira ou de outra produzem ou trabalham, e não uma política no sentido de facilitar o regresso a Portugal dos Champalimaud e Jorge de Melo.

CONVITES A CHAMPALIMAUD E JORGE DE MELO

Há quem diga, por exemplo — prossegue Octávio Pato — que o Jorge de Melo já foi convidado para regressar a Portugal, assim como o Champalimaud. É caso para perguntar: se de facto estes convites foram feitos, o que é que se pretende com eles? Pretende-se que os Champalimaud e Jorge de Melo, e outros, regressem a Portugal para servir os interesses da democracia portuguesa e do encaminhamento de Portugal na via do socialismo, ou exactamente o oposto?

Ninguém tem dúvidas que os Champalimaud e os Jorge de Melo e os Espírito Santo, se regressassem a Portugal seria para tentarem restabelecer de novo o domínio dos monopólios e dos latifundiários, isto é, para restabelecerem o fascismo no nosso País.

CONCILIAÇÃO DE CLASSES

«DL» — O PCP reconhece explicitamente que na fase actual do processo revolucionário é indispensável manter um sector privado na economia, e o Octávio Pato acaba de nos dizer ser indispensável também uma política que proteja os pequenos e médios comerciantes, industriais e agricultores. No fundo, isto pressupõe uma política de conci-

Continua na pág. 12

PUB

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul

PROPOSTA

— Considerando a necessidade da unidade de todos os trabalhadores portugueses, contra a exploraçao capitalista e imperialista, passo importante para a conquista da sociedade sem explorados nem exploradores, a sociedade socialista.

— Considerando que as manobras da direita reaccionária são um perigo real para um retrocesso ao fascismo.

Os trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária no dia 16/10/76, no INATEL, em Setúbal.

Afirmam o seguinte:

1. — Apoio incondicional à Intersindical Nacional, Central Unica dos Trabalhadores
2.º — Aprovação do projecto de regulamento de Congresso de todos os Sindicatos apresentado pelo secretariado da Intersindical.
3.º — Repúdio pelo aparecimento da dita «Carta Aberta» e apelo ao desvinculamento de todas as direcções que a subscreveram, a base da unidade de todos os trabalhadores portugueses contra o inimigo comum o capitalismo e o imperialismo.

— NÃO AO PLURALISMO SINDICAL
— PELA REALIZAÇÃO DO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS
— PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES
— PELA DEFESA E CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO DEMOCRÁTICO RUMO AO SOCIALISMO

Aprovada por aclamação c/ 9 votos contra e 5 abstenções

MOÇÃO

1.º — Considerando o aumento do preço dos adubos decretado pelo governo do dr. Soares e a diminuição do subsídio a conceder na sua aquisição de 30% para 25%.
2.º — Considerando que estas medidas atingem gravemente os pequenos e médios agricultores e as cooperativas, já a braços com problemas como:
— O juro de 6,5% dos empréstimos e a obrigação de os pagar em prazo extremamente curto.
— A falta de garantia de preços e de escoamento da maioria dos produtos agrícolas.
— Uma política que mais protege os intermediários parasitas.
— A obrigação das cooperativas a pagarem mais de 17% à Previdência e uma renda ao Estado.
— O direito de reserva e as desocupações.
3.º — Considerando que as medidas tomadas vão contribuir para o agravamento de custo de vida, nomeadamente dos géneros alimentícios, diminuindo o poder de compra dos trabalhadores.
4.º — Considerando que não devem ser os trabalhadores e muito menos os camponeses a pagar a crise gerada pelo capitalismo, a suportar os encargos de milhões de contos de indemnizações aos capitalistas e latifundiários, a contribuir para o aumento de vencimentos dos quadros das empresas e a sofrer as consequências da má gestão das mesmas.
5.º — Considerando que estas medidas não incentivam o aumento da produção agrícola e consequente baixa de importações, nem contribuem para o cumprimento do perceituado na Constituição.

Os delegados Sindicais Químicos da CUF reunidos em Plenário decidem:

Exigir do governo o cancelamento das medidas tomadas de aumento dos adubos e baixa do subsídio de aquisição dos mesmos, e a rápida reestruturação do sector adubeiro da forma como o exigem os trabalhadores, como contributo valioso para a intensificação da produção agrícola e melhoria das condições de vida dos operários e camponeses.

PELA REFORMA AGRÁRIA
PELO CONTROLO OPERÁRIO
PELA ALIANÇA OPERÁRIA-CAMPONESA
PELO SOCIALISMO

BARREIRO, 15/10/76

MOÇÃO

OS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL REUNIDOS EM ASSEMBLEIA GERAL NO DIA 16.

DECLARAM-SE SOLIDÁRIOS COM A JUSTA LUTA DOS TRABALHADORES DA PANIFICAÇÃO EM GREVE PELA MELHORIA DE SALÁRIOS FACE AO AUMENTO GALOPANTE DO CUSTO DE VIDA IMPOSTA AOS TRABALHADORES PELA RECUPERAÇÃO CAPITALISTA.

A DIRECÇÃO

APROVADA POR UNANIMIDADE

SURDEZ?

Sofre deste flagelo? Porque espera ?
VIENNATONE dispõe dos mais modernos e eficientes aparelhos para a correcção da SURDEZ
Ainda que o seu caso seja o mais difícil faça uma experiência GRÁTIS e sem qualquer compromisso

VIENNATONE
AVENIDA DE ROMA, 29, 1.º — LISBOA

Em ALVERCA o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria Vieira, 7

Nacional

Octávio Pato ao "D.L."

Continuação da pág. 11

liação de classes. No entanto, o PCP critica o PS por seguir uma política animada por um espírito de conciliação de classes...

Octávio Pato — O problema não pode ser posto dessa maneira. O que dizemos é que na economia portuguesa de hoje existem vários sectores: o sector público e nacionalizado, o sector que está em autogestão e o sector privado. Todos estes sectores se podem desenvolver. A questão que se põe é esta: há que dinamizar toda a economia portuguesa, mas dando prioridade a que sector? Ao sector privado ou ao sector público?

Nós, comunistas, respondemos: há que dar prioridade ao sector público, como meio fundamental até para dinamizar o sector privado.

Na nossa opinião, não se pode de maneira nenhuma dizer: há que dinamizar o sector privado, procurando ao mesmo tempo esquecer que a dinamização do sector público e nacionalizado é condição fundamental para que o próprio sector privado seja dinamizado.

QUEM IMPEDE A REESTRUTURAÇÃO DO SECTOR NACIONALIZADO?

«DL» — Na sua opinião, a reestruturação (e a reanimação) dos sectores público e privado está ou não a ser feita dando prioridade ao sector público e nacionalizado?

Octávio Pato — O que nós observamos é que há certas partes do sector nacionalizado que continuam por reestruturar. Nós continuamos a ver que existe o Banco Espírito Santo, o Banco Totta e Açores, o Banco de Angola, quer dizer, os nomes continuam a ser exactamente os mesmos e continuam a existir esses mesmos bancos; mas não vemos de maneira nenhuma a existência do Banco da Indústria, do Banco do Comércio Externo, do Banco da Agricultura — mas do do Banco da Agricultura efectivamente orientado para servir a agricultura, e não o Banco da Agricultura do passado, que existia para servir precisamente os grandes grupos financeiros e os latifundiários.

Tudo isto, a reestruturação dos bancos, mas também a dos seguros e a de toda uma série de indústrias básicas e empressas nacionalizadas, deve ser reestruturado, e é indispensável que o seja para reanimar toda a economia nacional, incluindo o próprio sector privado.

«DL» — Quer dizer com o que acaba de sublinhar que, do seu ponto de vista, os atrasos que se verificam nessas reestruturações poderão significar já um certo compromisso do Governo com os grupos financeiros que eram detentores dessas empresas?

Octávio Pato — Nós não vemos só o atraso nas reestruturações que se impõe fazer, nós vemos algo mais: vemos a ausência completa de medidas para reestruturar esses sectores, e a ausência de quaisquer medidas de reestruturação implica automaticamente, pelo menos, a suspeição de que não estão no pensamento dos governantes essas reestruturações, e que poderá estar sim o pensamento da possibilidade de permitir a recuperação capitalista em certos sectores.

Ainda não há muito tempo um dos actuais directores do Banco de Portugal fez a afirmação de que era previsível a aceitação de investimentos estrangeiros no sector público e nacionalizado. Esta afirmação foi anteriormente negada pelo dr. Mário Soares, aquando da discussão do Programa do Governo socialista, e isso justamente em resposta a uma pergunta que os deputados comunistas lhe fizeram. Nós perguntamos ao dr. Mário Soares se admitia investimentos estrangeiros no sector público e nacionalizado. A resposta foi negativa; mas, numa entrevista dada a uma revista estrangeira, e reproduzida se não estou em erro no «Diário de Lisboa», um dos actuais directores do Banco de Portugal admitia a hipótese de se aceitar, nos próximos meses, investimentos estrangeiros no sector nacionalizado.

Ora quando se admitem ideias deste género, não se está de maneira nenhuma a pensar na reestruturação do sector nacionalizado para servir exclusivamente os interesses do nosso povo; está-se, sim, já a admitir a possibilidade da recuperação capitalista e da retomada de posições do capital estrangeiro em certos sectores fundamentais da indústria portuguesa.

«DL» — Isso significa que o PCP está contra toda a espécie de investimentos estrangeiros?

Octávio Pato — Nós não estamos de maneira nenhuma contra certo tipo de investimentos estrangeiros. Nós também aceitamos, por exemplo, a ideia de que certas indústrias deviam ser nacionalizadas, mas que não se devia nacionalizar o capital estrangeiro aí investido.

Momentaneamente, pois, aceitamos essa ideia porque consideramos que o contrário podia ocasionar dificuldades à economia portuguesa, e pensamos que deviamos evitá-las.

Nós estamos portanto de acordo em que continue a haver no nosso país investimentos estrangeiros, agora com o que não estamos de modo algum de acordo é que esses investimentos ponham em causa, por um lado, a independência económica e política portuguesa, e, por outro lado, que venham para cá apenas para extorquir à classe operária, aos trabalhadores portugueses, uma mais valia escandalosa.

universal EM EXIBIÇÃO AS 15 H. e 21 H.

CABEÇAS CORTADAS

UM FILME DE GLAUBER ROCHA

a cinematógrafo

FILME INÉDITO PARA A A. E. F. A.
Às 19 h. — «NÚMERO DOIS» — o último filme de JEAN-LUC GODARD
Às 17 h. e 23 h. — «REGRESSO ÀS CAVERNAS» — um filme de CLAUDE TARALDO
HOJE, ÀS 0.30 h. — «NÚMERO DOIS»

Restaurante 7 MARES

PORTIMÃO

De 1.ª categoria

Aberto das 12.30 às 15 e das 19.30 às 24

COZINHA PORTUGUESA

No Bar: pianista privativo

Encerrado às 2.as feiras

ORGANIZAÇÕES FERNANDO BARATA

Punição antes do crime proposta no Uruguai

MONTEVIDEU, 23 — (R) — O novo presidente uruguaio, Aparicio Mendez, propôs o envio de cidadãos considerados um perigo para o Estado para campos de trabalho ou para o exílio.

Um projecto de lei, proposto pelo presidente e anunciado na quinta-feira em Montevideu, puniria elementos subversivos potenciais antes de terem cometido qualquer crime.

O presidente Mendez, que proibiu centenas de pessoas de se envolverem em actividades políticas nestas últimas semanas, foi nomeado o mês passado pelas Forças Armadas para substituir o destituido presidente Juan Maria Bordaberry, derrubado por um golpe de Estado militar em Junho.

AGITAÇÃO NO EQUADOR

QUITO, 23 — (R) — Milhares de mulheres desafiaram a lei marcial e desfilaram pelas ruas da cidade de Riobamba, no Equador, pedindo a libertação de manifestantes presos durante dois dias de agitação antigovernamental, segundo revelou a Rádio.

Outros manifestantes tinham atacado antes patrulhas do Exército enviadas para impor a lei marcial e um recolher obrigatório de 12 horas, que entraram em vigor na quinta-feira após desordens causadas por reivindicações de maior autonomia regional na província pobre de Chimborazo.

As notícias afirmavam que uma greve geral, declarada em Riobamba, a 180 quilómetros ao sul de Quito, continuava a ser total.

Pelo menos, uma pessoa foi morta na quinta-feira quando soldados abriram, à força, caminho através de barricadas para ocupar a cidade.

PESCADORES PERUANOS DESPEDIDOS

LIMA, 23 — (R.) — O Governo militar do Peru despediu mais de nove mil pescadores numa tentativa para acabar com uma greve de quatro dias que paralisou virtualmente a frota de pesca às anchovas.

Um informador do Ministério da Pesca disse que a medida era drástica, mas necessária devido a menos de metade da frota estar a laborar.

«Temos que conseguir que a frota trabalhe enquanto forem propícias as condições de pesca à anchova» — declarou o informador.

O poderoso sindicato dos pescadores declarou a greve como protesto contra uma decisão governamental de acabar com a nacionalização de 530 arrastões da frota pesqueira de anchovas.

Um informador do sindicato revelou que cerca de 30 dos seus dirigentes foram presos.

FIM DA ODISSEIA DO CORPO DE EVITA

BUENOS AIRES, 23 — (R) — A odisseia macabra de Eva Peron, cujo corpo embalsamado andou secretamente de país para país, após a sua morte, há 20 anos, terminou ontem finalmente quando foi sepultada num cemitério privado de Buenos Aires.

Um comunicado governamental dizia que o corpo de Evita, a segunda mulher do falecido dirigente argentino Juan Domingo Peron, fora entregue às duas irmãs, a seu pedido, e enterrado no cemitério de Recoleta.

Considerada como santa por milhões de peronistas, Evita, como era conhecida popularmente na Argentina, faleceu vitimada por um cancro, em Julho de 1952, com 33 anos de idade.

DESAPARECIMENTO NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 23 — (ANOP) — O Supremo Tribunal do Chile rejeitou ontem uma petição do Vicariado de Solidariedade da Igreja Católica para que seja levada a cabo uma investigação acerca da alegada detenção e desaparecimento de 383 pessoas.

Foi a segunda vez numa semana que o Vicariado viu rejeitada esta sua pretensão.

DOIS JORNALISTAS BRASILEIROS DIZEM TER SIDO TORTURADOS

RIO DE JANEIRO, 23 (ANOP) — Os jornalistas brasileiros Luiz Paulo Machado e Oscar Maurício de Lima Azevedo comunicaram a um juiz do exército do Rio de Janeiro que tinham sofrido torturas por parte da Divisão da Ordem Pública e Social (DOPS).

Os dois jornalistas foram detidos em Março passado, durante dez dias, acusados de manter contactos com o proscrito Partido Comunista Brasileiro, o que então negaram e continuam a negar.

Ambos revelaram ter estado encapuzados durante a detenção, além de terem sido agredidos e terem recebido descargas eléctricas e ameaças contra os seus familiares mais próximos.

Machado disse que foi obrigado a assinar um documento no qual «renegava» o Partido Comunista e que só foi libertado depois de ser conduzido à presença do comandante do Primeiro Exército.

Azevedo, por seu lado, declarou não ter sido atendido pelas hierarquias do dops do Rio, no seu protesto contra as brutalidades sofridas.

Entretanto, a polícia federal, brasileira apreendeu ontem na Cidade de Belo Horizonte, um quadro «subversivo» do pintor Lincoln Volpini.

O quadro, que na metade inferior exibe uma fotografia de um rapaz sentado num ramo de árvore e, na superior, um pedaço de madeira, apresentando em primeiro plano uma corda, tudo sobre o fundo de um muro velho, foi considerado pela polícia «atentatório da segurança nacional».

A polícia entende que a madeira representada a bandeira nacional, a corda um arame farpado, além de ter descoberto que no muro estava uma inscrição «subversiva».

O quadro chama-se «Desejo de Igualdade» e foi premiado no Quarto Salão de Inverno de Belo Horizonte.

Por outro lado, com um total de 1300 obras de 319 artistas plásticos, foi ontem inaugurada, em São Paulo, a Bienal nacional brasileira de 1976.

Esta será a última edição de uma bienal artística inteiramente dedicada a artistas brasileiros, uma vez que, a partir de 1978, o certame será transformado numa reunião artística latino-americana.

Esta alteração, segundo um dos promotores da exposição, é necessária para a actualização do artista brasileiro.

Carnaval político em Pequim entra no seu terceiro dia

PEQUIM, 23 (ANOP e R) — O grande carnaval político de Pequim entrou hoje no terceiro dia, com enormes multidões enchendo ainda a Praça Tien An Men e a Avenida da Paz Eterna.

O rufar dos tambores e o estrelejar dos foguetes podiam ser ouvidos a três quilómetros do centro da cidade. Acima da voz dos oradores soavam canções revolucionárias, como «A Internacional» e «O Oriente e Vermelho».

Os alvos da manifestação, a viúva de Mao Tsé-tung, Chiang Ching, e os seus três aliados radicais foram «liquidados» pelo Partido Comunista, de acordo com fontes oficiais.

Os quatro são acusados de tentar tomar o Poder, distorcer as directivas de Mao para servir os seus próprios fins políticos, e, segundo jornais de parede em Xangai, de planearem o assassínio do sucessor de Mao, o presidente Hua Kuo-feng.

Cartazes empunhados pelos manifestantes exigiam o «esmagamento do bando dos quatro» e manifestavam apoio à promoção de Hua à chefia do P.C.C.

Os órgãos oficiais de comunicação social calcularam o número dos manifestantes de Pequim, ontem e na quinta-feira, em um milhão e meio de pessoas. Esse número deve duplicar hoje, com as massas de soldados, trabalhadores, crianças e estudantes que convergem para a cidade.

A grande demonstração de massas atingirá seu ponto culminante amanhã à tarde, com um comício gigantesco na Praça Tien An Men. Não se sabe ainda se será permitido aos estrangeiros participarem nele. Ignora-se também se o presidente Hua discursará na ocasião.

A agência noticiosa Nova China anunciou hoje que um total de quatro milhões de pessoas se tinham manifestado em Xangai contra os radicais. A senhora Mao e os seus aliados, o ex-vice-presidente do P.C.C. Wang Hung-wen, o ex-vice-primeiro-ministro Chang Chun-chiao e o ex-membro da comissão política Yao Wen-yuan, tinham a sua base principal em Xangai.

Os manifestantes de Xangai foram mais longe que os de Pequim. Fontes estrangeiras da cidade noticiaram que os manifestantes transportavam efígies toscas de Chiang Ching dependuradas de um nó corrediço.

Hoje na Avenida da Paz Eterna, um grupo de operários de Pequim empunhava uma caricatura de um enorme punho vermelho esmagando os quatro contra o chão.

O QUE SIGNIFICA HUA KUO-FENG

O nome de Hua Kuo-feng, novo presidente do Partido Comunista Chinês, significa, em tradução um tanto livre, aquele que dirige a China.

A palavra Hua pode ser traduzida por China (ou flor) Kuo significa país, e Feng quer dizer pioneiro, vanguarda, ou aquele que vai na frente (podendo também significar ponta afiada).

CARTER À FRENTE APÓS O DEBATE

WILLIAMSBURG (Virginia), 23 (R) — O presidente Gerald Ford e o seu rival democrático Jimmy Carter empenharam-se cautelosamente ontem, à noite, durante hora e meia, numa luta simulada no último dos seus debates perante as câmaras da Televisão na campanha eleitoral para a Casa Branca.

Contudo, uma sondagem instantânea à opinião pública entre várias centenas de eleitores, efectuada pela organização independente Roper, deu a Carter uma vantagem clara de 40 contra 29 por cento, com 31 por cento considerando ter havido empate.

Outro inquérito feito entre eleitores indecisos, que são considerados como a chave para esta consulta às urnas, renhidamente disputada, mostrou que 33 por cento afirmavam que Carter ganhara e 20 por cento eram a favor de Ford. Os outros 47 por cento consideraram o debate um empate.

Cerca de 80 milhões de telespectadores viram o que foi considerado como a prova do «vencedor arrebata tudo» na campanha para a eleição de 2 de Novembro.

Comunistas franceses atacados pela Tass

MOSCOVO, 23 — (ANOP e R.) — A agência noticiosa oficial soviética «Tass» acusou comunistas franceses de participarem numa reunião que constituia um «plano sujo» para caluniar a União Soviética.

Na reunião foi criticado o aprisionamento de dissidentes pelo Kremlin.

A «Tass» classificou a conferência, organizada pela comissão francesa de matemáticos e patrocinada pela organização de direitos humanos Amnistia Internacional, que tem a sua sede em Londres, como uma «operação monstruosa» e «assembleia provocadora».

A agência disse ser «incompreensível para a opinião pública soviética como representantes do Partido Comunista Francês se tornaram participantes deste sujo plano».

«Sejam quais forem os motivos e as ideias que os guiaram, os seus discursos (...) constituiram apoio apenas para as forças que são inequivocamente hostis aos ideais de liberdade, democracia e socialismo pelos quais o Partido Comunista Francês tem sempre lutado».

Ontem a União Soviética acusava a Noruega de quebrar um tratado militar velho de 56 anos que prevê a desmilitarização do estratégico arquipélago de Spitzbergen, acima do Círculo Polar Ártico.

Actualmente as ilhas são habitadas principalmente por mil noruegueses e dois mil soviéticos que trabalham nas minas de carvão.

O IRÃO RESTITUI PILOTO

Por outro lado, o governo iraniano anunciou que será entregue às autoridades da URSS um piloto soviético que, conduzindo um velho avião militar, aterrou no Irão e pediu asilo político aos Estados Unidos.

Caleidoscópio

MADRID, 23 — (ANOP) — Pressionado pela esquerda e pela direita, o primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, estaria a formar um partido centrista a partir do seu Governo, a fim de participar nas eleições legislativas previstas para o próximo ano — anunciaram na capital madrilena fontes consideradas fidedignas.

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 23 — (R) — O Conselho de Segurança aprovou prorrogação até 24 de Outubro de 1977 do mandato da força de paz da O. N. U. entre tropas egípcias e israelitas no Sinai.

Treze membros votaram pela resolução. A China e a Líbia recusaram participar na votação.

DUBLIN, 23 — (R) — O presidente irlandês, Cearbhall O'Dalaigh, demitiu-se ontem do seu cargo, três dias depois de um ministro o ter classificado como uma «estrondosa desgraça».

WASHINGTON, 23 — (R) — A Marinha norte-americana anunciou que um missil Phoenix ultra-secreto desapareceu do avião de combate F-14 localizado no fundo do mar do Norte, ao largo do Norte da Escócia.

O caça caiu do porta-aviões «John F. Kennedy» em 14 de Setembro.

ESTOCOLMO, 23 — (R) — A Suécia tornou-se ontem o quarto país nórdico a tomar uma iniciativa contra diplomatas norte-coreanos por inundarem o mercado negro com cigarros e bebidas alcoólicas de contrabando.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco anunciou que o embaixador norte-coreano, Kil Jae Gyong, e quatro membros do seu pessoal tinham deixado o país.

ALGÉS

ANTÓNIO JOSÉ LÉSICO

FALECEU

M.ª Helena Barradas Costa Nunes de Oliveira, seus filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que faleceu o seu querido pai, avô, irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã pelas 14,00 horas da sala mortuária do Hospital da Marinha para o Cemitério de Carnaxide.

Ag. Machado da Costa
Telef. 2112148

Espectáculos

"LONDON CONTEMPORARY DANCE THEATRE" ESTREIA-SE NA TERÇA-FEIRA

. O London Contemporary Dance Theatre», actualmente o mais famoso grupo europeu de dança moderna, actuará pela primeira vez no nosso País, nos próximos dias 26, 27 e 28.

O grupo, que vem inaugurar a temporada de bailado da Fundação Gulbenkian, com o patrocínio do Instituto Britânico, apresentará dois programas inteiramente diferentes, em que serão dançadas obras dos coreógrafos residentes da Companhia, Robert Coham, Siobhan Davies e Robert North.

«O London Contemporary Dance Theatre foi criado em 1969. O seu director artístico é, desde o início, Robert Coham, que foi uma das principais figuras da célebre Companhia de Martha Graham.

Com o patrocínio do Art's Council, o London Contemporary Dance Theatre actua regularmente em Londres e efectua longas digressões pelo restante território britânico. Entretanto, tem vindo a apresentar-se também com grande êxito, em outros países. Assim, em 1970 foi acolhido com particular entusiasmo na Bienal de Veneza, na Jugoslávia e na Checoslováquia. No ano seguinte, actuou na França (Festival du Marais, Prais) e na Suíça (Genebra, Lousana, Zurique e Basileia). Em 1972 fez esgotar, em sucessivos espectáculos, a lotação dos grandes teatros de ópera de Praga e Varsóvia. Idêntico sucesso se registou em digressões em que fez pela América Latina, que compreenderam espectáculos em Buenos Aires, Rio de Janeiro, México, etc., 1973 foi um ano especialmente favorável para a companhia no seu próprio país: com efeito, data de então a estreia, no teatro Sandler's Wells, espectacular produção de dança «multimedia» instituída «*Stages*», da autoria de Robert Coham.

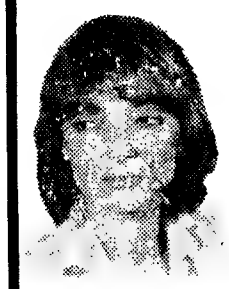
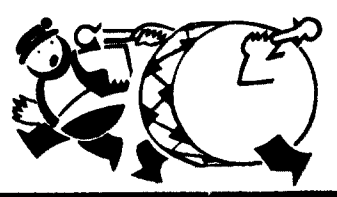
O sucesso desta apresentação valeu ao agrupamento a adesão de novo público, nas suas «tournées» por Escócia, Ingalaterra e País de Gales.

Após o êxito clamoroso da sua nova actuação no teatro Sadler's Wells, durante cinco semanas, no final de 1975, o ano corrente tem sido um dos mais interessantes na vida da companhia. Distinguida com o Prémio «*Evening Standard*» para o mais destacado acontecimento no mundo da dança, realizou uma série de cursos e espectáculos em várias universidades e outras escolas britânicas. No Verão passado, dançou nos Festivais de York e Santander, e mais recentemente exibiu-se na Bélgica, Áustria e Espanha.

Um momento do bailado «Prisão», de Robert Cohan, interpretado pelo grupo «London Contemporary Dance Theatre»

MARIA VITÓRIA
T. 36 17 40
HOJE AS 20.30 E 22.45 H.
★ E TODOS OS DIAS ★
Não aconselhável a men. de 18 anos
Aos dom. «matinée» às 16 h.
Às 2.as feiras — descanso
UM ENORME ÊXITO!
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!

SALVADOR e IVONE SILVA
A SENSACIONAL PLURALIREVISTA

HENRIQUE SANTANA

LYGIA TELLES
O BOMBO DA FESTA!


COLISEU
TODAS AS NOITES às 21.30 horas
Quintas e Sábados «matinées» às 16 h.
Domingos «matinées» às 14.30 e 17.15 horas
SÓ ATÉ DIA 31 — VEJA QUANTO ANTES!
Esp. para todos

OLIMPÍADA DE CIRCO!
2 Alegres parelhas de palhaços 2
6 Fabulosos números de animais 6
100 ARTISTAS 100
14 Países numa grande competição 14

Esta revista contem cenas eventualmente hilariantes
ADOQUE
A GRANDE CÉGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR
HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos ... Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

teatro da Cornucópia
Tambores na Noite de Bertolt Brecht
TODOS OS DIAS ÀS 21.30
DOMINGO, ÀS 18 H.
2.ª Feira descanso
BREVEMENTE
«ALTA ÁUSTRIA»
De KROETZ

CAÇADORES ATENÇÃO
Cadela, achou-se em Mourão no dia da abertura. Entrega-se a quem pertencer. T. 326561 até às 14 horas. T. 914133 depois das 20 horas.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diariamente às 21.30 h.
O MÁGICO DA - CENOURA -
(A HISTÓRIA DE UM DESEMPREGADO)
PELO GRUPO FRANCÊS
TYLENCHUS
SÓ ATÉ SÁBADO
PREÇO ÚNICO — 40$00
TEL. 76 26 24
PRAÇA DE ESPANHA

FORMAÇÃO SOCIAL DE TRABALHADORES
ÉS TRABALHADOR:
da indústria
do comércio
dos serviços
da função pública
de outras actividades
INTERESSAS-TE POR:
sindicalismo?
economia?
política?
legislação do trabalho?
sociologia industrial?
psicologia social?
QUERES VALORIZAR-TE NESTES DOMÍNIOS?
O INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO realiza Cursos, Seminários e outras actividades, especialmente programados PARA TI.
NÃO HÁ EXIGÊNCIAS DE HABILITAÇÕES ESCOLARES MÍNIMAS E AS CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO SÃO ACESSÍVEIS
CONTACTA-NOS, INDIVIDUALMENTE OU EM GRUPO, NA
Rua Duque de Palmela, 2-4.º e 5.º — Telefs. 57 30 15 / 57 33 41 / 57 59 46 LISBOA-2

2.ª FEIRA, 25
ESTREIA
OS BONECREIROS
C. C. Z. O. L.
REPRESENTAM
FARSA DE INÊS PEREIRA
DE
GIL VICENTE
Antes do espectáculo actuarão os
SEGREIS DE LISBOA
R. António Maria Pais, 6
Moscavide — Tel. 2515007
ÀS 21.30 HORAS

TEATRO / telef. 366745
ABC
2 SESSÕES
Às 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados «matinée» às 16 horas
UMA GRANDE E SENSACIONAL REVISTA!
«CADA COR SEU PALADAR»
Com Hermínia Silva, Nicolau Breyner, Ribeirinho, Vera Mónica, Vítor Mendes, Lourdes Lima
Um espectáculo só para você se divertir
N/ancons. a men. 18 anos

TEATRO ABERTO
grupo 4
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht

De 3.ª a 6.ª feira às 21.15
Sábado, também às 15.30
DOMINGO SÓ Às 16 h
ÚLTIMAS

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

FADO? ASSIM, NÃO.

Pode-se dizer que *«Vamos ao Fado»* era a rubrica mais desejada, ontem. O seu relativo afastamento da programação causou mais apetite dele. A *lei seca* tem destas coisas.

Descansem. Não vamos dissertar aqui sobre as qualidades e os malefícios do fado. Teríamos de ir longe e acabar perto. Teríamos de recordar o sentido popular e resistente do fado (recordam-se de uma emissão apresentada por Alexandre O'Neill?) para cairmos na emissão de ontem. Teríamos de lembrar o fado perseguido e destroçado pela polícia política para cairmos na recuperação inglória do fado vencido, à maneira de ontem.

Quando a câmara de Ruy Ferrão (claro...) divaga pela escuridão das vielas à cata de lampiões em plena noite, já sabemos de que fado se trata. O lamiré está dado e o resto virá por acréscimo.

Veio. Veio o fado postiço, convencional, como julgávamos mais ser possível cantar entre nós. Veio o fado dos braços caídos, vencidos perdidos. Veio o fado dos queixumes, em que mesmo a revolta se manifesta em forma de lamento. Veio o fado que é a droga da alma, droga fora do alcance de qualquer repressão, a b c da resignação e da passividade. Fado saudosista a olhar a vida pela óptica dos senhores, dos aproveitadores, dos bem instalados na vida.

Isto não tem nada a ver, evidentemente, com a sinceridade e a arte dos cantos ao fado de tantos dos seus cultivadores. Homens, como Manuel Calisto, que já passaram há muito o cabo da juventude, impregnam as suas interpretações de uma comovedora emoção. Podemos dizer que o interesse principal não reside no fado, mas no fadista: no ritmo próprio, no abrandar ou atirar as palavras, na descoberta de um jogo de silêncios e de expressões capaz de criar um ambiente que pouco ou nada terá a ver com as palavras utilizadas.

Raul Pereira, por exemplo, possui uma inegável raiz fadista. O que é que falta para revelação das suas qualidades de homem tão duramente experimentado na vida? Falta isso mesmo: que a sua voz esteja de acordo consigo próprio, esteja de acordo com o seu sentir, com a sua experiência vivida. Uma coisa é cantar as tipóias, e as ramboias, e as bestas fora de portas e as aventuras com as coristas e com as cantoras do S. Carlos — e outro seria cantar a sua vida, as suas atribulações, as suas andanças pelo mundo. Neste último sentido é que terá de orientar a sua vivência fadista — porque a fadistice das sardinhas fora de portas, dos faias e dos fidalgos e das aventuras machistas, é uma árvore morta, incapaz de dar frutos e dar sombra.

Os autores das letras fadistas terão de proceder a uma rápida reconversão. Carlos Conde e seus pares têm de viver o tempo presente — que é de luta, de esperança, de presença popular. Não se trata, forçosamente, de obedecer a partidarismos ou a sectarismos. Trata-se de renegar o passado morto, trata-se de escrever poemas com vida. Ouvir hoje o que se ouvia ontem, tem um sabor inadmissível a regresso.

E regressar não é o nosso fado, claro que não será. Mas teremos de lutar por isso. Em todas as frentes. Inclusivamente na frente do fado.

Para que os amadores do fado não se queixem da falta de reportório, aqui lhes ofereço o

FADO DA TV

Agora quero contar
agora que o vinho avinha,
a história da desgraçadinha
da pobre do Lumiar
que tão mal nasceu coitada
e sempre tão mal viveu,
a dar o seu a quem deu
que no fim não lhe deu nada
e agora à beira da estrada
já com a lágrima enxuta
é esta pobre coitada
que todo o mundo disputa.

Lembro o tempo do manhola
do ianque e do carrascão
o Múrias e o Valadão
à guitarra e à viola
as conversas em família
as tretas que dão de espora
e o futebol de hora a hora
mais o fado, sem quizília
lado a lado nos varais
com as rédeas do dinheiro
para manter mais e mais
o povo como um rendeiro.

Cai o Carmo e a Trindade
e, de repente um clarão
e de repente do chão
nasce o fruto da verdade,
o crime denunciado
para que nunca mais tornasse:
era o povo face a face
consigo próprio encontrado
exigir que a TV
fosse o sinal da alegria
de quem despiu a libré
pra cantar o novo dia.

Enche mais um-dois de tinto
pra afogar esta tristeza
de uma TV na baixeza
de ceder ao velho instinto,
ei-la fumaça de escape
provando o nojo acepipe
com a mão nas mamas da CAP
e a perna aberta prá CIP
Ai, TV feita capacho
Tens de fugir ao assalto:
A descer assim tão baixo
acabas no Bairro Alto...

NÃO E NÃO AO FADO DE ANTIGAMENTE

Cheguei a pensar que já não fosse possível esta aventura sem horizonte. E ponho-me a pensar na motivação, na razão profunda que certamente haverá. Não será por acaso que um ministro, de grande estadão, venha falar na Televisão em linguagem cifrada para a quase totalidade da audiência. Sousa Gomes podia dizer aquelas coisas entre seus pares e no final ninguém teria percebido nada, mas não seria impedimento para ser efusivamente cumprimentado ou então lia entre família do Ministério, porque não há ministério nenhum onde, pelo menos, o ministro não seja escutado religiosamente e após isso cumprimentado hipocritamente, ou seja, efusivamente.

Podia. Podia fazer isso ou qualquer outra coisa, como por exemplo jogar ténis ou desenhar gráficos ou fazer as palavras cruzadas da *opção* podia, enfim, fazer qualquer coisa relaxante. Tudo menos fazer discursos daqueles, para TV dar.

Nada justifica. E dá mostras de ignorar o país real a que pertence. O que, partidariamente falando, não traz dividendos. O que, politicamente falando, joga contra. Desta forma, doutor, se está sem querer apregoando que a política é negócio de doutores. O que de todo em todo não está correcto e pode levar muita gente a desencantar-se da política.

Bem arranjados estamos nós se vamos gramar todos os discursos solenes dos ministros. Por favor, meus senhores, não reconstruam as pontes do antigamente.

FADO NÃO É PRA APRENDER FADO É PRA VIVER

De uma forma se desencanta da política a audiência, doutra forma se desencanta a audiência da cultura. Refiro-me ao *Sentido das Formas*.

O prof. Ferreira de Almeida vem falar-nos do que sabe. É dever de quem sabe ensinar os outros. Já lá o dizia o poeta Aleixo, a propósito dos estudantes de letras:

E assim lição por lição
que de outros recebemos
a muitos e a muitos daremos
que a muitos outros dão.

Importa saber que em televisão não basta ensinar. É preciso ensinar segundo a arte. Segundo a arte da televisão. Que tem preceitos próprios. Um deles: nenhumas ligações com a erudição. Pela TV, o mais importante a fazer é criar o gosto pelo conhecimento, desencadear o mecanismo da inteligência, de preferência ao mecanismo da memória.

Muito se disse sobre a Sé do Porto. Se algum telespectador ficou com desejo de conhecer a Sé, eis do que fortemente duvido. Isto não joga a favor da cultura, não a favorece. Se alguém quiser saber, melhor do que através das minhas palavras, onde quero chegar, oiça o John Berger das «Formas de Ver».

Na emissão de ontem do «Sentido das Formas», foi melhor a ligação entre a palavra e a imagem. Mas a qualidade desta deixou muito, deixou excessivamente, a desejar.

FADO E FUTEBOL — SÓ DE TRIPAS AO SOL

Não admira, portanto, que a audiência se interesse mais pelo futebol. A conversa mais terra-a-terra, mais em ligação com a experiência dos telespectadores masculinos, o Benfica, o Sporting, o Porto, o Eusébio, o Keita, a táctica, a

Continua na pág. 18

Hoje

Maria Teresa Horta — autora de «O Delator»

16.30 **Estúdio Velho, Gente Nova** — os jovens com ideias próprias sobre programas de Televisão produzem o seu próprio programa.
16.55 **Botas de 7 Léguas**
17.30 **Animação** — mais duas aventuras da Pantera Cor-de-Rosa.
18.00 Como se realiza uma Ópera — a «Carmen».
19.30 **«Espaço 1999»** — série filmada de ficção científica.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.40 **Inédito... ou Quase** — «O Delator», de Maria Teresa Horta, interpretado por Zita Duarte, Vítor de Sousa, Benjamim Falcão, António Rama, Vítor Ribeiro e Jorge Aragão. Realização de Alfredo Tropa. Cenografia de António Botelho.
22.20 **Um Programa da Direção de Informação**
23.20 **A Magia** — a magia, as ilusões, o fantástico, algum humor.
00.30 Fecho

Amanhã

12.00: Abertura e Missa de Domingo; **12.45**: O dia das missões; **12.50** Corpo Humano — o coração, motor do sistema circulatório; **13.10**: O Homem a Terra; **13.50**: Desenhos Animados; **14.00**: **Telejornal** — 1.ª edição; **14.** Cinema 8-15 — um programa com a colaboração da Federação Portuguesa Cinema e Audiovisuais; **14.30**: Marta e Miguel; **16.35**: Haia Saúde — um progra transmitido dos Estúdios do Porto; **17.05**: Cabeça, Tronco e Membros — con so em que entra não só a capacidade intelectual como a aptidão física jovens; **17.50**: Heidi; **18.10**: «Migue Strogoff» — baseado na obra de Júlo Ver Adaptada à Televisão por Caude Desaiy numa realização de Jean Pierre Deco no protagonista Raimund Harmstorf; **19.10**: TV Rural; **19.35**: Biografia; **19.55**: T futebol — reportagem comentários e resultados da jornada futebolística; **22.** Telejornal — 2.ª edição; **21.30**: O Gesto é Tudo — concurso; **22.30**: «Clayhang — Vida Perdidas» — mais um episódio desta série inspirada na homoni obra literária de Arnold Bennet; **23.30**: Telejornal — 3.ª edição; **23.45**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB

SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DO NORTE

Em cumprimento do deliberado na sessão da assembleia geral extraordinária deste Sindicato, realizada em 20 do corrente, a seguir se transcreve uma das moções aprovadas na referida assembleia:

MOÇÃO

Considerando que o congresso de todos os sindicatos, deve visar antes, e mais, que tudo a unidade.

Considerando que a preparação do referido congresso exige uma preparação consciente, profunda e objectiva, de modo a evitar todo e qualquer género de pressão.

Considerando que a chegada ao congresso pressupõe ultrapassadas todas as divergências de fundo.

Considerando que os sindicatos devem gozar de completa independência face a partidos políticos, estado, patronato, instituições religiosas e agrupamentos com carácter político ou confessional.

Considerando que a central única dos trabalhadores deve obedecer aos mesmos princípios.

Considerando que há sindicatos que não reconhecem a Intersindical como verdadeira e representativa central única dos trabalhadores.

Considerando que houve e ainda há um grande contencioso que divide os trabalhadores deste País.

Considerando que a Intersindical foi parte, e parte activa, nessa divisão.

Considerando que a Intersindical foi veículo de transmissão de política partidária, modelo que o Povo português rejeitou por grande maioria.

Considerando que no seu anteprojecto de regulamento a CNOP defende a reestruturação da Intersindical.

Considerando que um mutilado mesmo com uma prótese, não deixa de ser um diminuído físico.

A ASSEMBLEIA GERAL DOS BANCÁRIOS DO NORTE DECIDE:

1 — Rejeitar liminarmente todo o projecto de regulamento do congresso para reestruturação da Intersindical — Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses, distribuídos pela CNOP,
2 — Pugnar por um regulamento que à partida não sendo fonte de discórdia, seja aceite por todos os sindicatos e elaborado por uma comissão reconhecida por todos os sindicatos,
3 — Exigir uma preparação consciente, profunda e objectiva do congresso de todos os sindicatos, liberta da influência de todo e qualquer bloco,
4 — Apoiar a direcção do seu sindicato na busca de uma clara e duradoira unidade de todos os trabalhadores,
5 — Reafirmar inquebrantável determinação da classe de lutar por uma central única de todos os trabalhadores, democrática e livremente formada,
6 — Ractificar o espírito dos comunicados N. S 68 e 69/76 da direcção,
7 — Mandatar a direcção do seu sindicato no sentido de desenvolver por todos os meios ao seu alcance os esforços necessários e suficientes para que os princípios anunciados sejam conseguidos,
8 — Que a presente moção seja dada a conhecer a todos os trabalhadores através da Imprensa, rádio e televisão, e a todos os sindicatos através de circular.

Porto, e assembleia geral dos bancários do Norte, 20 de Outubro de 1976

Porto e Sindicato dos Bancários do Norte, 22 de Outubro de 1976

O 1. SECRETÁRIO DA MESA DE ASSEMBLEIA GERAL
AUGUSTO DE MACEDO BARRADAS

TORM LINES

Para:

BARCELONA — ALGER
MALTA — MERSIN
e ALEXANDRIA

n/m «TORM ALICE»
em 13 de Novembro

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

Desporto

Andebol português: uma obra na balança

José Gomes Machado: muitos ataques, mas um rumo definido

O Andebol português na ordem do dia. Um Congresso Internacional inter-muros. Jogos para o Mundial dentro das nossas fronteiras. Turmas nacionais envolvidas nos grandes pleitos. E, hoje, um Congresso a nível associativo, que terá de analisar (com aplauso) o trabalho da directiva federativa que, em momentos decisivos, arrostando com críticas que muitas vezes se tornaram impiedosas (ou feitas sem consistência), soube levar avante os propósitos de divulgar e engrandecer uma modalidade que está definitivamente implantada no gosto e no aplauso dos portugueses.

José Gomes Machado, presidente da Federação dá-nos hoje um depoimento exame sobre o Congresso Internacional que (sem possibilidade de controvérsia) colocou o nome de Portugal em ponto alto no Andebol mundial. Eis o depoimento do grande responsável pelo surto divulgativo da modalidade:

— A realização, no nosso País, do «XVI Congresso Internacional de Andebol,» foi (na verdade) um extraordinário êxito, na opinião manifestada por todos os congressistas, o que tira (desde logo) quaisquer veleidades de auto-elogio, sempre ilusório e pernicioso. A sua realização já tinha sido tentada de outra vez: e os votos foram-nos manifestamente desfavoráveis. Até que, no Congresso de Itália, efectuado em Outubro de 1974, por unanimidade foi atribuída essa honra ao andebol português.

«Sentiram os responsáveis da nossa Federação a tarefa árdua e preocupante que iriam enfrentar, tanto mais que se antevia em alguns sectores e a possibilidade de um fracasso (quiçá desejado por alguns): evidente que um clima desta natureza teria óbviamente de estimular o presidente federativo e a sua equipa, para um trabalho que seria «obrigatoriamente» de grande êxito. Como veio a acontecer, superando realmente o que seria de esperar, tanto mais que bem se conhecem as dificuldades materiais e humanas que sempre são óbices na nossa vida quotidiana. Foram muitas, as vantagens da realização do Congresso: nulas as «habituais» dificuldades. O prestígio do Andebol subiu extraordinariamente e o nome de Portugal foi bem lembrado e admirado. Ganhamos com a entrada de cerca de 1500 contos de divisas, divulgamos a nossa terra e as nossas gentes, viram os nossos visitantes (Ministro do Trabalho da Austria, Delegado da Câmara do Comércio da França, Ministro da Cultura da Tansânia, etc. etc.) que os portugueses são afáveis e comunicativos, fixaram que a nossa terra tem belezas naturais (Estoril) Guincho, Cabo da Roca, Sintra) tudo isto para além do sossego de uma revolução que, por isto ou por aquilo, lhes faz uma certa «incredibilidade». Viram (enfim) um Portugal novo.

«De qualquer forma, e porque entendemos que a prática desportiva não se pode cingir unicamente à competição e que as relações sociais são imprescindíveis a um contacto permanente, de estudo e reflexão com aproveitamento mútuo. O Andebol português muito vai beneficiar deste Congresso. Para já, anotem-se os convites dirigidos a equipa nacional para estar presente em vários países (Argélia, Togo, Tanzânia, Luxemburgo e Marrocos) além da proposta de um jogo em França, por alturas do Natal, em festa de confraternização com os nossos emigrantes.

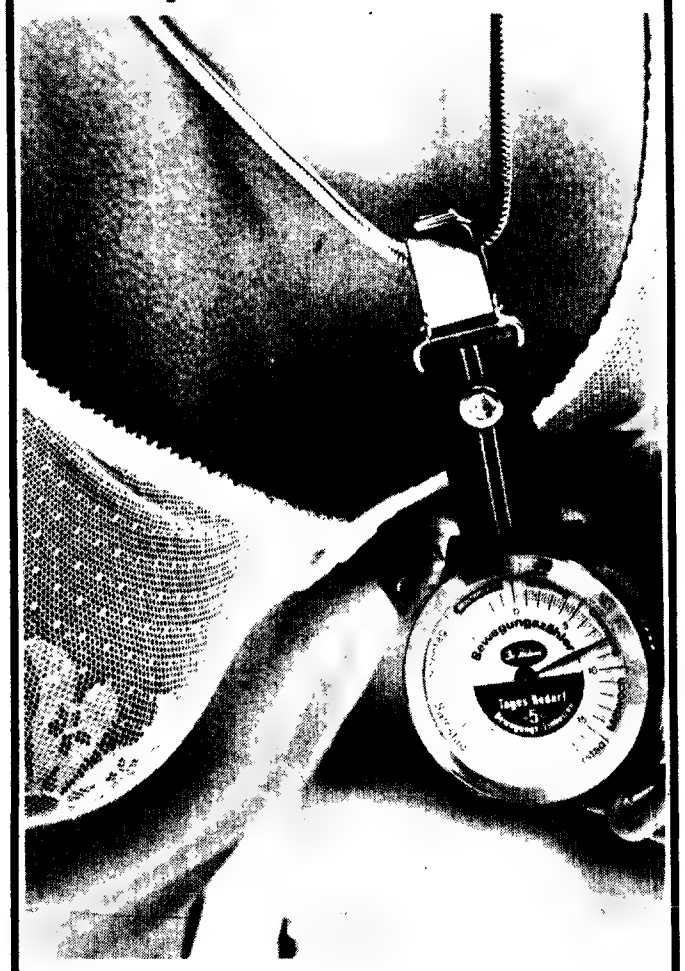
«Igualmente é de assinalar a reunião da «Taça Latina», onde o presidente, federativo, marcou posição de relevo no «Bureau» executivo: e, desta vez, consegui-se constituir uma Comissão Técnica com a entrada do director técnico da Federação (prof. Machado da Costa) o que, para os técnicos portugueses, deve ser motivo de orgulho, independentemente da individualidade escolhida. Figurar ao lado de expoentes da técnica mundial (Jean Pierre Lacoux, Domingos Barcenas e Nedef) é, para nós, altamente prestigiante.

«Consideremos, também, a presença do Governo na cerimónia de abertura, onde o Secretário de Estado dos Desportos teve oportunidade de contactar com várias delegações e auscultar da possibilidade de protocolos a estabelecer com diversos países, num manifesto interesse pelo progresso da modalidade. Assinalemos, do mesmo modo, a presença de 43 países de diversas ideologias e salienta-se a boa harmonia reinante, perfeitamente integrada numa dinâmica comum de prestígio e engrandecimento da modalidade.

«Registe-se, por último, a presença do delegado de Angola, a quem a nossa Federação ofereceu os seus préstimos num desejo de intercâmbio e convívio desportivo, mantendo os laços de amizade que se necessita imperem entre todos os países de língua portuguesa. Esta bela jornada o «XVI Congresso Internacional») vai, certamente, manter-se na imagem de cada um por muitos anos: lembremo-nos de que o presidente da I.H.F. declarou que, há 25 anos, não havia um Congresso «com tanta categoria». O necessário é saber manter este prestígio: e, se possível, superá-lo.

«Os nossos jovens praticamente irão notar, lá fora e muito proximamente, um ambiente salutar, compreensivo e harmonioso, que os obrigará a uma maior responsabilidade, tanto no ambito desportivo como social. O próximo campeonato do Mundo será, também para os portugueses e para os dirigentes da Federação, mais uma responsabilidade: que, por certo, ultrapassaremos tão bem ou melhor, numa demonstração inequívoca do valor da equipa federativa.»

O que eles inventam



Quem sofre de deficiências circulatórias e tem um coração fraco, não deve praticar desporto, mas também não deve evitar todos os esforços e movimentos. Uma das causas do enfarte de miocárdio é a falta de movimento e exercícios de ginástica que, devidamente doseados, são considerados uma das medidas recomendáveis para evitar doenças cardíacas. Neste contexto é importante a função do «contador de movimentos» (imagem) construído pelo Instituto de Estudos de Tempo e Movimento, em Weinheim (República Federal da Alemanha). Este aparelho, fácil de transportar e que se deveria usar por altura da cintura preso no fato, regista toda a espécie de movimentos do seu utente: andar, correr, subir escadas, levantar-se, sentar-se, etc. Além disso, é possível regulá-lo segundo a idade e constituição de quem o usa. Quem pretende manter-se em forma deveria (por dia pelo menos) atingir cinco unidades de movimento.

SURDOS
CASA SONOTONE

Chegou a abertura da Caça. A felicidade dos caçadores mas, aqueles que ouvem bem. Os que não conseguem ouvir o trinar das aves é um desgosto mas não fiquem tristes. Com um aparelho bem adaptado ficará a ouvir o que necessita. Poderá caçar tudo o que deseja pela boa audição que lhe proporciona a sua prótese, podendo ser atrás da orelha, óculos só de encostar á cabeça sem fios nem pipetas. Vendemos pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Prestamos assistência técnica em todo o País. Fazemos trocas de qualquer aparelho seja ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marca. Pilhas de todas as voltagens. Também somos oculistas. Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha. 92-1.º — Telef.: 02-315602

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

PASSAPORTES
abreu
Av. da Liberdade 160-LISBOA

Desporto

ESQUECENDO O FRACASSO NAS ANTAS

Nacionais de volta com "futebol de recreio"

Após um **(oportunissimo e bem aproveitado...)** interregno, os campeonatos nacionais de futebol retomam este fim-de-semana o seu normal curso, esquecida a lamentável exibição do onze federativo face aos polacos. Esta tarde, jogam Leixões e Estoril (a partir das 15) e Belenenses com o Varzim (às 16). Para amanhã, ainda no escalão superior, teremos: Benfica-Boavista, V. Guimarães-V. Setúbal, Potimonense-Académico, Beira Mar-Braga, F. C. Porto-Atlético e Montijo-Sporting, em espectáculos com inicio previsto para as 15 horas.

A titulo de recordação, aqui fica a tabela classificativa tal como está presentemente ordenada:

	V.	E.	D.	G.	P.
SPORTING	5	—	—	14- 2	10
Varzim	3	1	1	13-12	7
F. C. Porto	2	2	1	9- 4	6
V. Setubal	3	—	2	12- 8	6
Braga	1	4	—	7- 4	6
Estoril	2	2	1	8- 5	6
Academico	3	—	2	9- 7	6
Boavista	2	—	3	9- 9	4
Belenenses	1	2	2	4- 6	4
V. Guimarães	2	—	3	7-10	4
Benfica	1	2	2	5- 8	4
Beira Mar	1	2	2	8-12	4
Atlético	1	2	2	2- 6	4
Leixões	—	3	2	1- 3	3
Portimonense	1	1	3	3- 7	3
Montijo	1	1	3	5-13	3

..No que toca à 2.ª Divisão, teremos hoje os jogos seguintes na Zona A: Riopele-Vilanovense e Paços Ferreira-Gil Vicente, às 15 horas; Salgueiros-Penafiel, às 15.30. Zona Centro: Feirense-U. Coimbra, às 16 horas. Zona Sul: CUF-Vasco da Gama e Esp. de Lagos-Juventude, às 15 horas; Alcochetense-Olhanense e Oriental-Maritimo, às 16 horas.

Amanhã na Zona A: Sp. Espinho-Famalicão, Vila Real-U. Lamas, Fafe-Régua, Paredes-Chaves e Lourosa-Tirsense. Zona Centro: Portalegrense-Marinhense. Torriense-Alba, Caldas-Sanjoanense, Ac. Viseu-U. Tomar, Sp. Covilhã-Peniche, U. Leiria-U. Santarém e Torres Novas Est. Portalegre. Zona Sul: Lusitano-Barreirense, Sesimbra-Odivelas, U. Montemor-Sintrense e Sp. Farense-Almada, todos às 16 horas.

Na 3.ª divisão, embates para hoje na Série A: Vianense-Joane, às 16 horas. Série B: Vildemoinhos-Leverense, às 15 horas. Série E: Casa Pia-Alverca e Desp. Olivais-Vendas Novas, ambos às 15 horas. Série F: Paio Pires-Torralta, às 15 hotas. Amanhã, na Série A: Bragança-Iadim, Aves-Maria da Fonte, Mondinense-Mirandela, Cabeceirense-Bairro Latino, Monção-Rio Ave, Esposende-Limianose Mogadourense-Forjães. Série B: Leça-Infesta, Trancoso-Oliveirense, Sp. Lamego-P. Brandão, Cucujães-Viseu e Benfica, Aliados-Valecambrense, Freamunde-P. Castelo e Arrifanense-Avintes. Série C: Marialvas-Ala Arriba, Mangualde-Covilhã e Benfica, Vilanovenses-Oliv. do Bairro, Esperança-Tondela, Anadia-Gouveia, Tabuense-Guarda, Febres-Naval e Agueda-Ançã. Série D: Cartaxo-Batalha, Almeirim-Marrazes, Bombarralense-Alcanenense, Alcobaça-Benf. e Castelo Branco, Eléctrico-Compomaiorense, Pombal-VieirenseeMatrena-Niza e Benfica Série E: Trafaria-Benavente. Alhandra-Lisboa e Olivais, Nacional-Bucelenses, Cova da Piedade-Elvenses, Loures-Sacavenense e Elvas-Vilafranquense, Série F: Reguengos-Rosairense, Santiago do Cacém-Moura. Beja-Lusitano V. R., Quarteirense-Seixal, Silves-Aljustrelense, Luso-Odemirense e Amora-C. Caparica, todos às 16 horas.

OPINIÃO

«O nosso futebol pode considerar-se de recreio e não um futebol competitivo, como o alemão e o polaco» — afirmou o eng.º Abílio Gaspar Rodrigues, director da Federação Portuguesa de Futebol e coordenador geral das selecções nacionais, numa palestra durante a sessão solene integrada nas comemorações do 54.º aniversário da fundação do Vitória de Guimarães. Acrescentou que há jogadores portugueses treinados por técnicos estrangeiros que chegam à selecção mal preparados e em 10 dias, não podem ficar em condições de competir fisicamente com selecções estrangeiras.

Referiu (ainda) que o trabalho dos seleccionados tem que ser sempre em grupo e nunca um trabalho isolado. «A critica da Imprensa deve ser moderada: nunca em ataques pessoais».

JUNIORES

Para a Alemanha Federal, onde vai actuar na 3.ª e 5.ª feira, parte amanhã a selecção nacional de juniores que integra os jovens futebolistas: Padrão, Pita, Ademar e Freire (Sporting); Margaça, Pereirinha e Nélson (Benfica); Madureira (Leixões); Xico Silva e Diamantino (Vitória de Setúbal; Pinto e Nogueira (Sp. Braga); Vaz (Belenenses); Araújo (CUF); Tono (Avintes); Paulino (FC Porto); Manuel Joaquim (Vilanovense) e Rafael (Farense). A direcção técnica da turma pertencerá a Peres Bandeira

BENFICA

Várias baixas no «plantel» de que Mortimore pode dispor, para o jogo Benfica-Boavista. Com efeito, anunciam-se como certas as ausências do castigado Artur, mais dois lesionados Chalana, Sheu e José Henrique, ainda com a hipótese de Toni não recuperar de um «toque» sofrido nas Antas, face a polacos. Todavia, o treinador «encarnado» pode contar com Vitor Baptista («o melhor jogador do futebol português...») e com Alhinho, (cuja estreia com a camisola da Luz, em confrontos da 1.ª divisão, é anunciada). Provável (também) o retorno de Nelinho (em melhor forma que Moinhos) e uma oportunidade para José Luis (que se exibiu magnificamente, em Dresden, no breve período de tempo em que foi chamado à liça).

Entretanto, em declaração vinda hoje a público (em «A Bola») o antigo vimaranense Romeu contesta a posição que lhe tem sido dada no «team» da «águia» por Mortimore. Romeu é preciso: — «Nunca fui lateral-esquerdo na minha vida e vejo-me agora a jogar nesta posição. (...) Nunca, desde que estou no Benfica, me puseram a jogar no meu lugar: interior-armador (...). O único problema de Mortimore é não conhecer os jogadores do Benfica...»

FESTA

Para comemorar o seu 36.º aniversário, o Botafogo de Cabanas (Palmela) efectua esta noite uma sessão solene, durante a qual Carlos Arsénio (camarada da redacção de «Record») e o antigo «internacional» Jesus Correia, debatem o tema «Futebol: sua evolucão nos últimos tempos».

Portimonense: amanhã, recebe o reforço de Matine, para se confrontar com o Académico

Moniz: Meirim terceiro?

José Moniz (na imagem, à direita) é o responsável técnico pelo Montijo que, na tarde de amanhã, abre as portas ao Sporting. O jovem treinador madeirense (recentemente afastado de funções na Comissão Técnica federativa) entra na linha dos discipulos de Meirim, ao afirmar (hoje, em «A Bola»), que neste domingo vão estar «frente a frente as duas equipas mais bem preparadas do futebol português». E sai-se com uma afirmativa que é bombástica, se não servisse (exclusivamente) para incutir no visado uma certa «moralização»: «Bolota é um «polaco» que bem falta fez, nas Antas, à selecção portuguesa...» Depois de Joaquim Meirim (indigitado concorrente ao elenco directivo da Câmara Municipal de Matosinhos) e de António Medeiros, (que, no Estoril Praia, está na balança devido à prolongada estadia particular na África do Sul), surge-nos José Moniz a tentar um certo tipo de originalidade na carreira profissional que abracou...

LÁ FORA

CICLISMO

Nova edição da Volta à França, em bicicleta, está prevista para o período compreendido entre 1 e 24 de Julho, de 1976.

CONFRONTO

A selecção de futebol de S. Tomé e Príncipe foi derrotada pela do Congo (por 2-3) em encontro ontem disputado.

CONTESTAÇÃO

Um grupo de 10 peritos em boxe, entre os quais os antigos campeões dos «pesados» Joe Louis e Joe Frazier, analisaram ontem uma gravação de «video tape» do embate para o titulo mundial entre Muhammad Ali e o pretendente Ken Norton e consideraram o combate um empate. O grupo (que englobava criticos de boxe, pugilistas e promotores de combate), considerou o combate empatado durante os primeiros 14 «rounds» e, no último «assalto» as opiniões ficaram divididas em cinco votos a favor de cada um dos pugilistas (o que vem mesmo a dar um empate).

EXEMPLO

Dimitri Iordanidis, natural duma aldeia do Peloponeso, é um «jovem» atleta de 98 anos, para quem correr a maratona é a coisa mais banal deste mundo. Ainda na 5.ª feira tomou parte na prova anual e correu 42.197 metros em 7h 40m.

Há dois anos, quando se estreou nesta prova, fez o percurso em 6h 40m. «É natural, era mais novo», disse ele para explicar o tempo deste ano.

Iordanidis revelou aos jornalistas que deve a sua longevidade e a sua resistência à sua sobriedade. «Desde os meus 29 anos que deixei de comer carne, manteiga e leite. Também não bebo nem fumo». Tendo-se casado aos 52 anos, afirma que só cessou a sua actividade sexual aos 85 «É ando. Todos os dias percorro pelo menos 20 km»

NEUF
isola 2000
UM TERRAÇO DE NEVE SOBRE A COTE D'AZUR
desde 4 860$
hotel, avião, transportes e taxas
8 dias
PARTS 26 12 76 - 30 01 77
27 02 77 - 17 04 77
AV. LIBERDADE 233 T. 536121 LISBOA 2
consulte a sua agencia de viagens

PORTUGAL

ANDEBOL

Prossegue logo à noite o nacional andebolístico, com os jogos seguintes: Beira-Mar-Bairro Latino, F.C. Porto-S. Bernardo, Braga-S. Mamede, Despo. Póvoa-Francisco Holanda, Maia-Despo. Portugal e Vilanovense-Académico. (Zona Norte); CACO-Sporting, Almada-Encarnação, Passos Manuel-Benfica, Vitória-Técnico e Boa-Hora-Benfica C. Branco (Sul).

AUTOMOBILISMO

Cinquenta equipas (portuguesas e estrangeiras) inscreveram-se no VI Rally ao Algarve, que se iniciará na manhã do próximo dia 30, com partida do Casino de Vilamoura. Entretanto, começaram a chegar mecânicos e carros estrangeiros para esta competição automobilística que é organizada pelo Racal Clube.

BASQUETEBOL

Para acerto do calendário do campeonato lisboeta feminino de basquetebol, o CDUL joga esta noite com o CIF, no pavilhão da Ajuda.

Para o regional da 1.ª divisão basquetebolística, efectuaram-se os jogos Queluz-Atlético (61-71), Cruzquebradense-Nacional (61-83) e Benfica-Algés (86-77). Benfica, Algés e Atlético estão já na fase final da competição.

CICLISMO

Amanhã, a partir das 9 horas, disputa-se o campeonato nacional ciclista de rampa, com uma corrida de 1800 metros entre a R. António Lúcio Batista e o Miradouro de Monte Gordo (em Vila Franca de Xira).

EXPANSÃO

«O F. C. do Porto quando atingir os 70 mil associados, ficará impossibilitado de admitir mais» — revela, numa entrevista concedida ao «Jornal de Notícias», Almerindo Carneiro, director das instalações do clube nortenho. Acrescentou (ainda) que há duas semanas, o clube já atingia o número de 65 546 associados.

Entretanto, o fecho da «Maratona» do Estádio das Antas (cuja obra está orçada em cerca de 35 mil contos) ficará concluída até ao fim do ano, sem contar com as obras complementares, que poderão orçar em mais de 5000 contos. A «Maratona» terá capacidade normal para 14 mil espectadores, admitindo-se que possa ir até 16 mil.

Segundo o director das instalações, ficarão em utilização 88 camarotes, situados entre a bancada e a arquibancada. Dois desses camarotes destinam-se aos jornais e à Rádio Portuguesa (30 lugares para a Imprensa escrita e para quatro postos radiofónicos). Um outro camarote servirá para instalar os órgãos da Comunicação Social estrangeira, mas poderá ser utilizado em alguns jogos.

O F. C. do Porto, neste momento, tem cerca de 2600 lugares para vender ao público, na arquibancada.

NATAÇÃO

Esta tarde, nas instalações da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, a Associação de Natação de Lisboa efectua a distribuição de prémios referente à época transacta.

RÂGUEBI

Jogos de râguebi para esta tarde: CDUL-Amadora, Direito(jun.)-Agronomia (jun.), Técnico (jun.)-M. Caparica, Agronomia-Direito, Benfica-Académica e Benfica «B»-Barreiro. Amanhã Técnico «B»-Benfica (jun.), Direito «A»-Belenenses e Técnico «A»-Medicina.

TÉNIS DE MESA

Com a presença de 252 atletas em representação de 24 clubes de Portugal e de Espanha (Círculo Mercantil, Círculo de Lavradores de Sevilha, Estrela Dourada e Casa Rural, de Granada), disputa-se, amanhã o «IV Grande Torneio Aberto de Ténis de Mesa», da Feira de Santa Iria, em Faro.

As equipas portuguesas são do Sporting, Casa Pia, Portimonense, Belenenses, Bonjoanense, Operário, Farense, Guadiana, Esperança de Lagos, Estrela da Amadora, Peringelense, Palmeira, Tavirense, Benfica, Académico da Amadora, União de Lisboa, Moura e Centro Católico. Nos 252 atletas estão 108 seniores, 59 juniores, 45 infantis, 23 veteranos, 10 senhoras e 7 meninas.

TIRO AO ARCO

No torneio «Exame», efectuado no Jamor, triunfaram os arqueiros Carlos Vieira, Henrique Santos, Prista Caetano António Lopes, Ana Vaz e Amelia Buco, além de representações do Lisboa Ginásio e o Companhia Nacional de Navegação.

MODERNISMO E ARTE NEGRO-AFRICANA NO MUSEU DE ETNOLOGIA

Exposição organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, Museu de Etnologia, Fundação Calouste Gulbenkian com a colaboração do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

ABERTO DIARIAMENTE DAS 16 ÀS 21 HORAS
AO SÁBADO ENCERRA ÀS 24 HORAS
FECHA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS
AV. ILHA DA MADEIRA — RESTELO

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág 15

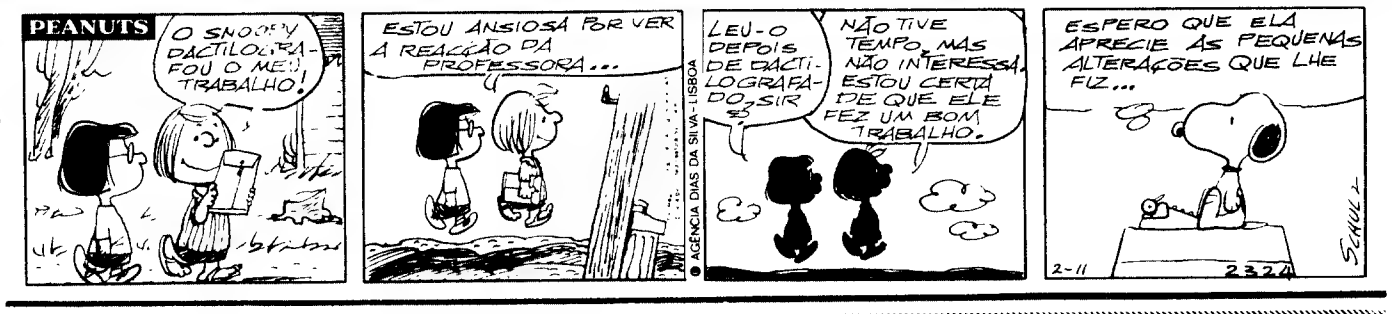
técnica, a condição física, béu-béu, béu-béu...

Alves dos Santos viu-se rodeado de David Sequerra, Alfredo Farinha, Alves Teixeira. A presença de Alves dos Santos seria motivo para a manutenção de um certo equilíbrio na condução do diálogo. Desejaríamos, no entanto vê-lo rodeado de gente nova, gente a quem fossem dadas possibilidades de encarar o futebol por ângulos diferentes, mais actualizados. Sequerra, Farinha, Teixeira? Pra quê estes? Porquê estes? Acaso já não disseram tudo quanto tinham a dizer? Qual a finalidade em insistir nos mesmos nomes? Como aparecem estes nomes escolhidos?

. Para quê, por outro lado, a discussão dos problemas acessórios? Para quê lateralizar o jogo? Fora o joguinho a meio campo! Vamos para o golo, meus senhores!

. O golo consiste na modificação das estruturas da bola. É preciso jogar com uma bola redonda e não com uma bola de bicos. O futebol profissional: convém-nos? O futebol amador: têmo-lo, em números significativos? Qual o papel do desporto na perspectiva apontada na Constituição? Integra-se o futebol nessa perspectiva? E possível um futebol de qualidade num país de baixo nível de vida e de moeda tão fraca, como a nossa, cortada como está a árvore das patacas das ex-colónias?

. Fugir a estas questões é iludir o fundo da questão. É prosseguir na conversa de chacha que durante anos e anos vingou porque outra não era possível. Ve-la reaparecer não tranquiliza nada...



Faleceu Raul Cabral

Faleceu na madrugada da última sexta-feira, Raul Joaquim da Rocha Cabral, de 36 anos, irmão do nosso camarada de trabalho na «Renascença Gráfica», Adelino Antunes Cabral.

O corpo de Raul Cabral estará na Igreja de Arroios a partir das 17 horas, realizando-se o funeral amanhã, às três da tarde, para o Cemitério de Loures.

A família enlutada, especialmente à viúva, uma filha menor e ao nosso companheiro de trabalho, aqui deixamos a expressão do maior pesar.

Raul Cabral

BARES - BOITES

RESTAURANTES

TASCAS

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef 364859°368197. Rosy Striptease sousse

CASINO ESTORIL .. Jogo autorizado Variedades internacionais. T 261461/164526/264595/ 264621/264946

«ALFAMODA _ COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA»

. . CERTIFICO que, por escritura de 6 de Agosto corrente, lavrada de folhas 12 verso a 23 verso do livro D-65, das notas deste 8.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. em Direito Eduardo António Correia de Azevedo, foi constituida uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, sob a forma de sociedade anónima, de alfaiates e modistas, com a denominação «ALFAMODA _ COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO, SOCIEDADE COOPERATIVA ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», com sede provisória na Rua Ferreira Borges, n.º 181, 1.º andar, em Lisboa, visando o seu objectivo conseguir para os sócios condições sócio-Económicas dignas através de uma participação de todos no trabalho e na gestão, para o que a Cooperativa deve:

A) Racionalizar a produção de todos os artigos de alfaiataria, procurando reduzir o custo de produção;

B) Permitir um mais completo aproveitamento dos equipamentos;

C) Adquirir os equipamentos considerados necessários a um aumento de produção e rendimento do trabalho;

D) Montar postos de venda próprios eliminando assim intermediários;

E) Conseguir uma redução nos custos fixos, nomeadamente quanto a rendas de imóveis;

F) Obter maior poder de negociação através da venda em grandes quantidades.

O capital social é variável destina-se à actividade normal da Cooperativa e será subscrito em acções no valor nominal de 100$00 cada, sendo o mínimo de 10 000$00 já subscrito.

Podem ser sócios da Cooperativa, os seus trabalhadores manuais, técnicos ou administrativos que preencham as condições no artigo Décimo, e que são as seguintes;

A) ter mais de desasseis anos;

B) entrar com a comparticipação estipulada;

C) ter boa conduta e aptidões para a função ou actividade que vá desempenhar; e

d) ser admitido pela direcção da Cooperativa, depois de um periodo experimental de três meses em que a Direcção dará o seu parecer.

Lisboa, 19 de Agosto de 1976

O Ajudante

Maria de Fátima Cordes Arantes

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO URBANISMO E CONSTRUÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO
PARA ARREMATAÇÃO
DA EMPREITADA N.º 7/76
NÚCLEO DE EQUIPAMENTO POLIVALENTE EM QUINTAS — VILA FRANCA DE XIRA

1. Preço base ..... 4 017 070$40
   Caução provisória ... 100 426$80
   Prazo de execução ... 180 dias

2. Alvará exigido
   — Categorias I e V
   — Categoria única e 1.ª subcategoria para industriais da construção civil.
   — Classe e subclasse correspondentes ao valor da proposta apresentada.

3. Data, hora limite e local para entrega das propostas.
   Até às 17 horas do dia 9 de Dezembro de 1976, no Fundo de Fomento da Habitação/Secção de Expediente Técnico, Av. Columbano Bordalo Pinheiro n.º 5 - 2.º andar — Lisboa.

4. Local, dia e hora do acto público do concurso:
   No mesmo edifício, 8.º andar, pelas 15 horas do dia 10 de Dezembro de 1976

5. Local e horário para exame do processo:
   No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente.

Fundo de Fomento da Habitação, em 20 de Outubro de 1976.

O Director dos Serviços de Obras
Serafim de Oliveira
Engenheiro

tempo

Situação do tempo 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito, nublado chovia ou caíam aguaceiros em várias regiões e o vento era fraco de Norte

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de chuva alternando com boas abertas; aguaceiros mais frequentes a Norte do Tejo; vento fraco ou moderado de Noroeste; arrefecimento nocturno

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	12º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
FARO	15º
FUNCHAL	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA MAR		BAIXA-MAR	
2.45	4,4 m	8.28	0,5 m
15.08	4,5 m	20.50	0,5 m
Dia 24			
3.29	4,5 m	9.11	0,5 m
15.52	4,5 m	21.32	0,6 m
Dia 25			
4.12	4,5 m	9.54	0,6 m
16.38	4,4 m	22.14	0,7 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.55
OCASO AS 17.46

DIA 23 DIA 29 DIA 7 DIA 14

Palavras cruzadas

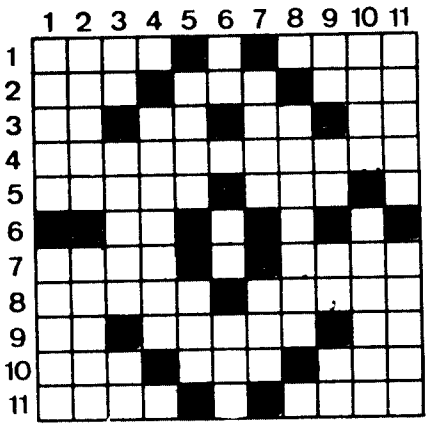
COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11501

HORIZONTAIS

1 Suco narcótico obtido de algumas papoilas. Artigo definido. Suor.
2 Pátria. Apelido. Donzela de Orleães.
3 Distar. Átomo Amonio (s.q.). Culpada.
4 Limparíamos com vassoura
5 Tribo indígena brasileira. Anel
6 Samário (s.q.).
7 Nome de fruto. O essencial o indispensável.
8 Guarnecia de asas. Leitos.
9 Vareja. De outro modo. Batráquio.
10 Rema para trás. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Palavra gaelica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses
11 Tosta. Limpa com água.

VERTICAIS

1 Objecto em forma de azeitona. Mastiga sem engolir
2 Estacionar. Guarneceis de asas.
3 Distar. Quinhão (pop). Artigo definido
4 Aromatizava.
5 Prendas. Fileira.
6 Viracão. Letra grega. Seguiam
7 Menina (Bras). Óxido de cálcio.
8 Velhacas.
9 Gálio (s.q.). Pedra de moinho. Artigo indefinido. Miriare
10 Bramido. Bastonada (inv.)
11 Ardente. Cidade do Japão.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

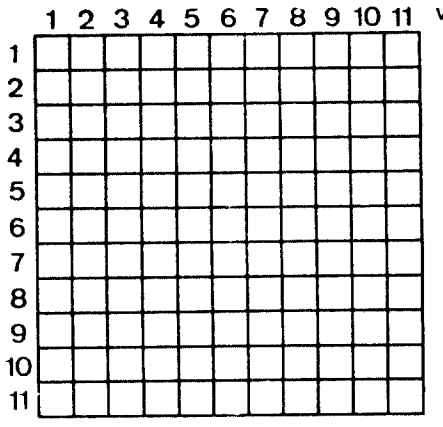
NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7661

HORIZONTAIS

1 Confusão.
2 Campo em que exerce determinada acção. Limites
3 Quinhentos e um em romano. Suspiros.
4 Molesta. Mestre.
5 Viração. Reze. Cloro (s.q.)
6 Empregais. Rio de França.
7 Preposição. Aplana.
8 Cesio (s.q.). Oceano. Brisa.
9 Prendei. Nome do trono imperial da Etiópia
10 Isolada.
11 Membros de aves. Lavramos

VERTICAIS

1 Bário (s.q.). Pátria. Pronome indefinido. Pega.
2 Queimas. Pronome demonstrativo.
3 Monarcas. Artigo indefinido. Pega.
4 Autores. Preposição e artigo definido. Dás mios.
5 Uma das incarnações de Vixnu na mitologia hindu.
6 Artigo indefinido. Monarca. Raspa
7 Bagatela. Apelido Patria.
8 Doutor. Boro (s.q.). Consegue.
9 O mesmo que acaizeiro e outras palmeiras. Cinquenta e um em romano. Medida de líquidos da Holanda e Alemanha.
10 Nesse lugar. Costume. Com paixão.
11 Atacar. Campeão



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11500

HORIZONTAIS:

1 EM. MAIO. Mab.
2 Sabem. Inata
3 Soe. Abro. Er
4 Balão. Pau.
5 Ve. Er. Ror.
6 Aa. Roeras.
7 Trompa. Ga.
8 Aa. Parco In
9 Cibo. Io. Aab.
10 Aso. Tarar
11 Im. Maicor.

VERTICAIS:

1 Essa. Atacar.
2 Mão. Varais.
3 BEBE O BOI.
4 Me. Empo.
5 Amale. Pa.
6 Barrariam.
7 Oiro. Cora.
8 NO REGO. Aí.
9 Ma. Porá. Arc.
10 Ateara. Ia.
11 Baru. Sonhar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7660

HORIZONTAIS:

1 Am. Mouraria.
2 Seta. Remava.
3 Ela. Sumiras.
4 Lo. Rogado.
5 Peludos.
6 Pum! Ao. Mi.
7 Repetiram.
8 Elitro. Cavo
9 Ralei. Areal.
10 Raros.
11 Varas. Assar.

VERTICAIS:

1 Aselo. Rer.
2 Melo. Pelara.
3 Ta. Pupilar
4 Ma. Remetera
5 Sol. Trios.
6 Uruguaio.
7 Remador
8 Amido. Acres
9 Raros. Mae.
10 Iva. Vaca.
11 Aas. Tirol

Provérbio: EM MAIO, BEBE O BOI NO REGO

farmácias de serviço

LISBOA
TURNO O-1
(Até às 22 horas)
ALCÂNTARA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971):
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36; (Tel. 845513.
AREEIRO
Carraxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 717958.
AVENIDA DE ROMA
Marbel, Av. de Roma, 131 A (Tel. 776235.
CARNIDE
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Tel. 783179.
CHARNECA
S. Bartolomeu, V.ª paulo Jorge 1 (Galinheiras — Charneca) (Tel. 780969.
CHILE
Vitália, Rua Morais Soares, 69 (Tel 841779
OLIVAIS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, lote 199 (Olivais Sul). (Tel. 313610.
PALHAVÃ
Curie, Av. Madame Currie, 15-A (Tel. 778439.
RESTELO
Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos). (Tel. 611814).
SALDANHA
Saldanha (F.ª Arga, Ld.ª). AAv. Praia da Vitória, 53-55. (Tel. 43938
SANTA APOLÓNIA
Pereira Suc, Rua do Paraíso, 98-1000 (Tel. 863224
S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52. (Tel. 608531.
TURNO O-2
TODA A NOITE

AREEIRO
Garantia, Av. P.e Manuel da Nóbrega. (Tel. 727300.
AVENIDAS NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 773043.
AV. DE ROMA
Belo, Av. Roma, 53-A (Tel. 776314.
BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (B.º Encarnação), (Tel. 311216.
BAIXA
Estácio, P.ª D. Pedro V. 60-63 (Rossio). (Tel. 327067-324224)
BENFICA
Macedo, Est. Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931)
CAMPO OURIQUE
Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)
CARNIDE
Teles, Rua João de Barros; »; FRENTE (Tel. 638176)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (Tel. 862909)
LUMIAR
Douro, Alm. Linhas de Torres, 93-A-B (Tel. 791131)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-C (Tel. 720703-728395)
RATO
Manuel Vicente Jesus, Largo Rato, 3-C-D- (Tel. 681947)
S. SEBASTIÃO
S. Sebastião, Largo S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.2112070)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 horas
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054) Toda a noite
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 15 (T.260116) Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314). Até às 22 horas
CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontaínhas (T.281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T.280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **SJorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Quimia, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012); **Miranda Garcia**, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da wcosta, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Higiénica, R.D.Manuel I, 178 (T.2073017). Até às 19 horas; **Moderna**, R.D.Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T.2073443). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
União Moirense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Leão, Av da Liberdade, 13 (T 2233471)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P.do Bocage (T.22484); **Nova**, R.General Gomes Freire (T.22052)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 18
ATÉ AS 22 HORAS
Constituição, R d Constituicao, 93 **Ferreira de Carvalho** R do Bonjardim, 354 **Ramos**, P do Exercito Libertador, 91 **Figueiredo**, Ld" R de Cedofeita, 125 **Sousa**, **Soares**, R de Santa Catarina, 141 **Vitoria** R d S Roque da Lameira 756
TODA A NOITE
Parente, R das Flores, 114 **Canavarro** R d Restauracao 53 **Padrão** R de Santo Ildefonso 342 **Sanit** [illegible] Paraiso 2 4

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046) **Higiene**, Rua Fernandes Tomás, 41 (Tel. 22634) **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569).

cinemas

ALVALADE
Tel 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Luis de Funes em
AS FÉRIAS GRANDES
Um filme de Jean Giraut
4.ª Semana
Para todos

APOLO 70
Tel 763319 14.00, 16.30, 21.15
A obra-prima de Luis Buñuel
VIRIDIANA
4.ª Semana
com Silvia Pinal, Fernando Rey, Francisco Rabal
Hoje às 19 h e 24 h
Panorama do cinema mexicano
Não acons. men. 18 anos
Aundar Anapu

AVIS
Tel 47163 15.15, 18.15, 21 15
Nao acons men 13 anos
24.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos apos os horarios

BERNA
Tel 776098 15 15, 18.15, 21 15
Nao acons men. 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ... Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO
Tel 795093 14, 16.30, 19 e 21 15
Não acons men 18 anos
Al Pacino em
UM DIA DE CÃO
6.ª Semana
Um filme de Sidney Lumet

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel 971794 21.00
A SENHORA SABE DA PODA
Às 24 h. Int. a m. 18 anos
DELÍCIAS TURCAS

CASINO ESTORIL
Tel 254521/264996 17 e 21.15
Não acons a menores de 18 anos
OS DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Às 18.15
OS COMISSÁRIOS DA ILHA VERDE

CÁSTIL
Tel 630194 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
UM AMOR COMO O NOSSO
(Un amour comme le notre)
Um filme de Andrée Marchand
Interdito a menores 18 anos
Este filme pode ser considerado pornográfico
Interdito a menores de 18 anos
Hoje às 24 h. (antestreia)
Interdito a menores de 18 anos
FESTA PRIVADA

CONDES
Tel 322523
Às 14 00 16 30 19 00 21 15
Não acons. a menores de 13 anos
Num ambiente escaldante..
OURO
C/Roger More Susannah York, Ray Millano

EDEN
Tel 320768 14 45, 18.00, 21 15
Jamais o cinema indiano foi tao longe!
Não acons a menores de 18 anos
FOGO REAL
O filme empolgante de Ramesh Sippy
Nao acons. a menores de 18 anos

ESTÚDIO
Tel 551344 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Não acons men. 13 anos
O PROCESSO DIMITROV
O julgamento do seculo!

ESTÚDIO 444
14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EXIBIÇÃO
Este filme contem cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO
Tel 555134/5 15.15, 18.30, 21.15
A actriz mais sensual da actualidade LAURA ANTONELLI
MEU DEUS, AO QUE EU CHEGUEI!
Um mestre do cinema italiano LUIGI COMENCINI
Nao acons. a menores de 18 anos

LONDRES
Tel 801313 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Nao acons men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
C/ Dirk Bogarde e Charlotte Ramping
Às 24 h Interdito a m. 18 anos
O TRIO INFERNAL

MUNDIAL
Tel 538743 15.15, 18.30, 21.15
Nao acons a menores de 13 anos
NAO HA AZAR
Uma enorme explosao de riso

NIMAS
Tel 574313/574313
14 15, 16 30 18 45 e 21 15
Nao acons men 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
4.º mês de lotações esgotadas
O Chile de Allende a Pinochet
Sábado e domingo
Matinée Infantil (M 6 anos)
DESENHOS ANIMADOS

ODEON
Tel 326283 Estreia às 21.15
Grupo D (18 anos)
A comedia do sexo com feras de salas
AS PANTERAS
c/Fernando Fernan Gomez (col)

PATHÉ
Tel 821933 15.00 18 00 21 15
Uma dimensão exacta de amor com mistura de [illegible]
AAINA
Um filme [illegible]
Nao acons a menores de 13 anos
Às 24 h Nao acons a m 13 anos
AAINA

POLITEAMA
Tel 323805 14 15, 16 30 19.00, 21.30
Interdito men 18 anos
2.ª semana do filme pornografico
PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA
(Cont cenas eventualmente chocantes)

RESTELO
Tel 610376 15 00, 21.00
Grupo D M 18 anos
A MULHER, O AMOR E O ODIO

ROMA
Tel 727778 15 30 18 30, 21 15
Interdito men 18 anos
SEXUALMENTE TUA
2.ª Semana
Um filme de Max Pecas

ROXY
Tel 48550 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Atrevido mas... saudável como vitamina
SEXE MOTEL
Um filme de John Hilbard
Não acons a menores de 18 anos

S. JORGE
Tel 554153 15.15, 18.15, 21.15
O mais espectacular filme do nosso tempo!
ROLLERBALL
De Norman Jewison com James Caan

TIVOLI
Tel 570595 15 15 18 30 21 15
Isto não e um filme, e um fabuloso espectáculo musical!
2.ª Semana
KAZABLAN
Com Yehoram Gaon, Arie Elias, Yehudah Efroni
Para todos

UNIVERSAL
Tel 774402 15 19 e 21
Às 15.00, 21 00 um filme de Glauber Rocha
CABEÇAS CORTADAS
Às 17 e 23 h Um filme de Claude Feraldo Não acons a m 18 anos
REGRESSO AS CAVERNAS
Às 19 h Um filme de Jean-Luc Godard Não acons a m 18 anos
NUMERO DOIS

LISBOA/Teatros

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (13 anos)
«As Coisas que o Padre Faz»
COLISEU
21.30 (6 anos)
«Olimpíada do Circo»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O director da Ópera»
VARIEDADES
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Isto é que me Dói»
MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O circulo de Giz Caucasiano»
COMUNA
21.45 (18 anos)
«O Mágico da Cenoura»
ÁDÓQUE
20.30, 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»
A.B.C.
20.30, 22.45 (18 anos)
«Cada Cor Seu Paladar»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21 30 (13 anos)
«Tambores na Noite»

LISBOA/Cinemas

CALEIDOSCÓPIO
21 00 (18 anos)
«Um Dia de Cao»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Técnicas do Amor»
CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Wester porno»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Emanuelle a Anti-Virgem»
EUROPA
21 15 (13 anos)
«Deus perdoa, eu nao!»
MONUMENTAL
21 15 (13 anos)
«A Filha de Ryan»
IDEAL
21 15 (10 anos)
«O Tarzan do 5.º Esquerdo»
JARDIM
21.15 (14 anos)
«A Espada Relâmpago»
LUMIAR
21.15 (14 anos)
«O Regresso de Tarzan»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«De arma em punho»
RESTELO
21.00 (18 anos)
«A Mulher, o Amor e o Ódio»
PARIS
21.15 (14 anos)
«O Direito de Nascer»
PALÁCIO FOZ
21.00 (13 anos)
«O Centro dos Enforcados»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Camorra»
SATÉLITE
19.00, 21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»
VOX
21.15 (18 anos)
«Os Teatros Eróticos de Paris»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (6 anos)
«Os Gonosos Maucos das Máquinas Voadoras»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«O Porteiro da Noite»
MEM MARTINS Cine Chaby
21.15 (10 anos)
«Uma Pistoa para Ringo»
SINTRA
Caros Manue
21.15 (13 anos)
«Curvas nas Férias»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Vigarista»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Roya-Cine
21.15 (18 anos)
«A Serpente de Ouru»
ESTORIL
Paácio
21.15 (18 anos)
«4 Lados Para um Triângulo»
CASCAIS
Oxford
21.15 (13 anos)
«Bobby»
CASCAIS
»«:«ª (18 anos)
«Sao — Os 120 Dias de Sodoma»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«Chantagem»
ESTUDIO
21.15 (6 anos)
«O que faz andar um Homem»
ÁGUIA DE OURO
21 15 (13 anos)
«Passado Inesquecivel»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Mulher, o Amor e Ódio
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Vampira»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Robby»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Reporteres sem Freio»
ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A Esposa Comprada»
JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«Desenhos Picantes»
CIRCO MEXICANO
22.00 (10 anos)
«Circo Mexicano»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Fantasma do Paraiso»
RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Mostarda Sobe-me ao Nariz»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»
SÁ DA BANDEIRA
21 30 (18 anos)
«Marylin e o Senador»
TRINDADE
21 16 (18 anos)
«A Rival»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Dragão»

COIMBRA

AVENIDA
21 15 (6 anos)
«O Regresso do Fantasma Cor de Rosa»
GIL VICENTE
21 15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«A Grande Valsa»
TIVOLI
(13 anos)
«Voluntarios a Força»

rádio

1.º Programa

16.00: Tarde desportiva — futebol — relato, em cadeia, dos jogos: Leixões-Estoril, Belenenses-Varzim, C.U.F.-Vasco da Gama, Feirense-União de Coimbra, Oriental-Marítimo e Paços de Ferreira-Gil Vicente; **18.00**: Música portuguesa; **18.30**: 23.º aniversário da morte do padre Américo; **19.00**: Cantorias; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Orquestras, **21.00**: Contraponto; **23.05**: Rádio revista, por Luis Pereira de Sousa; **00.00**: Último jornal; **00.15**: Jazz; **00.30**: Conjuntos; **01.00**: Música na noite.

2.º Programa

16.00. Intercâmbio musical; **16.20**: Suite op 60, «O Burguês Fidalgo», de Richard Strauss; **17.00**: A História de Franca em cancões; **17.30**: Obras de Chabrier **18.00**: Temas de História, **18.30**: Cantata BWV 59, de Bach; **18.45**: Encontro com os nossos artistas, **19.30**· As palavras dos musicos, pelo dr Joao de Freitas Branco; **20.00**: Música de bailado· **20.30**: Solos de piano, **21.00**: Concerto sinfónico, **23.00**: Intercâmbio musical; **23.45**: Cançoes de Schubert e Schonberg; **00.10**: Suite sinfónica· **01.00**: Fecho

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante; **16.15**: Casos ao acaso; **16.40**: Disco... rendo; **17.15**: Vamos ao médico, **17.30**: Cinema em variante; **18.00**· Contacto· **21.00**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: Nocturno, **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (197,5 m)

18.00: Entardecer ver, ouvir .. e comentar **19.00**: Entardecer (continuação), **19.30**: O diálogo de sábado (repetição) **21.00**· Fecho.

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

16.00: Música variada; **17.00**: Cançoes, **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita, **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho

BIBLIOTECA DA CINEMATECA NACIONAL
Abertura ao público das 14 às 20 horas de 2.ª a 6.ª feira
INSTITUTO PORTUGUÊS DE CINEMA
Rua de S. Pedro de Alcântara, 45 - 1.º
LISBOA-2

D. L.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O secretário de Estado falando durante a recepção

Imprensa estrangeira com Manuel Alegre

. O secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, ofereceu ontem à noite no Palácio Foz uma recepção aos adidos de Imprensa e representantes das agências noticiosas estrangeiras creditados em Portugal.

Ao iniciar a recepção Alegre saudou todos os jornalistas presentes, sublinhando que «o 25 de Abril abriu as portas a uma política de paz, amizade e cooperação com os povos de todo o Mundo». Citando Amílcar Cabral, o secretário de Estado afirmou ainda: «Os jornalistas são os melhores aliados dos povos que lutam pela sua libertação.»

P.J. procura Ângelo de Trancoso

A Polícia Judiciária acaba de desencadear uma ofensiva contra uma rede especializada no tráfico de automóveis, provenientes de furto e contrabando, com utilização de livretes oriundos das ex-colónias, legais e falsificados. O principal implicado nesta rede chama-se Ângelo do Nascimento, de Trancoso, mais conhecido por «Ângelo da Peixeira». Foi guarda-costas de Galvão de Melo.

A actividade desenvolvida por Ângelo do Nascimento foi aliás referida em notícia publicada na nossa edição de anteontem, através da qual fazíamos a relacionação deste indivíduo com a explosão de Monsanto (26/9/75) e com operações de contrabando não apenas de automóveis mas ainda de pistolas e metralhadoras «Beretta».

Lembra-se que nos últimos meses o «Ângelo da Peixeira» tem sido visto, com a frequência de um «homem tranquilo», passeando pela sua terra (Trancoso) ou nas cidades de Viseu, Guarda, Bragança e Chaves, tendo ainda sido notada a sua presença em Aveiro, onde funciona uma das suas oficinas de «alteração» dos automóveis.

Há cinema no fim-de-semana mas no outro talvez não

. Este fim-de-semana continuará a haver as sessões de cinema normais mas é muito provável que num dos próximos a exibição cinematográfica pare em todo o País para protestar contra o recente aumento das taxas de distribuição de 15 para 30 mil escudos e a oneração em mais de 60 por cento das taxas sobre os filmes importados.

Esta decisão foi tomada por maioria, na reunião de ontem da Assembleia Geral do Sindicato de Actividades Cinematográficas e entrará em vigor se o Governo não revogar as decisões contestadas, no prazo máximo de oitc dias. Por isso mesmo foi marcada nova reunião para sexta-feira. Hoje efectua-se idêntica reunião no Porto.

Ontem também a Comissão Directiva do Sindicato avistou-se com o ministro de Estado Henrique de Barros, que se encontrava acompanhado por David Mourão Ferreira, secretário de Estado da Cultura. Um membro da Comissão informou a Assembleia Geral que aqueles dois membros do Governo se tinham mostrado receptivos às reivindicações do Sindicato.

madeira

viagens especiais em avião fretado

desde

2 680$

29 Out a 1 Nov 3 noites

30 Nov a 8 Dez 8 noites

feriados de NOV e DEZ

Europeia

a experiência ao serviço do turismo

Portugal compra aos E.U.A. excedentes agrícolas

. Entre o Governo portugues e o governo dos Estados Unidos foi ontem assinado um contrato de financiamento no valor de 1 milhão e meio de contos.

No âmbito deste acordo, em que as duas partes estiveram representadas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, e pelo encarregado de negócios da embaixada americana, Herbert Okun, Portugal poderá importar, até Setembro de 1977, 70 mil toneladas de arroz, 60 mil de trigo, 20 mil de milho e sorgo, 3,3 mil de tabaco e 20 mil fardos de algodão. Trata-se de excedentes agrícolas dos Estados Unidos. A taxa de juro é de 4,5 por cento, não tendo sido revelado o prazo de amortização.

Churrasqueira no Mercado do Povo

Para quem gosta de jantar (ou cear) às tantas da noite, eis uma boa notícia: a Cooperativa Hoteleira do Mercado do Povo inaugura hoje, às 19 horas, nas suas instalações em Belém, uma «nova e bem apetrechada» churrasqueira.

"NUMERUS CLAUSUS"

Medicina só com 1200 "caloiros"

É de 1220 o número total de estudantes a admitir nas Escolas de Ensino Médico para as matrículas no 1.º ano no tronco comum aos cursos médicos, paramédicos ou afins no ano lectivo de 1976-1977 determina o MEIC, através da portaria número 636/76, publicada no «Diário da República» de hoje.

Assim, o número total atrás fixado será distribuído pelas várias escolas, da forma seguinte: Faculdade de Medicina de Coimbra, 300; Faculdade de Medicina de Lisboa, 200; Instituto Biomédico de Lisboa, 250; Faculdade de Medicina do Porto, 270; Instituto Biomédico de Abel Salazar, 200.

Quanto à forma como as vatas serão preenchidos determina a portaria do MEIC: 80 por cento das vagas serão distribuídas aos candidatos residentes no território do continente e habilitados com as condições normais de acesso; 12 por cento das vagas serão atribuídas a candidatos como um mínimo de três anos de actividade profissional paramédica ou afim da medicina e possuidores das habilitações referidas para o ingresso no ensino superior; seis por cento das vagas serão atribuídas a candidatos residentes nas regiões autónomas dos Açores e Madeira e no território de Macau, habilitados com as condições normais de acesso; dois por cento das vagas serão atribuídas por ordem decrescente da classificação obtida, aos candidatos aprovados em exame «ad hoc».

Caso haja igualdade numérica de classificação, terão prioridade, para a escola de Coimbra, os candidatos provenientes de Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu; para as escolas de Lisboa, os candidatos de Évora, Beja, Faro, Lisboa, Porto e Setúbal; para as escolas do Porto, os candidatos de Aveiro, Braga, Bragança, Portalegre, Viana do Castelo e Vila Real.

Reacção procura "abater" António Macedo

PORTO, 23 — Os núcleos do P.S. da «EFACEC» enviaram a Mário Soares, Salgado Zenha e Jorge Campinos o texto de que nos solicitam a publicação: «Os núcleos do Partido Socialista da «EFACEC», representados por 200 trabalhadores reunidos de emergência, repudiam energicamente tudo quanto de repugnante envolve uma moção publicada no jornal «A Luta» de 21 deste mês onde se expressa um voto de desconfiança aos nossos camaradas José Luís Nunes, Carlos Lage e Fernando Almeida.

«Mais, muito mais, do que o simples direito de livre crítica dentro do partido, está aqui em jogo a insinuante infiltração das forças de direita que, em vésperas do congresso do partido, tentam desesperadamente arrastar o P.S.

«Os militantes socialistas da «EFACEC» reafirmam toda a sua solidariedade com estes três camaradas ao lado de quem lutam e ainda com o nosso presidente António Macedo, figura que, na sombra, se procura também abater para que tosse possível dar livre curso aos desejos veladamente reaccionários de uns quantos caciques que ainda deambulam por aí.»

E.M.E. INFORMA

Questão dos ex-milicianos "é assunto interno"

. O Estado-Maior do Exército emitiu, ao fim da manhã, o seguinte comunicado acerca da questão dos oficiais do Quadro Permanente oriundos de milicianos: «Para evitar especulações infundadas o E. M. E. considera necessário esclarecer a opinião pública acerca das notícias ultimamente difundidas e relacionadas com as reuniões de oficiais.»

. «É sabido que a questão dos oficiais do Quadro Permanente oriundos de milicianos, data de antes do 25 de Abril. Os referidos oficiais efectuaram diligências no sentido de verem satisfeitas as suas aspirações que pertencem ao âmbito da administração do pessoal do Exército. De resto, antes dos factos recentemente vindos a público, o E. M. E. tinha o assunto equacionado com vista à sua resolução na sequência de um encontro informal em que um número limitado daqueles oficiais abordou o assunto. Verificou-se em 13 de Outubro em Lisboa, uma reunião alargada com o propósito de fazer o ponto da situação e encetar diligências futuras. Todavia as notícias publicadas em alguns órgãos de Informação e que surgiram com alguns dias de demora em relação à data em que a reunião teve lugar assumiram forma de comunicado que incluia, entre outros pontos, proposta de condecoração para oficiais que serviram em Timor.»

. «A disparidade entre os propósitos da reunião e as notícias referidas deve-se à actuação de elementos movidos por interesses que não conduzem à solução do problema destes oficiais. A questão passava assim a envolver matéria susceptível de incluir infracção disciplinar pelo que o general chefe do E. M. E. determinou que se procedessem a averiguações.»

. Em 20 de Outubro tendo-se reunido na Malveira, um grupo de oficiais naquelas condições forças de a Escola Prática de Infantaria, realizaram um controlo de viaturas e identificaram alguns dos presentes. Os oficiais identificados foram chamados a prestar declarações. No prosseguimento das averiguações já em curso, estes factos mostram que alguns dos oficiais mencionados utilizaram um processo de actuação à margem das vias militares competentes pois sempre lhe foram facultadas para solução deste problema, que interessa ao Exército no seu todo e não apenas aos oficiais oriundos de milicianos. Nestas circunstâncias o E. M. E. julga oportuno proceder ao esclarecimento da questão e reconduzir à sua real dimensão de assunto interno do Exército».

Novo decreto da gestão

Continuação da pág. 1

O presidente e vice-presidente do Conselho Directivo terão de ser professores profissionalizados. No caso em que não for possível respeitar esta cláusula, o ministro da Educação e Investigação Científica, sob proposta da respectiva Direcção-Geral de Ensino, ouvida a Direcção-Geral do Pessoal e Administração, designará os docentes que hão-de integrar o Conselho Directivo, podendo, para o efeito, destacar docentes profissionalizados de outros estabelecimentos de ensino. O mandato dos elementos do Conselho Directivo será de dois anos para os docentes e um ano para os alunos.

Compete ao presidente do Conselho Directivo presidir às reuniões dos Conselhos Directivo, Pedagógio e Administrativo; representar o estabelecimento; abrir a correspondência e assinar o expediente; decidir em todos os assuntos que lhe sejam delegados pelo Conselho ou em situações de emergência em que não seja possível ouvir este; e submeter à apreciação superior os assuntos que excedam a competência do conselho directivo.

Quanto ao Conselho Pedagógico, será constituído pelo presidente do Conselho Directivo, por um professor delegado de cada grupo, subgrupo, disciplina ou especialidade, e por delegados dos alunos (um por cada ano). O Conselho Administrativo será constituído por um presidente, um vice-presidente e um secretário.

Nota tome nota

LOPES RIBEIRO A CRISTANDADE E A CIVILIZAÇÃO

O dr. António Lopes Ribeiro, que antes do 25 de Abril, talvez contrariado, ajudou muita gente a amar Charlot, Pamplinas e outros anti-heróis, nesta terra de «heróis» e «santos» institucionalizados, deu em prosador da «Rua».

A sua última obra ocupa as centrais daquela folha. Trata-se de entrevista a um senhor que dá pelo nome de Maurice Bardéche autor de uma «sui generis» História da Guerra de Espanha e «principal mentor vivo da direita francesa, último sobrevivente do grupo incomparável de que faziam parte Robert Brasillach, Lucien Rebatet, Drieu la Rochelle, depurados por se terem oposto à eclosão da mais estúpida, da mais catastrófica das guerras, por amarem a França e a Europa, a Cristandade e a Civilização Ocidental», como admirativamente o apresenta.

Nessa entrevista dão-se conselhos à direita, para suprir «uma espécie de ausência política da reacção em Portugal», e sobre o modo como deve combater os autores de pinturas murais dos partidos da esquerda. Um exemplo: «Nós teríamos metido cinquenta rapazes em automóveis, com baldes de tinta preta e as pinturas desapareceriam. Mesmo que fosse preciso jogar à pancada deixando alguns por terra, isso fazia-se».

Lá se pode ler também que, como a direita portuguesa não parece suficientemente «enérgica e dinâmica» a solução virá de Moscovo pois, ao que diz o sr. Maurice, «no dia em que isso for longe de mais será Moscovo que os deterá».

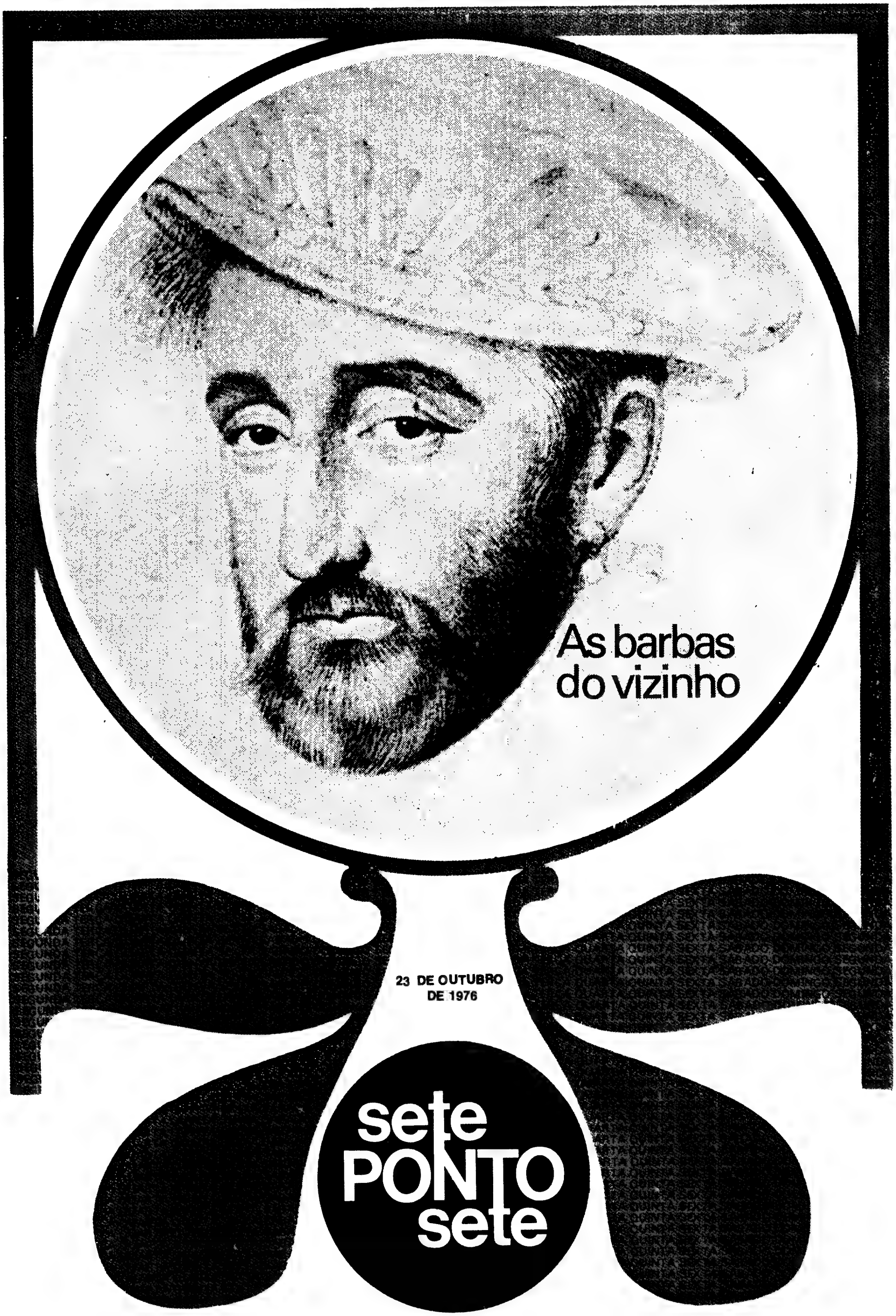
A fechar, o sr. Ribeiro remata com um «muito obrigado. Além de lhe agradecer as respostas tão pertinentes que deu às minhas perguntas...».

Ai Charlot, Charlot, como vai este País, longe da tua mansão na Suíça! Pelo andar da carruagem, qualquer dia voltam a estar aí na moviola, os «Feitiços do Império» e outros que tais. De facto, a direita de então era mais «enérgica e dinâmica» embora haja, também, quem lhe chame fascista e bestializada.

FLORES PARA UM BRIGADEIRO

Continuam as visitas ao brigadeiro Pires Veloso. Ontem foi uma delegação de vendedeiras do Mercado do Bom Sucesso que esteve no hospital para fazer entrega de um vistoso ramo de flores. Pires Veloso aceitou a oferta e lamentou que a sua mulher não estivesse presente para receber as flores. Quando alguém disse que «Melo Antunes queria tirar o sr. brigadeiro da R. M. N.», este retorquiu: «Os jornais é que falaram nisso».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 39 984 EXS.



AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

Diário de Lisboa

sete PONTO sete

Música:
mário vieira de carvalho — 7

televisão — 8

cinema
jorge leitão ramos — 9

11

Lisboa, 23 a 29 de Outubro de 1976

Orientação gráfica de Rodil Garcia

Macho Ibérico é...

Em tempo de greve: chamar-lhe Heidi, e mandá-la buscar uns pãezinhos...

COFIANDO

Vamos admitir que o leitor, homem de letras, funcionário público, estivador, dirigente político, camponês, operário, empregado de escritório, não perdeu ainda o sentido do humor (apesar de tudo). Aí, oferecemos-lhe neste «Sete-Ponto-Sete» um assunto momentoso, explosivo, apaixonante, gozado: barbas e bigodes. Não se trata, como é óbvio, de pôr «as barbas do vizinho a arder». Queremos apenas dizer-lhe como vão as barbas por este país __ algumas de molho, e só por isso excluídas do nosso trabalho. Para não ofender susceptibilidades, não fazemos sequer a mínima referência à mulher barbada. Na verdade, limitamo-nos a uma breve abordagem das chatices que tiveram alguns barbudos em Portugal, passavam os anos 60 quando, em cada barba, a Pide queria ver um castrista. Nada mais injusto: as barbas dos portugueses vêm pelo menos dos tempos do marido de D. Urraca. A páginas tantas, dizemos-lhe quantas barbas (as mais conhecidas) estão neste momento no Governo, e não se cometa a injustiça de ler «Governo com barbas»: elas são apenas seis, desde aquelas de corte distraído, como a do ministro Lopes Cardoso, à barba curiosa, feita com trabalho, do ministro Marcelo Curto. Sempre no encalço das barbas __ com um brevissimo intervalo de seis páginas para lhe falarmos de música, televisão, cinema e livros (quatro secções também com barbas neste suplemento) __ retomamos a questão na última. Na nossa ingenuidade, atrevemo-nos a pensar que o leitor não se importaria (gostaria até) de saber se o dirigente do seu partido ficaria melhor ou pior de barba ou com bigode, de suíças ou com mosca. É preciso dizer __ aos políticos mais responsáveis que possam eventualmente reconhecer-se na página __ que não é caso para nos moverem um processo. A intenção é boa, e diríamos mesmo que, salvo uma ou duas excepções (os bigodes não fazem milagres) as barbas beneficiariam muito quem delas não quis ainda fazer uso.

uma história com barbas

Aqui há uns dez anos, as pessoas
ainda se barbeavam e cortavam o
cabelo com uma frequência danada.
Os tempos foram andando, e os
barbeiros começaram a gemer. Tipos
comuns, empregados de escritório,
bancários, farmacêuticos, jornalistas e
agentes agrícolas, passaram a usar
edelha e umas barbas até ao
igo. A Pide ainda tentou
igar, chegou mesmo a prender
provocadores, mas os
surgiam de todos os lados.
ao 25 de Abril de barba
fazia o fascismo 48
averas. Depois, por «não
canhão», o Povo
iu o 25 de Novembro, e os
rderam a barba, o bigode
am os civis, metidos
er que quem manda
no seu aspecto físico são eles
mesmos. Um problema para qualquer
Governo escanhoado: que fazer,
agora, que ninguém pode ser
despedido por causa do bigode?

Medina Carreira: «As finanças vão... não vão... isto é...»

Rui Vilar: «Os transportes... isto é... vão andando...»

António Barreto: «Desde que não se importe, nem se exporte, o comércio externo vai bem...»

Lopes Cardoso: «As expropriações... claro... claro... vão continuar, pois...»

Manuel Alegre: «Até gosto que a Imprensa diga mal da gente...»

Marcelo Curto: «Os contratos colectivos... pois... pois é... vocês sabem...»

Os governantes com barbas têm a vantagem de poder cofiá-las enquanto pensam na resposta a dar às reivindicações dos governados. Decerto por assim pensarem, homens que ocupam pastas tão melindrosas como as do Trabalho, da Agricultura, da Comunicação Social, dos Transportes, e outras, preferem usar barbas, o que, como atrás dissemos, é uma maneira de ganhar tempo sem que se dê por isso. Repare-se que no I Governo Constitucional, a tendência dos barbados é para o tênero passa-piolho, ou no mínimo, pêra e bigode. Nada de fantasias tipo mosca, bigode à Dali, ou outras invenções à base de caprichos capilares. Não, os homens deste Governo, já que levaram barbas para S. Bento, fazem-no o mais discretamente possível, não vá alguém chamar o barbeiro. E como seria um Marcelo Curto, um Lopes Cardoso, um Manuel Alegre, de cara rapada? Como é que o zé-povinho, de tradicional passa-piolho, se lhes dirigia a exigir a revogação de um decreto, a expropriação de uma coutada, ou mais um aval à Imprensa? Assim, de igual para igual, melhor a gente se entende, sem que seja necessário recorrer a meios extremos:
Por exemplo, cortar o mal pela raiz (dos cabelos).

no governo

SCHICK III INJECTOR

um barbear duplamente eficiente... mesmo nos pontos difíceis da cara!

Caça às barbas

A tendência pra a abundância capilar já vem dos nossos avoengos. Nesses tempos, suspeito era o tipo que não usasse barbas: a Pide da época haveria de querer saber onde é qu'ele tinha arranjado a lâmina.

Com a invenção das lâminas, pretendeu-se que o asseio dos homens passava, indiscutivelmente, barbas abaixo. As pessoas passaram a escanhoar-se com a regularidade de um relógio suíço. Os patrões levaram aquilo muito a sério, e todos os dias de manhã os empregados faziam a barba para não cair no desemprego ou na prostituição. Era o tempo de um fascismo de barbas que não consentia barbas aos outros.

É preciso dizer que a partir de certa altura, quando Fidel e «Che» entram em Havana e dão uma surra nalguns cidadãos muito bem escanhoados, começa a distinguir-se uma leve penugem sob os narizes de alguns compatriotas. A já referida Pide não tem mãos a medir e, em Lisboa, sujeito que use barbas é tomado por castrista. Sucedem-se as prisões de castristas de verdade e de alguns estudantes que são presos por engano.

Os anos continuam, e às tantas os empregos fecham as portas aos candidatos que se apresentem de barbas e melenas (a propósito: o Gonçalves Preto deu as primeiras maniveladas num filme chamado «O Cabelo», que conta as atribuições de um jovem cabeludo à procura de emprego. Diz-se que o realizador não arranjou quem lhe subsidiasse a fita, porque ele próprio usa uma guedelha de todo o tamanho, desgrenhada, despenteada, incrível).

As pressões policiais, patronais, familiares e outras, são de tal ordem que os clientes fazem bicha nas barbearias: «O freguês que se segue...». Alguns barbeiros enricam, outros apanham «golpes» da clientela. Uma das vigarices mais ternurentas porque todo o barbeiro profissional já passou, ao menos uma vez, é aquela do homem que chega ao estabelecimento com uma criança pela mão, e diz: «Corte-me o cabelo primeiro a mim, e depois ao meu miúdo». Quando o matulão acaba de cortar o cabelo, põe o miúdo na cadeira e vai comprar tabaco. Não volta mais. O barbeiro interroga a criancinha: «Então o papá?». E a criança responde: «Ele não é meu pai. Perguntou-me se eu queria cortar o cabelo, e trouxe-me para aqui...».

Oue os filmes têm a sua influência no comportamento das pessoas, lá isso é verdade. A «Laranja Mecânica» está na origem de muito boa quadrilha; a «Garganta Funda» levou casais «muito bem» (do género: por favor, sodomiza-me) a dizer palavrões; o «Sansão e Dalila» foi responsável pela recessão económica nas barbearias e cabeleireiros.

Entretanto, os padres da linha Monsieur Lefevbre perguntam-se «Quo Vadis, juventus?», e os patrões procuram argumentos válidos — a justa causa — para despedir os barbudos que resistiram à Pide, ao 25 de Novembro, e aquela agradável sensação de frescura que só os escanhoados podem experimentar: a do **after shave**.

Por outro lado, dividir escanhoados e barbudos em fãs do Rudolfo Valentino e admiradores do Barba-Azul, é demasiado injusto. É preciso distinguir os «independentes» — que não fazem a barba por falta de tempo ou porque têm a sua própria opinião nesta matéria — e aquela franja de eleitores do Sansão, aumentada com a passagem do filme por Lisboa. Aliás, a importância desta personagem bíblica foi de tal ordem entre nós, a sua mensagem tão fortemente sentida através da «Metro Goldwing Mayer», que chegaram a ser detidos alguns jovens e adultos, cada um deles tentando, sozinho, derrubar as colunas do Teatro D. Maria II, ao Rossio. À cautela, a Polícia assumiu o papel odioso dos filisteus.

Passando às barbas, importante seria que as pessoas se entendessem de vez, acabando com a segregação capilar. Cada um no seu sítio, não se imagina Karl Marx sem barbas, como não se está a ver o dr. Zenha barbudo ou o ministro Cardia de bigode retorcido. Seria um pouco como obrigar Rosa Coutinho a usar cabelo, aplicar ao prof. Freitas um bigode à Dali e forçar o dr. Carneiro a usar mosca. Ora isto não pode ser.

À barba longa

O primeiro Barba da nossa História (e lembre-se Leitor de que a nossa é uma história que já tem barbas) foi um fidalgo chamado Martim Marques (Barba) casado com uma tal Dona Urraca, com quem fez e teve vários filhos que passaram a usar o apelido Barba. Mais tarde aparecem uns Barbas Alardos, que se admite sejam descendentes do primitivo Barba, mas disso não houve provas concludentes. Outros usaram o nome de Barba por alcunha, como foi o caso de Rui Garcia de Villamayor, neto da infanta Dona Dulce que encontrando-se no estado de viuvez «se recebeu com el-rei D. Sancho I.» O mencionado Barba ganhou a sua alcunha por matar um general mouro cuja cabeça, dependurada pela barba, trouxe para a corte, num tempo em que as donzelas desmaiavam à vista de uma picada de alfinete mas acolhiam impávidas e serenas (quando não entusiastas) as cruéis façanhas dos fidalgos em campo de batalha.

Os Barbas portugueses tomaram por armas a prata, uma cruz florida de negro, vazia de campo, rodeada de dois ramos de hera de verde dispostos em orla. Timbre: meio mouro, com a barba comprida, vestido de vermelho, toucado de prata, segura na mão direita um ramo de hera.

Esta história vem dos tempos em que, em paço real, os fidalgos viviam à «barba !onga», isto é, cobravam os seus dividendos da arraia miúda e não faziam nenhum. Bons tempos esses (para os fidalgos) que no entanto acabariam por lhes dar água pela barba, o que levaria os mais espertos ou comedidos a preferir daí em diante pôr as barbas de molho.

Antes da época dos apuros, porém, a barba era sinal de prestígio e daí o dizerem os antigos «dos homens sem barba põe-te a salvo». De tal modo as barbas eram sinal de respeito que os magistrados de há dois séculos as usavam para rodear de maior solenidade a função de julgar. Diz um relato da época que «uns traziam-nas largas e compridas, outros curtas, outros mesmo pintavam-nas — mas quaisquer deles as deviam trazer tratadas. Foi talvez por isso que em 17 de Junho de 1716 o regedor do Reino ordenou que cada um dos desembargadores tivesse dez cruzados em cada ano para o barbeiro, os quais seriam pagos da despesa da Relação».

Numa época muito mais remota, já Moisés ordenara aos israelitas, e em nome de Deus (que também as usava) que não rapassem as barbas, e elas sempre foram entre os judeus alvo do maior cuidado. Na Índia, a barba era sinal de sabedoria. No Egipto, distintivo de nobreza. Entre os assírios, motivo de orgulho.

Antes de Alexandre Magno, os gregos usavam barba: foi este imperador que as mandou cortar aos soldados macedónios com a teoria de que assim os inimigos não podiam segurar nos combates corpo a corpo. O requinte atingiu o máximo no tempo de Carlos Magno, quando as barbas chegaram a ser adornadas com fios de ouro.

Os maometanos, ainda hoje, juram pelas barbas do Profeta.

A nossa História está recheada de episódios em que aparecem barbas. Por exemplo, é célebre o episódio das

barbas de **D João de Castro** governador da Índia, que deu alguns cabelos arrancados do queixo como penhor de uma dívida.

Até ao reinado de D. Duarte os portugueses usaram barbas e cabelos compridos, mas D. Fernando inaugurou a moda de os cortar. Nisso viram os guerreiros grande alívio, dado que melhor lhes assentava o capacete. O rei de Castela, que por essa época era D. João I, deu em chamar aos portugueses «tosquiados», epíteto que bem pouco agradava aos nossos avoengos.

Voltam depois lentamente a crescer barbas e cabelos, mas de formas caprichosas. O infante D. Henrique, segundo os retratistas, usava bigodes de pontas caídas e «mosca» tripartida, o que se admite perfeitamente possa ter sido a obra-prima de algum barbeiro da corte.

Nos fins do séc. XV as barbas voltam à sua pujança antiga, e no tempo de D. Manuel eram usadas «por todas as pessoas graves, honradas e de bem», excluíndo as mulheres, como parece ser óbvio.

Continua na pág 10

SCHICK II
INJECTOR

um barbear duplamente eficiente... mesmo nos pontos difíceis da cara!

GIRA-DISCO

A fúria dos 'Rainbow'

O célebre baterista que tocou nos Deep Purple, forma uma nova banda — Rainbow, com o baterista Cazy Powell, em tempos músico do Jeff Beck Group segunda fórmula, com o qual gravou o álbum «Rough and Ready». Este último tem um bom trabalho neste LP dos Rainbow, que segue uma linha preconizada pelos «extintos» Deep Purple.
O rock torna-se mais violento, mantendo no entanto, o som característico do antigo grupo e Ritchie Blackmore. Ronnie James Dio é o vocalista e ajuda Blackmore nas composições. Embora não sendo um bom especialista nas vocais, apresenta algumas passagens bastante boas; abusa porém das vozes, o que torna o álbum por vezes maçador. Tony Carey tem uma participação muito válida, a demonstrar, em «Tarot Women» ou em «A Light in the Black» (duas faixas deste «Rising») por exemplo, que é um bom teclista. Jimmy Bain toca guitarra baixo e é, quanto a nós, o mais apagado dos Rainbow.
«Rising» é um álbum de heavy rock, que irá de certeza agradar aos admiradores dos Deep Purple. Ainda assim, dois pontos negativos: o primeiro, a exploração exagerada da

vocalização e a repetição dos textos, o que origina a passagem dos outros músicos ao plano de acompanhantes, sem eivdência do seu valor real. O segundo ponto, é o «speed» que o LP contém: todas as faixas são rápidas e exaustivas, não aparecendo nenhuma mais calma, lenta, com «feeling».

Trio América

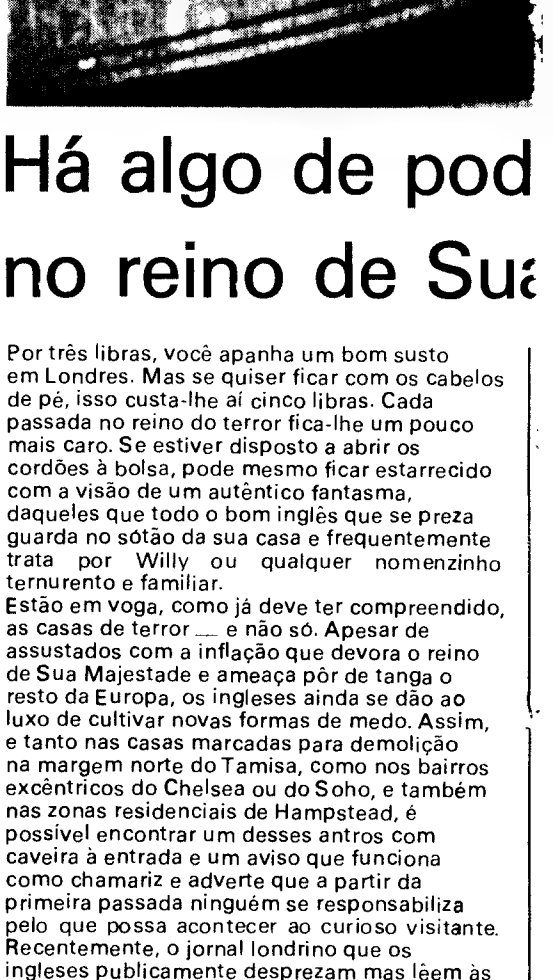
América: trio oriundo da Califórnia, que em 1970 se «mudou» para Londres, encontrando ali o manager Jeff Dexter, grande impulsionador de concertos na capital inglesa no fim dos anos 60.
Inspirado tanto pelo folk como pelo country e também pelo rock, o trio é composto por Dan Peek (24 anos), Gerry Beckley (22) e Dewey Bunnell (23). Todos eles tocam guitarras e cantam, tendo sido considerados, em 72, o grupo vocal «revelação do ano». Chegaram mesmo a ser classificados como os novos «Crosby, Stills, Nash & Young» quando da separação destes últimos.
Em 1971, editam o seu primeiro trabalho, sob a designação «América», que obteve grande venda. Um disco de platina coroou o êxito.
O single extraído — «A horse with no name» — é também um sucesso comercial.
Seguiram-se os trabalhos «Homecoming» (1972) «Hat Trick» (1973) e «Holliday» (1974), este último produzido pro George Martin (chamado o 5.º Beatle) o que irá continuar no album seguinte — «Hearts» — gravado em 1975.
Nesse mesmo ano é editado o disco «History America's greats hits», que reúne faixas como «A horse with no name» e «sister golden hair».
Na última Primavera, um novo LP: «Hideaway». Aqui, reflecte-se o domínio do grupo em diversos estilos: «She's a Liar» um tema com inspirações rock; «who loves you», um tema muito calmo, com sons orquestrais a aguentarem a melodia, «Lovely night» é um tema de fácil audição; «Hideaway» está dividido em duas partes, que finalizam respectivamente o primeiro e o segundo lado.
A produção, como referimos de George Martin, é impecável tal como a disposição das doze faixas que compõem este novo LP do trio californiano «América».

discos raros

Formado em 1968, o grupo Agitation Free foi o primeiro a introduzir na Alemanha um light show. Trabalharam ao lado de grupos como os Amon Doul II e Tangerine Dream, quando dos concertos de Intermedia (multimédia show) reservados a grupos de «nova música».
Trabalharam ainda com o compositor contemporâneo John Cage num concerto espectacular «Hpchd».
Nomes importantes saíram deste grupo: Cristoph Frank (actualmente músico do Tangerine Dream), ichael Funtherfane (músico do Ash Ra Tempel), Michael Hoening (que acompanhou Klaus Schulze quando dos concertos de «Time Wind»).
Só em 1972 os Agitation Free gravam o primeiro album, com o título «Malesh» e que constitui uma obra importante na medida em que o som cósmico é grandemente influenciado pela música árabe. «Malesh» é dedicado ao Líbano, e foi gravado após uma tournée pelo Médio Oriente. O seu segundo LP — Agitation Free 2 — saiu em 73, altura em que o grupo desaparece.
Eles adicionaram os instrumentos de rock (bateria, baixo e duas guitarras) e aos sintetizadores efeitos electrónicos. Tudo isto tocado com influências árabes, mas inteiramente cósmico e planante: uma experiência até agora única no rock.

Paul Alessandrini, um dos melhores críticos actuais de música, disse deste grupo: «Música profunda, pesada, extasiada, ela chega a romper com o aspecto formal das músicas electro-acústicas e encontra o «feeling» do rock. O grupo já ultrapassou as procuras para propôr uma obra acabada, que começa, como para Tangerine Dream ou Ash Ra Temple, no sítio onde a dos Pink Floyd parou».
Estes são discos raros. Não se vendem em Portugal.

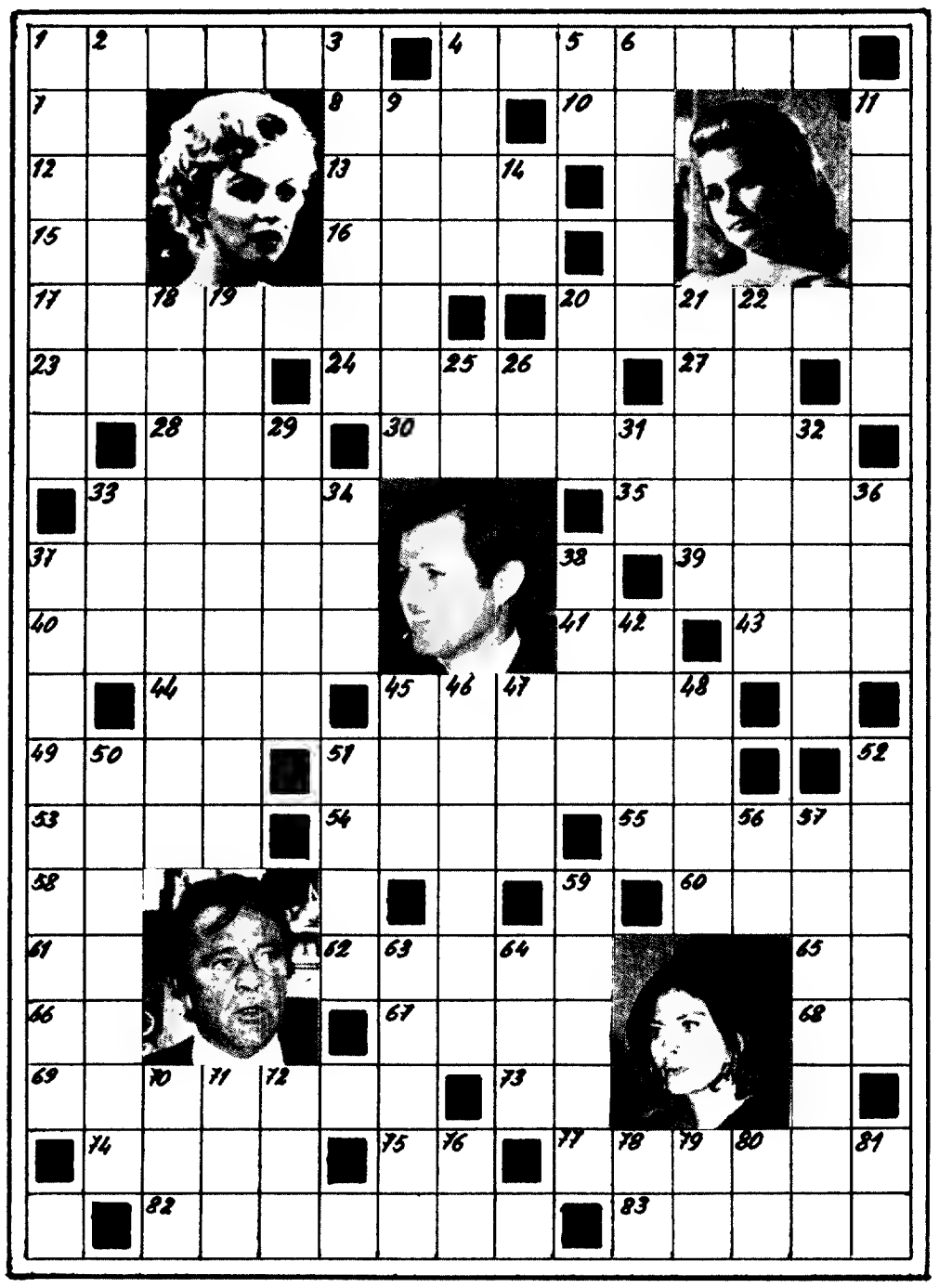
para a semana, faremos uma abordagem de outro grupo alemão, inteiramente voltado para a política (marxista-leninista) — os Floh de Cologne.



Há algo de pod no reino de Sua

Por três libras, você apanha um bom susto em Londres. Mas se quiser ficar com os cabelos de pé, isso custa-lhe aí cinco libras. Cada passada no reino do terror fica-lhe um pouco mais caro. Se estiver disposto a abrir os cordões à bolsa, pode mesmo ficar estarrecido com a visão de um autêntico fantasma, daqueles que todo o bom inglês que se preza guarda no sótão da sua casa e frequentemente trata por Willy ou qualquer nomenzinho ternurento e familiar.
Estão em voga, como já deve ter compreendido, as casas de terror — e não só. Apesar de assustados com a inflação que devora o reino de Sua Majestade e ameaça pôr de tanga o resto da Europa, os ingleses ainda se dão ao luxo de cultivar novas formas de medo. Assim, e tanto nas casas marcadas para demolição na margem norte do Tamisa, como nos bairros excêntricos do Chelsea ou do Soho, e também nas zonas residenciais de Hampstead, é possível encontrar um desses antros com caveira à entrada e um aviso que funciona como chamariz e adverte que a partir da primeira passada ninguém se responsabiliza pelo que possa acontecer ao curioso visitante.
Recentemente, o jornal londrino que os ingleses publicamente desprezam mas lêem às escondidas, o dominical «News of the World», responsável pela divulgação do escândalo Profumo que derrubou um ministro e fez enrubescer (de raiva ou de excitação) metade da corte, trouxe uma elucidativa reportagem ilustrada sobre o que passa dentro desses antros onde frequentemente pontifica um «sacerdote» ou uma «sacerdotisa» que não raro prefere «oficiar» em pêlo. E uma séria advertência aos incautos: o aviso à porta é

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/4, Senador americano irmão do presidente assassinado em Dallas; 7, Isolado; 8, Rio da Sibéria; 10, Livro de poesias de António Nobre; 12, Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor); 13, Cidade da Numídia; 15, Preposição; 16, Guia que acompanha o militar que sai de um serviço ou de um hospital; 17/20, Foi o quinto marido de Liz Taylor; 23, Ilha do Pequeno Belt; 24, Que é do ar; 27, Sufixo que designa estado; 28, Eia!; 30, Risos leves, irónicos de satisfação ou desprezo; 33, Agrada; 35, Dólmens; 37, Despachara; 39, Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar; 40, Caracteres do alfabeto; 41, Duas consoantes desiguais; 43, Cólera; 44, Escudeiro; 45, Ex-imperatriz dos Persas; 49, Cidade de Itália; 51, Secos ao Sol ou ao calor do lume; 53, Irmãs da mãe; 54, Régio; 55, Cremes; 58, Aparência; 60, Gato bravo de Madagáscar; 61, Nome que os egípcios davam ao Sol; 62, Cidade do antigo Egipto, nos confins da Etiópia; 65, Letra grega (inv.); 66, Clima; 67, Membros de aves; 68, Rádio (s. q); 69/77, Estrela de cinema americana que manteve um romance secreto com John Kennedy; 73, Companheiro de armas do mestre de Aviz; 74, Ramo delgado de árvore (Bras.); 75, Sua Eminência (abrev.); 82, Açoitara; 83, Nome de vários generais romanos.

VERTICAIS:

1, Aperfeiçoar; 2, Descansava no sono; 3, Dera dote a; 4, Saia curta dos montanheses da Escócia; 5, Nosso Senhor; 6, Ditou; 9, Vasos grandes de metal para transportar água; 11, Gorgeio; 14, Em pares iguais; 18, Rangera como fragmentos de ossos fracturados; 19, Honras; 20, Cidade da Ucrânia; 21, Resmunga; 22, Andei no cavalo a trote; 25, Letra grega; 26, Ilha francesa do oceano Atlântico; 29, Irmão de Moisés; 31, Papagaio da Amazónia; 32, Rio de França e da Alemanha; 33, Rio de Portugal; 34, Voz imititativa de pancada ou designativa de procedimento rápido e com decisão; 36, Ecoa; 37, Recrutaram; 38, Cidade da Roménia; 45/42, Ficou famosa pela sua interpretação de «Lollita», novela de Vladimir Nabokov adaptada ao cinema; 46, Loucos; 47, Três das sete letras que compõem o nome do célebre favorito de Isabel, rainha de Inglaterra(1552-1618); 48, Pegas; 50, Deram oiro a; 51, Acreditas; 52, Guarnecera de asas; 56, Basta; 57, Harmonia (pl.); 59, Tomam o peso a ; 63, Nome de Santa Bárbara na religião feiticista dos negros baianos; 64, Em as; 70, Freguesia do concelho de Penafiel; 71, Fava de um centímetro de diâmetro usada em quantidade diminuta como condimento; 72, Família; 76, Érbio (s. q); 78, Língua antigamente falada ao sul do rio Loire; 79, Laço; 80, Reis; 81, Duas vogais desiguais.

PONTO, contra PONTO

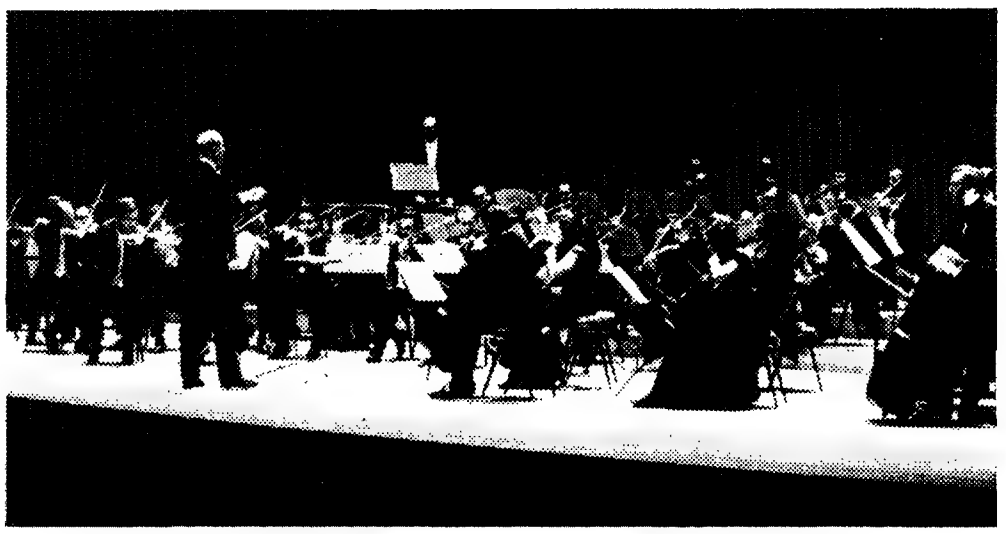
re

Majestade

mesmo para levar à letra, por que por vezes os visitantes são alvo do que vulgarmente se chama «cenas eventualmente chocantes».

E aí está. Os moralistas subditos de Sua Majestade, que vêm de desencadear uma vasta campanha de «limpeza» contra a droga e contra as doenças venéreas, fecham os olhos quanto à vaga de terror supersticioso que vai desde «as cenas realistas da tortura medieval» à missa negra com Satanás, enxofre, e, para variar, um fantasmazinho que parodia a vida celestial.

Claro que considerar «ingleses» os que se dedicam a tais práticas (e a tal comércio, se calhar mais rendoso que outro qualquer) seria puro exagero, atendendo a que, segundo se diz, os últimos ingleses que restam em Londres são os que se encontram no Parlamento, enquanto os outros «fugiram» para o campo e deixaram a capital às hordas estrangeiras que ali decidiram acampar. Para imitar o que faziam os ingleses no tempo em que Londres era a sua capital, os bárbaros procuraram o seu fantasma no sótão e logo descobriram uma maneira de o pôr a render. Que melhor do que comercializar o terror? Os inofensivos fantasmas domésticos que sempre habitaram nos lares ingleses passaram assim, com a ajuda de um «décor» apropriado, a constituir uma fonte de divisas para os que directamente sofrem na carne a maior crise de desemprego do após-guerra. Há quem assevere, contudo, que inflação, desvalorização da moeda, desemprego, não chegaram para destruir o tradicional sentido de humor que caracteriza os súbditos de Sua Majestade. Não há dúvida, porém, de que há certa tendência para que isso venha a transformar-se em humor negro.



LISBOA
30 DE OUTUBRO — 15 h
TEATRO S. LUÍS

Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Silva Pereira (Maestro)
Michel Beroff (Piano)
Franco Pezzullo (Clarinete)
Programa Rapsódia para Clarinete e Orquestra - Debussy
Adriano Jordão (Piano)
Nocturno Op. 36 N.º 4 Fauré
Estampes - Debussy
Toccata — Poulenc
Coral Vértice
4 Orações a S. Francisco de Assis — Poulenc
Salût, Dâme Sainte
— Tout Ruissant
— Seigneur Je Vous en Prie
— O Mes Chers Frères
Mignone Allons voir si la Rose - Guillaume Costelet (1531-1686)
Chanson du XVIème Siécle - Pierre Certon (1505-1572)
Ce Mois de Mai Clément Jannequin (1480-1560)
Tourdion - Anónimo (Século XVII)
Grupo de Solistas das O.R.D.P.
Introdução e Allegro - Ravel
Quinteto Serenata - Roussel
José Oliveira Lopes
D. Quixote Ravel
José Oliveira Lopes
Carlos Franco
Luísa Vasconcelos
Madécasses - Ravel
Cantus Firmus
Música Francesa da Renascença (Sec. XIII a XVI)
Nocturnos, Nuages, Fêtes, Sirenes - Debussy
La Péry - Dukas
Concerto em Sol Maior para Piano e Orquestra - Ravel
Daphnis et Chloé - Ravel

Este concerto «Non-Stop» encerra a Quinzena de Música Francesa, organizada pela RDP e pela Direcção-Geral da Acção Cultural. A nova fórmula, assim inaugurada, vai repetir-se nas «Quinzenas» seguintes.

A lição de Lopes-Graça no combate aberto em lume

Petrificam-se as palavras
Os versos delirantes morrem
Nas fábricas os sons duplicam
O amor à liça estarrece
Lá pelas searas pão fresco
Nas faces trovejam lágrimas
De pé os corações aliam-se
Da ideia a bandeira avança
Freme a Pátria em gosto quente
Há cânticos pelos palheiros
Toda a madrugada surge em praia
Jamais por tantos um só

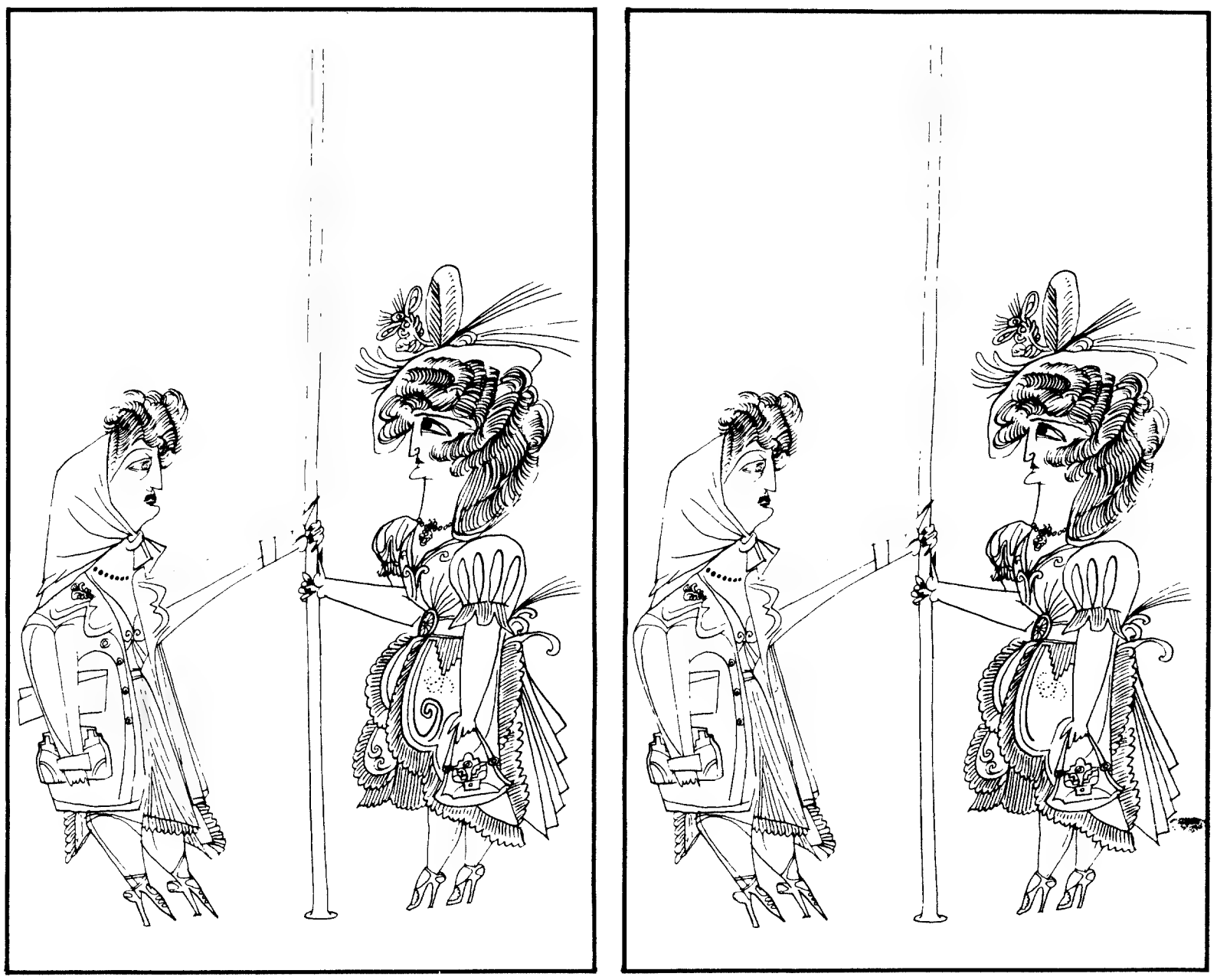
ELE

— Mas merecemos este Homem
no combate aberto em lume?)

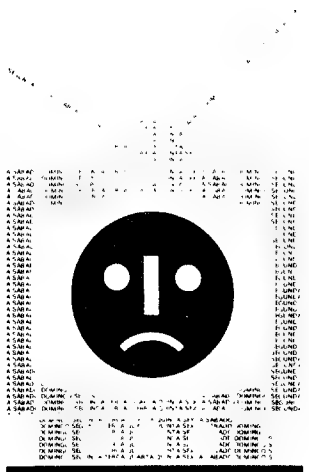
De José Ferreira Monte

Do 6.º volume, inédito, de
POESIA LIBERTADA
— ACÇÃO DE COMBATE.

Sete-Diferenças-Sete



Damos-lhe um minuto para cada «diferença». Se descobriu apenas seis, não é caso para ficar amuado. Se não conseguir topar mais que cinco, também não adianta chorar. Mas se ao cabo de sete minutos não for capaz de distinguir entre uma gravura e outra, o seu caso é sério. Volte-se para a política



TV/PONTO

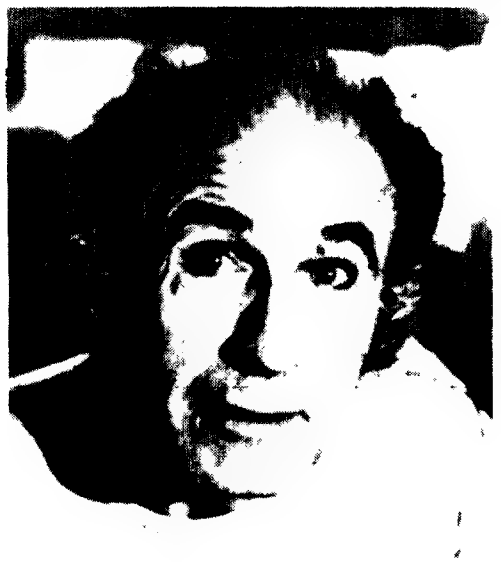
Sábado, 23

14.00 **Telejornal** (com gravata a condizer). **Retrospectiva** (balanço desportivo semanal).

14.10 **As trapalhadas do Robin dos Bosques**
14.35 **Ida e volta** (um programa de transportes)
15.05 **Horizontes desconhecidos**

15.45 **Janozik** (série polaca. Episódio: A pele do cordeiro. Veja).

16.40 **Estúdio velho, gente nova (não)**
17.10 **Bota das 7 léguas** (também não).
17.45 **Animação** (banda desenhada: «A antera 007» e «Dá-lhe guita, pantera»)
18.10 **Como se realiza uma ópera** (a Carmen)



19.10 **Espaço 1999** (eis uma boa série de ficção científica)
20.15 **Os programas da RTP** (para a próxima semana)
20.30 **Telejornal** (notícias)
21.30 **Inédito... ou quase** (desta vez, «O Delator» de Maria Tereza Horta, com interpretações de Zita Duarte, Vitor de Sousa, Benjamim Falcão, António Rama, Vitor Ribeiro e Jorge Aragão. A Realização é de Alfredo Tropa e a cenografia de António Botelho. A ver vamos)
22.00 **Um programa da Direcção de Informação**
23.00 **A Magia** (trata-se de uma realização de Dirk Sanders. Prometem-se «cenas eventualmente arrepiantes»)
00.10 **Telejornal**

Domingo, 24

12.00 **Missa de domingo** (Perdoai-lhes, Senhor...)
12.40 **O corpo humano** (o coração, motor do sistema circulatório)

13.10 **Homem e a Terra** (o naturalista Rodriguez de la Fuente voltado para a fauna ibérica)
13.50 **Desenhos animados**
14.00 **Telejornal** (o costume)
14.05 **Cinema 8-16** (com a colaboração da Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais. Fernando Correia Marques apresenta)
14.35 **Antes que chege o Inverno** (Jack Lemmon agora todo virado para a realização, assina este filme sobre os problemas de uma jovem mãe solteira. O argumento, de John Paxton, conta com interpretações de Walter Mathau, Deborah Winters, Felicia Farr e Charles Winters)
16.35 **Haja saúde** (e calminha, como dizia o Confúcio)
17.05 **Cabeça, tronco e membros** (infantil)
17.50 **Banda e orfeão da Vista Alegre** (a partir dos estudios da RTP no Porto)

18.10 **Miguel Strogoff** (baseado na obra de J.V.)
19.10 **TV Rural** (Sousa Veloso e os problemas dos agrários)
19.35 **Biografia**
19.55 **Telefutebol** (reportagem, comentários e resultados da jornada futebolística)
20.30 **Telejornal**
21.30 **O gesto é tudo** (podiam tentar uma gracinha para evitar que os concorrentes mexessem os lábios: um bom adesivo)

22.30 **Clayhanger** Vidas Perdidas (uma série muito interessante, especialmente para quem vem acompanhando desde o princípio. Não perca)
23.30 **Telejornal**

Segunda, 25

18.32 **Diário das fábulas e Noddy** (filmes

19.00 **A História à vista** (as crianças a recriar situações da História)
20.00 **Teledesporto**
20.30 **Telejornal**
21.00 **Melomania** (João de Freitas Branco e Augusto Cabrita dividem responsabilidades)
21.30 **Triste viuvinha** (teatro) (intérpretes desta obra de João da Câmara: Luís dos Santos, Guida Maria, Adelaide João, António Marques, Armando Cortez, Leonor Poeira, Canto e Castro e Armando Venâncio. A acção decorre em fins do século XIX na aldeia de Santa Luzia, em pleno Alentejo)
23.00 Telejornal

Terça, 26

18.32 **Diário das fábulas e Noddy** (filmes infantis)
19.00 **Peço a Palavra** (os mini-deputados aquecem. O programa promete!
19.30 **Aspem** (no Colorado, «um local de privilégio para os artistas»)
20.00 **Fila T** (quinzenário teatral dirigido e coordenado por Fernando Midões. Os detractores chamam-lhe Ternando Tidões)
20.30 **Telejornal**

21.15 **O mundo tribal** — «O segredo da máscara» (as tradições e costumes do povo Dogon que habita zonas desérticas a sul do Sahara)
22.15 **O detective aristocrata** (Ian Carmichael no papel de «lord» Peter Wimsey. Uma boa série policial)
23.15 **Telejornal**

Quarta, 27

18.32 **Abre-te Sésamo** (infantil)
19.00 **Basquetebol** (feminino)
20.30 **Telejornal**
21.05 **Programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas** (dedicado à GNR)
21.30 **Uma mulher para dois** (com uma historinha assim: «Gilda, jovem sem preconceitos, hesita entre o amor que dedica a dois homens...» A culpa vai toda para Erneste Lubitsch, que se meteu a fazer isto em 1933 e para a RTP que nos vende a história 43 anos depois)
23.10 **Telejornal**

Quinta, 28

18.32 **Bonecos** (infantil)
19.00 **O inglês a sorrir** (o ensino do inglês através do jogo teatral e da música)

19.30 **O conde de Monte Cristo** (a obra de A.D. em banda desenhada)
20.00 **Cientificamente** (quinzenário de assuntos científicos)
20.30 **Telejornal**
21.00 **As trapalhadas do Robin dos Bosques**
21.30 **Programa da Direcção de Informação**
23.15 **Telejornal**

Sexta, 29

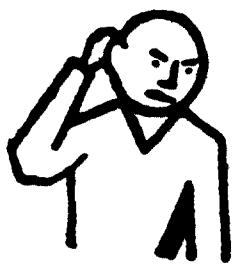
18.32 **Janela grande** (fecha, fecha)
19.30 **Inventário musical** (Francisco d'Orey dedica-o aos Açores)
20.00 **Momento desportivo**
20.30 **Telejornal**
21.00 **Momento político**
21.15 **O sentido das formas** (do Mosteiro de Alcobaça)
21.45 **Paxti Andion ao vivo** (excertos da actuação de Patxi no teatro Monumental em Lisboa)
22.20 **Ana Karenina** (uma boa adaptação da obra de Tolstoi pela TV italiana)
23.15 **Telejornal**

BANDA DE MÚSICA

PRECISA REGENTE

Resposta à Sociedade Filarmónica Capricho Bejense

R. da Moeda N.º 10—BEJA—Telefone 22467



SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos **MYKROSON**. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — **FARO**: Rua Ivens, 24-26

CINE/PONTO

OS MALDITOS
de Luchino Visconti
(Itália — R.F.A. — 1969)

Uma família («personagem» caro a Visconti, vide «A Terra treme» ou «O Leopardo») através da ascensão do nazismo. Quando o rosto muda e a face hedionda surge.
No exacto momento da decadência de uma visão cada vez mais incapaz de dar conta da História, Visconti assume-o até ao fim. Daí talvez este excesso, este barroquismo desmedido, estas goelas devoradoras. Daí, também, este fascínio invulgarmente lúcido.

Cinema Quarteto — Sala 2
(não acons. men. 18 a.)

●

KAZABLAN
de Menahem Golan
(Israel — USA)

«Isto não é um filme», confessa a publicidade que logo erra ao dizer tratar-se de «um fabuloso espectáculo musical». Porque «Kazablan» se tem a ver com algum género específico é com o filme de propaganda. Do sionismo, está bem de ver, enroupado por uma trama delicodoce de história de amor entre o conformismo, o pôr-do-sol e a alegria dos pobrezinhos. Ou seja, um dos mais reaccionários filmes que por aí chegou. Vem de pantufas e cantiguinhas mas não esconde a sua face.

Cinema Tivoli
(para todos)

●

REBECCA
de Alfred Hitchcock
(USA — 1940)

Há um espectro que paira sobre Manderley. Há uma encenação que o cria, o alimenta, o levanta. Daí o fogo redentor e apocaliptico, o fim do cenário. «Rebecca» é um filme que fala de como se erguem fascínios e temores. De si mesmo afinal de contas. «Rebecca» é a história de uma «mise-en-scène» dentro da sua «mise-en-scène». Daí as interpretações carregadas, a luz e o som presentes, daí o peso de um cenário que se desdobra e que é talvez o principal assunto deste filme.

Cinema Odeon
(não acons. men. 13 a.)

OS CLOWNS
de Federico Fellini
(Itália — França — 1970)

Falar do espectáculo e do seu prazer. De um tempo-memória em que tudo é o fascínio da reconstituição, falso reencontro, inverdade que nos alimenta.
Personagens de cordel, «Os Clowns» são um breve momento de ternura e riso, de grotesco e drama, um excesso que se multiplica até ao delírio ou até à morte, à pista vazia, ao «écran» fechado, às luzes que se acendem.

Cinema Quarteto — sala 3
(na. acons. men. 13 a.)

●

CHOVE EM SANTIAGO
de Helvio Soto
(França — Bulgária — 1975)

Sentimental e acrítico, lacrimejante e sem qualquer lucidez, impotente para qualquer análise política dos acontecimentos chilenos, «Chove em Santiago» é uma espécie de lamento fatalista de (para) pequeno-burgueses. Como não acreditamos na lamentação como forma de análise histórica, não acreditamos, definitivamente neste filme.

Cinema Nimas
(não acons. men. 18 a.)

●

VIRIDIANA
de Luis Buñuel
(Espanha — México — 1961)

Breve interregno de exílio para um filme que o fascismo espanhol recebeu em pleno rosto. Simples e directa, grave e lúcida, «Viridiana» é uma película de quem conhece a Espanha e o seu inconsciente, retrato goyesco para fundo jesuítico, toda a violência do mundo a escorregar plano a plano por dentro de uma crueldade satírica que esventra e disseca. Através de um olhar sereno e atento, calmo e quase suave. Suprema ironia.

Cinema Apolo 70
(não acons. men. 18 a.)

●

O PORTEIRO DA NOITE
de Liliana Cavani
(Itália — 1974)

O nazismo não foi uma preversão, um fenómeno do domínio dos divãs de psicanálise, mas uma ideologia e uma prática política que nasceram (e podem renarcer) quando as condições económicas e sociais o produziram. Este filme ao esquecer tudo isto, ao remeter para o patológico a mística nazi está não só a esconder o fundamental como a embrulhar essa mística numa «mise-en-scène» de fascínio/repulsa que para lá de ambigua mais não faz do que conservar o terreno quente para que ela se mantenha.

Cinema Londres
(não acons. men. 18 a.)

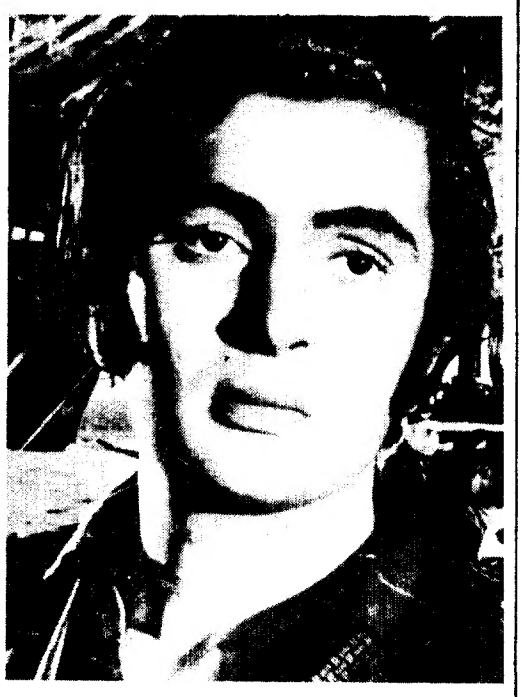
●

UM DIA DE CÃO
de Sydney Lunet
(USA — 1975)

Um olhar liberal sobre a sociedade americana. Exemplar na sua formulação e claro nos seus limites. Contestação controlada, feita por dentro, em nome dos valores dessa sociedade que este filme mostra estar em crise sem lhe saber diagnosticar a origem. Por impotência. Um filme a demonstrar que o lugar de onde se olha condiciona inevitavelmente o objectivo que se vê.

Cinema Caleidoscópio
(não acons. men. 18 a.)

●



BOBBY
de Raj Kapoor
(União Indiana)

Mais de cinco meses em cartaz é obra. De quê? De uma história levada à cena num absolutíssimo primeiro grau, drama de amor entre o filho rico e a menina pobre com música, conformismo, danças, palacetes e paisagens. Enquadrados como as fotonovelas e com cor de bilhete postal. Um amor puro e desesperado (estão a ver...) contra o mundo e contra todos que acaba em bem. Ou seja o protótipo da moral burguesa para proletário consumir. A outra face do cinema pornográfico.

Cinema Avis
(não acons. men. 13 a.)

●

NÚMERO DOIS
de Jean-Luc Godard
(França — 1975)

Fora de Paris («filme de exilado» lhe chamaram), Godard sete anos depois de Maio. Um cinema cansado de quem muito viu e viveu e pensou e filmou. Um filme de quem, apesar e com esse passado, quer continuar a ver e a viver e a pensar e a filmar. E a falar de coisas quotidianas como a família, o sexo, a frustração, a memória. E o cinema.
Um filme nem bom nem mau mas apenas genial

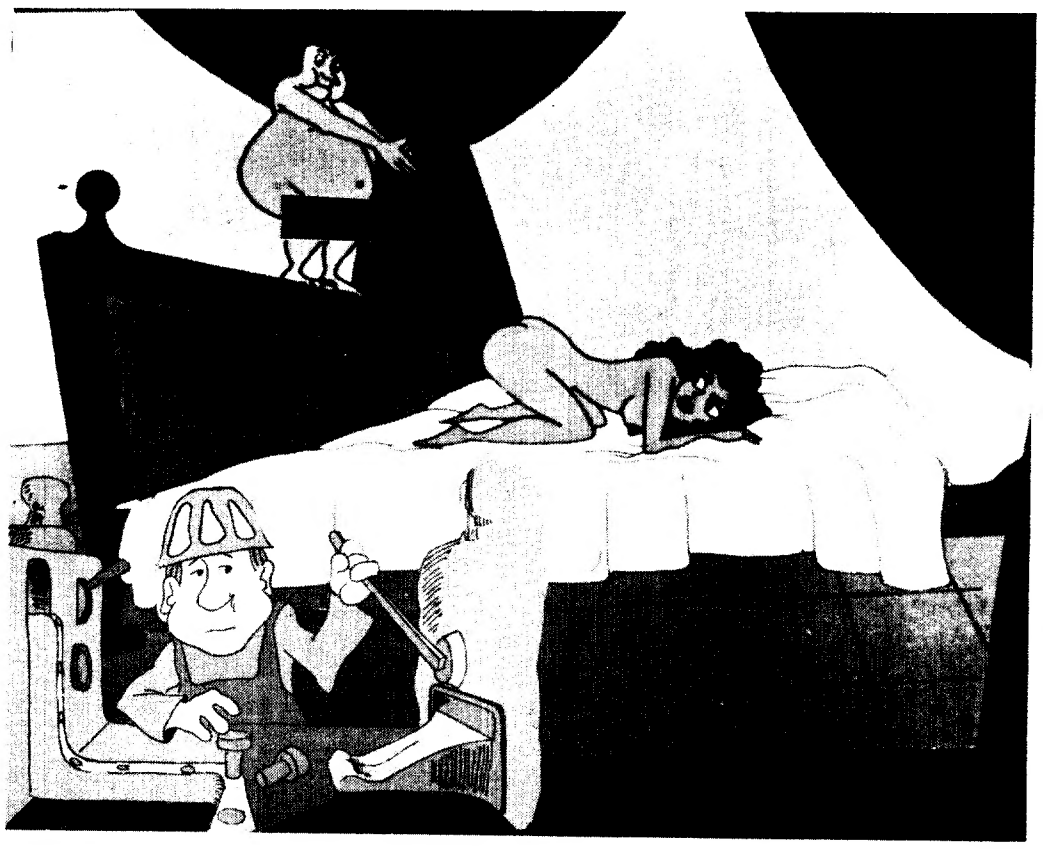
Cinema Universal
(interdito a men. 18 a.)

●

A MULHER CASADA
de Jean-Luc Godard
(França — 1964)

Em plena Paris, Godard antes de Maio. Do espaço do desejo à sua castração, à brancura alvar dos lençois onde corpos jamais inteiros navegam na frustração. Uma história de cidadãos comuns numa sociedade comum. Um filme sobre aventuras impossíveis, sobre a impossibilidade da aventura.

Cinema Universal
(não acons. men. 13 a.)



Que pode um homem fazer?

Após oito horas de fábrica, da chatice da bicha para o autocarro, do engarrafamento, do jantar comido à pressa, do berreiro dos miúdos e da mulher que tenta chegar a toda a parte, mas já não tem mais paciência, depois da casa que cheira a fritos e a esgoto (que raio de construtor!...), que pode um homem fazer?
A Televisão só dá o que os «gajos» querem (no outro dia andou a entrevistar um patrão-padeiro a «furar» a luta e a perguntar-lhe o que achava da greve e no outro o ministro Cardia disse que a abertura das aulas tinha sido um êxito quando a gente bem sabe como foi...), a mulher está cansada demais para poder estar um bocado na cama, o que pode um homem fazer?
Fugir sozinho é uma hipótese, fugir para onde outros vão fugindo, para um mundo onde não haja fábricas nem esgotos nem Televisão. Dantes uma caboiada ou um filme de piratas, depois um «kung-fu», hoje o pornográfico.
Fugir sem saber que daqui não se foge, que lá não se foge, mas se reentra no vazio da sala, da rua, da casa, da fábrica, do autocarro. Fugir sem saber que aqui é isto que temos, é isto que é preciso transformar, compreender, destruir. Sem saber que a Linda Lovelace ou as «gajas» do **Western porno** são peças da mesma máquina, da mesma fábrica. Que elas apenas exploram, aprofundam o vazio.
E é isso que eles querem. Que um homem continue a trabalhar de dia e a enganar a frustração de noite. Eles pensaram em tudo. Na fábrica para te explorar e na Linda Lovelace para te fazer esquecer. E ganham pelos dois lados. Ganham sempre.
Sempre? E se hoje um homem começasse a falar com o parceiro do lado e a descobrir que ele também tem a mesma merda de vida e que o outro e o outro e o outro... E se de repente a gente descobrisse que afinal somos muitos e eles poucos e achasse que isto não podia continuar?

CINE/PONTO

Alvalade
(Av. de Roma, tel. 897480)
«As Férias Grandes» — (M/6) com Louis de Funes sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis, 10-A, tel. 763319)

«Viridiana» — (M/18) um filme de Louis Buñuel com Silvia Pinal e Fernando Rey sessões 14, 16.30 e 21.15 h

Avis
(Av. Duque d'Ávila, 45, tel. 47163)

«Bobby» — (M/13) com Kismi Kappor e Dimple Kapadia sessões 15,15, 18.15 e 21.15 h

Berna

«Doze Indomáveis Patifes» — (M/13) um filme de Robert Aldrich com Lee Marvin, Enerst Borgnine, Charles Bronson e Jim Braown. sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa, tel. 794141)

«Um dia de cão» — (M/18) com Al Pacino sessões 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Capitólio

«Western Porno» — (M/18) realização de D. Fleetwood com Barbara Bourbon e Richar O'Neal sessões 15, 17, 19 e 21 h

Castil

«Um Amor como o Nosso» — (M/18) um filme de Andrée Marchand com Paola Senatore, Lucrecia Love e Mauro Parenti sessões 15, 17, 19 e 21.15 h

Cinearte

Sábado e domingo — «Emmanuelle a antivirgem» — (M/18)
Segunda e terça — «O Homem de Ferro» — (M/18)
Quarta e quinta — «Missão Impossível» — (M/18)
Sexta — «Professor Nudista» — (M/13)
sessões 15.15 e 21.15 h

Cinebolso

«Técnicas do amor» — (M/18) sessões 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Condes

«Ouro» — (M/13) com Roger Moore, Susannah York, Ray Milland e John Gielgud sessões 13.30, 16.15, 19 e 21.15 h

Eden

«Fogo Real» (M/18) realização de Ramesh Sippy com Dharmendra, Sanjeev Kumar e Hema Malin sessões 14, 16.30, 19 e 21.15 h

Estúdio

«O Processo Dimitrov» — (M/13) filme realizado por Christo Christov, com Stefan Guetzov, William Polony e Frank Obermann sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

Estúdio 444

«Exibição» — (M/18) realização de Jean-François Davy com Claudine Beccaire sessões 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

Império

«Meu Deus ao que eu cheguei» — (M/18) filme de Luigi Comencini com Laura Antonelli sessões 15, 18.15 e 21.15 h

Jardim

Sábado — «A Espada Relâmpago» — (M/14)
Domingo — «A 7.ª Alvorada» — (M/13)
Segunda — «Harry, o Vigarista» — (M/18)
Terça — «Ninho de Espiões em Estambul» — (M/18)
Quarta — «A Sobra do Diabo» — (M/18)
Quinta — «A Casa do Parque dos Pesadelos» — (M/13)
Sexta — «Ladrão de Paris» — (M/18)
sessões 15.30 e 21.15 h

Londres
(Av. de Roma, 7-A, tel. 801313)

«O Porteiro da Noite» — (M/18) com Dirk Bogarde e Charlotte Rampling sessões 14, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Lumiar

Sábado — «O Regresso de Tarzan» — (M/14)
Domingo — «Os Dez Gladiadores» — (M/10)
Segunda — «A Jovem Assassinada» — (M/18)
Terça — «Adeus, Irmão Cruel» — (M/18)
Quarta — «Helena sim mas... de Troia» — (M/18)
Quinta — «John sem Lei» — (M/18)
Sexta — «Torso» — (M/18)
sessões: sábados e domingos 15.30 e 21.15 h. semana: 21.15 h

Monumental
(Pr. Duque de Saldanha, tel 555131)

«A Filha de Ryan» — (M/18) filme realizado por David Lean com Sarah Miles e Robert Mitchum sessões 14.45, 18.15 e 21.15 h

Mundial

«Não há azar» — (M/13) um filme de Georges Lautner sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

Nimas
(Av. 5 de Outubro, tel. 574362)

«Chove em Santiago» — (M/18) com Jean-Louis Trintignant, Annie Giradort, Bibi Anderson e Laurent Terzieff sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Odeon

«As Panteras» — (M/18) com Fernando Fernan Gomez, Gracita Morales, Ingrid Garbo e Patty Shepard sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

Politeama
(Portas de S. Antão)

«Prostituição Clandestina» — (M/18) um filme de Alain Payet com Claudine Beccarie e Christine Chire sessões 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Pathé

«Aiana» — (M/13) um filme de K. Balachander com Muntaz e Rajesh Khanna sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Promotora

Sábado e domingo — «Camorra» — (M/18)
Segunda — «A Bela Helena» — (M/18)
Terça — «A Quadrilha Maldita» — (M/18)
Quarta — «As Terras Amigas» — (M/18)
Quinta — «A Queda do abismo» — (M/18)
Sexta — «Férias Violentas» — (M/18)
sessões às 15.15 e 21.15 h

Quarteto
(Av. E. U. América, tel. 771378)

SALA 2
«Os Malditos» — (M/18) realização de Luchino Visconti sessões 14.30, 17.30, 20.30 e 23.15

SALA 3
«A Tragédia de uma Telefonista» — (M/13) um filme escrito e realizado por Dusan Makavejev com Eva Ras e Ruzica Sorik sessões 15, 17, 21 e 23 h

SALA 4
«Mulher da Rua» — (M/18) realizado por Martin Sccorsese sessões 15, 17, 19, 21 e 23 h

Rocio

Sábado — «O Vingador do Oeste» — (M/18)
Domingo — «Os 4 Cavaleiros do Kung-Fu» — (M/18)
Segunda — «Onde o Sol Nunca Brilha» — (M/18)
Terça — «A Bela Helena» — (M/18)
Quarta — «Tarzan e os Inimigos da Selva»
E — (M/13)
Quinta — «Os viciados» — (M/18)
Sexta — «A Quadrilha Maldita» — (M/18)

Roma
(Av. Roma, lote JRB)

«Sexualmente tua» — (M/18) um filme de Max Pecas sessões 15.30, 18.30 e 21.15 h

Roxy

«Sexe Motel» — (M/18) um filme de John Hilbard com Birte Tove e Soren Stromberg sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

S. Jorge

«Rollerball» — (M/18) um filme realizado por Norman Jewison com James Caan sessões 15.15, 18.15 e 21.15 h

Salão Ideal

Sábado — «O Tarzan do 5.º Esquerdo» — (M/10)
Domingo — «Borsalino e Companhia» — (M/18)
Segunda — «Torso» — (M/18)
Terça — «O Dragão Ataca» — (M/18)
Quarta — «Encontro Marcado» — (M/18)
Quinta — «Anna, Aquele Particular Prazer» — (M/18)
Sexta — «O Misterioro Mr. Mackintoch» — (M/18)sessões 15.15 e 21.15 h

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo, 51, tel. 562632)

«Eram os Deuses Astronautas?» — (M/13) filme realizado por Harald Reindl sessões 15, 17, 19 e 21.15 h

Star

«Rollerball» — (M/18) um filme realizado por Norman Jewison com James Caan sessões 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Tivoli
(Av. da Liberdade, 188)

«Kazablan» — (M/6) com Yhoran Gaon, Arie Elias e Yehudah Efroni

Universal

«Regresso às Cavernas» — (M/18) um filme de Claude Ferraldo com Michel Piccoli sessões 17 e 23 h

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreitas, lote 879, Tel. 720808)

«Os Teatros Eróticos de Paris» — (M/18) com Claudine Beccarie e Eileen Earl sessões 14.15, 16,30, 19 e 21.15 h.

Sessões da meia-noite

APOLO 70

Sábado «Audar Anapu» — (M/18)
Domingo — «O Santo contra o dr. Morte» — (M/18)
Segunda — «Marcada pelo destino» — (M/18)
Terça — «Zapata» — (M/18)
Quarta — «Cantiflas às ordens de Vosselência» — (M/18)
Quinta — «Vampiro» — (M/18)

Castil

Sábado — Antestreia — «Festa Privada» — (M/18) — Um filme de Annelise Hovmand.

Cinearte

Sábado — «Inocência e Turbamento» — (M/18)

Cinebolso

Sábado — «O Violino do Baile» — (M/13)
Domingo — «Tentações de um Viúvo» — (M/18)
Segunda — «Que fizeram à Solange?» — (M/18)
Terça — «Uma escrava é um descanso» — (M/18)
Quarta — «Anna, aquele particular prazer» — (M/18)
Quinta — «Brincando com o fogo» — (M/18)
Sexta — «Cobrari o revolucionário» — (M/13)

Estúdio 444

Sábado — «Exibição» — (M/18)

Europa

Sábado — «Funny Girl» (Uma Rapariga Endiabrada) — Um filme de William Wyler

MEIA-NOITE

Londres

«O Trio Infernal» — (M/18)

Lumiar

Sábado — «007 Contra Goldfinger» — (M/14) — Com Sean Connery e Gert Frobe

Paris

Sábado — «A Violência do Leopardo» — (M/18)

À barba longa

Continuação da pág. 5

A barba inteira sucedeu-se assim, conforme os caprichos dos tempos, o bigode e pêra, o bigode e mosca, a mosca sem bigode, e depois as patilhas, a barba inglesa, as suíças (oriundas do Exército suíço), os matacões, e já nos nossos dias a barba à passa piolho que Bordalo Pinheiro imortalizou na genial figura do Zé Povinho.
Uma barba que de facto deu água pela barba foi a barba do Barba-Azul, famoso não tanto pela barba como pela mania que tinha de assassinar as mulheres que primeiro conquistava, pelo que ainda hoje se chama Barba-Azul ao homem mulherengo, de preferência com barbas.
Além do Barba-Azul ficou também famoso o Barba Roxa (melhor, dois), apelido dado a dois irmãos, piratas, que fizeram assuastropelias em alto mar na primeira metade do século XVI e fundaram o principado de Argel.
Ligada à história das barbas a personagem mais popular de todas é sem dúvida a do Barbeiro de Sevilha que, quanto se sabe, nunca aparou nenhuma barba mas tinha muito ouvido para a música.
Finalmente, nisto de barbas também há a história de muitos (sobretudo latifundiários) que viram as barbas a arder, pois com o advento da Reforma Agrária o que mais passou a haver foi as barbas de milho, mas é coisa que fica para contar numa próxima vez.

●

A "estatística"

Os serviços de estatística portuguesaes não se meteram ainda a fazer o cálculo dos barbudos e não-barbudos existentes no País. Isto, apesar do inegável interesse estatístico de um trabalho desta envergadura.
Na verdade, os únivs elementos conhecidos — altamente falíveis, porque «nem tudo o que luz é ouro» — chegam-nos através da Lista Telefónica, em vigor desde 1 de Junho de 1976.
Nesta lista, nota-se uma evidente tendência para as barbas em prejuízo dos pelados.
Uma repescagem de apelidos na Lista Telefónica de Lisboa leva-nos a conclusões curiosas: entre os utentes, há 23 «Barba»; dois «Barbaça»; um «Barbaças»; um «Barbacena»; dois «Barbadinho»; três «Barbados»; 32 «Barbas»; sete «Barbedo»; um(a) «Barbeira»; nove «Barbeiro»; um «Barbeito»; 22 «Barbeitos»; dois «Barber»; três «Barbieri» e sete «Barbudo».
Passamos aos bigodes, e vamos encontrar, ainda na Lista de Lisboa, um «Bigode»; um «Bigodes»; um «Bigodim»; três «Bigodinho»; um «Bigote», dois «Bigotes» e dois «Biguolas».
É bem modesta a «resposta» dos não-barbudos ao avanço dos barbaças. A Lista regista apenas o nome de um utente de apelido «Rapado»; um «Careca»; um «Peladinho» e seis «Pelado». Há ainda seis «Calvo» e dezasseis «Calvinho». Porém, e seguindo a ordem alfabética rigorosa da Lista, Calvos e Calvinhos teriam de passar pelos cadáveres de um «Cabeleiro» e 27 «Cabeleira».

a PONTO e virgula

Urbano

«O encanto da fluência de escrita deste romance como explicá-lo senão por uma fundamental generosidade? E essa escrita — «português falado» interrompido de quando em quando, irregularmente, por um termo erudito, regional ou vernáculo — revela-se ainda generosidade: tão espontânea é a dádiva que não há tempo para a redução da escrita compósita a uma unidade de léxico». Palavras de José Fernandes Fafe num prefácio que vem da terceira edição de «Os Insubmissos», de Urbano Tavares Rodrigues, agora publicado pela sexta vez, na Bertrand. Fernandes Fafe deu-nos em 69 (ano da terceira edição do romance) uma palavra-chave para abrir um certo enigma: o do prazer com que se lêem os livros de Urbano, mesmo quando se reconhece na numerosa produção deste escritor uma razoável concessão à facilidade e ao improviso — mesmo quando a nossa

leitura por vezes se debate com dificuldades que essas concessões na aparência paradoxalmente lhe levantam, mesmo quando a nossa leitura se deixa perturbar diante de certos desleixos. Falando de «Os Insubmissos», diz Fafe: «Na ideologia do romance a generosidade reaparece, desta vez como a verdade perante a qual as personagens se definem».
(...) «A existência, por si só de tão ineficaz sentimento tem uma consequência não neglicenciável: impede a regra do egoísmo de se tornar absoluta. O mundo não é absolutamente egoísta, é-o apenas esmagadoramente. Dominada embora, a generosidade vive. Será o ponto zero da contestação, mas é. Tudo nascerá (ou não) daí. Como fogo sagrado, há quem a mantenha com devoção de sacerdote. De **clerc**. Por exemplo Urbano Tavares Rodrigues. E com tanto empenho, com tanto entusiasmo, tanta entrega, que se lhe pode chamar propriamente um padre-operário da generosidade». Ora aí está. Compreende-se então o interesse que a obra de Urbano sempre mereceu do público leitor, que é mais exigente do que por vezes inadvertidamente se pensa.

Os dez dias

Já aqui falámos desta obra do americano John Read: «Os Dez Dias que Abalaram o Mundo». Foi a propósito de edições dela, em português e em Portugal. Havia uma de há muito, que já desapareceu, há três mais recentes: uma da Delfos, na sua colecção Compasso do Tempo; outra do «Jornal do Fundão»; outra ainda da Europa-América, na sua colecção Livros de Bolso. Omitimos então uma questão que a propósito se levanta. Não se percebe muito facilmente que vantagens terá haver várias edições quase simultâneas do mesmo texto e todas praticamente ao mesmo preço. Sem nos preocuparmos com a perturbação que o facto pode trazer ao público leitor, temos, pelo menos, de reconhecer que se trata de um dispêndio inútil. As editoras poderiam evitá-lo, já que nenhuma autoridade existe para encarregar-se disso. Isto dito, a propósito de que — foi relançada a edição «Jornal do Fundão» do mesmo texto. As edições «Jornal do Fundão» passaram a ser distribuídas pelo bloco «Expresso», e aí está o livro a movimentar-se de novo, depois de parado largo tempo no silêncio dos depósitos. E trata-se de um texto fundamental. Quem não souber nada da história da URSS pode começar pelo texto de Read. É uma boa introdução. Em termos talvez excessivos, poderaímos dizer: é um texto muito interessante, muito atraente, fascinante quase, por vezes, nalgumas das suas mais de duas centenas de páginas.

Outros mundos

Está no Satélite um filme que vem sendo um êxito: «Eram os Deuses Astronautas?». Há três meses, lotações esgotadas. Não é do filme que se trata aqui, mas do que no filme se trata: saber (não saber: suspeitar, tão-só, perante sinais inqueitantes que existem) se o homem está só no Cosmos, ou se no Cosmos existem outros seres cujas qualidades e proporções, p.ex., a medida do homem (já espacial, mas ainda tanto terrena) não compreende nem facilmente imagina. Isto a propósito não de livros da chamada «ficção científica», embora deva lembrar-se que existe em actividade uma editora com uma colecção onde as melhores obras desse género há anos vêm sendo publicadas (Livros do Brasil, colecção Argonauta). Isto a propósito de um livro das Edições 70 que está entre os mais vendidos ultimamente: «Estamos Sós no Cosmos», textos de vários cientistas. É matéria aliciante. E são escritos credenciados. Havemos de falar dele (e doutros) qualquer dia. Fica aqui a recomendação para o livro. E a advertência de que, se não é um iniciado em leituras assim, corre o risco de iniciar-se até à inquietação, até ao alarme. Não será caso para tanto. Mas se não há direito em incomodarem-nos com suspeitas mais ou menos terríveis, há também o dever de saber que essas suspeitas hoje em dia se levantam, e a propósito de quê, com que fundamento.

Para educadores

«Esta obra contém o vocabulário que, hoje em dia, pais, professores, estudantes, universitários e mesmo os alunos dos cursos médios, empregam ou encontram correntemente no campo do ensino e da educação» — diz a contracapa. Trata-se do «Vocabulário Técnico e Crítico da Pedagogia e das Ciências da Educação», de J. Leif, é um volume de quatro centenas e meia de páginas, custa ao público 180 escudos. (Editorial Notícias).

Antes de Marx

Textos de Gracus Babeuf, Henri de Saint Simon, Auguste Blanqui e Charles Fourier — autores da situação emergente de 1789 em França. É «O Socialismo Antes de Marx». Na contracapa: «Não são de hoje as inquietações dos grandes pensadores e respeito da estrutura da

sociedade e mesmo o génio filosófico econoómico e político de Karl Marx não teria sido capaz de revelar um corpo tão completo de doutrina sem o estudo profundo dos escritos políticos, filosóficos e sociais anteriores à elaboração da vasta obra do autor d' «O Capital». (Fronteira).

Maurice Thorez

«Filho do Povo» em português. Maurice Thorez e a sua autobiografia. Fala-se aqui de muita coisa neste livro (300 páginas, 150 escudos). Não só do PCF e da França, mas praticamente de todos os grandes acontecimentos que envolveram o mundo na primeira metade do século XX. (Editorial Notícias).

Europa

«A Europa Acabou-se», de José Alain Fralon. A Europa dos nove onde os Estados Unidos são o décimo. O Mercado Comum é a designação histórica de uma grande burla do capitalismo internacional — tese do autor. Já

o suspeitávamos, ou sabíamos. O mínimo que do livro se pode dizer é que é interessante. Mas é certamente mais do que isso. Também uma minuciosa e exaustiva desmistificação. Um livro a ler. Até é ligeiro (o estilo), atraente, divertido. (Editorial Notícias).

Depois de Marx, Plekanov

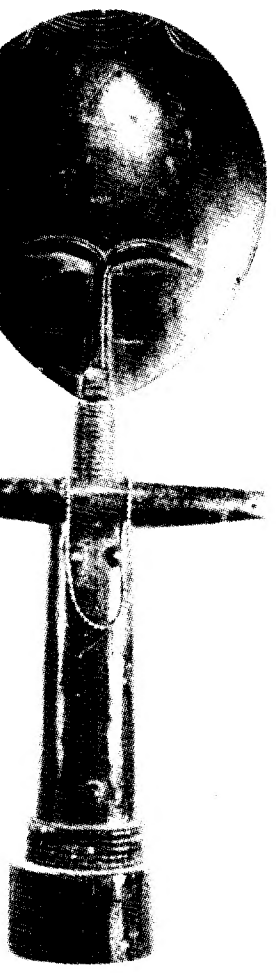
Um clássico do marxismo, Plekanov. Dele, em português, «O Socialismo e a Luta Política», título insignificativo para um conjunto de textos onde se fala de temas tão ardentes como as concepções do populismo e do anarquismo em relação ao Estado, por exemplo, e à estratégia (?) e táctica da organização e do movimento operários nessas perspectivas — e a que Plekanov opõe outra: a do socialismo científico. (Fronteira).

Virgílio Martinho

Ainda estamos a ler, mas não se vê inconveniente nenhum em avançar ao leitor a recomendação da leitura: «O Concerto das Buzinas», de Virgílio Martinho. As prisões e o mundo, as prisões e o mundo, o mundo e o espaço apertado de uma terrível (minuciosa, desgastante) concentração. Tudo isto numa escrita feita — vamos lá para a metáfora — com a agilidade hábil (a ágil habilidade) da mão treinada, com a inteligente serenidade da cabeça nas chamas do frio, do rigor. Virgílio Martinho: não é uma revelação, embre-se «O Grande Cidadão», por exemplo, e outrus obras que entretanto foram saindo. «O Concerto das Buzinas» talvez não seja o seu melhor, mas é, força de expressão, um grande livro. (Seara Nova).

Poesia africana de expressão portuguesa

Atenção aum dos próximos lançamentos da Seara Nova, anunciado pela própria editora para todo este mês de Outubro, mas a verificar-se talvez só em Novembro. É o segundo volume de «No Reino de Caliban», antologia de poesia africana de expressão portuguesa, quer dizer, poesia feita por africanos nacionais de países que foram colónias de Portugal — e alguns não escreveram em português mas em crioulo. Trata-se de um trabalho de Manuel Ferreira, e o plano da obra compreende três volumes. O primeiro, lembra-se, saiu no ano passado, e nele figuravam representações de



Cabo Verde e (uma representacão) de Guiné-Bissau. Manuel Ferreira publicava aí um extenso texto introduzindo o leitor no mundo que a antologia descobre e na problemática que à sua volta e dentro dele se levanta. O segundo volume inclui poetas de S. Tomé e Príncipe e Angola. O terceiro há-de incluir poetas de Moçambique e a novidade de poetas de Guiné-Bissau que não foi possível revelar no livro de há um ano. Trata-se de um trabalho muito importante, passe-se o lugar comum. E é também um empreendimento editorial de grande envergadura.

SOLUÇÕES

SETE DIFERENÇAS

À esquerda: a mala; o salto do sapato; botão do casaco. **À direita: plissado da saia; gomo da manga; voltinha do avental; penacho do chapéu (mais curto).**

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/4 — EDWARD KENNEDY. 7 — Só. 8 — Obi. 10 — Mr. 13 — Tala. 15 — Em. 16 — Alta. 17/20 — RICHARD BURTON. 23 — Aaro. 24 — Aérea. 27 — Or. 28 — Ena! 30 — Sorrisos. 33 — Apraz. 35 — Antas. 37 — Aviara. 39 — Aero. 40 — Letras. 41 — RL. 43 — Ira. 44 — Aio. 45 — SORAYA. 49 — Sora. 51 — Trino. 53 — Tias. 54 — Real. 55 — Natas. 58 — Ar. 60 — Saca. 61 — Rã. 62 — Siene. 65 — Or. 66 — Ar. 67 — Asas. 68 — Ra. 69/77 — MARLYN MONROE. 73 — Sá. 74 — Marã. 75 — S.E. 82 — Surrara. 83 — Cosso.

VERTICAIS:

1 — Esmerar. 2 — Dormia. 3 — Dotara. 4 — Kilt. 5 — N.S. 6 — Notou. 9 — Baldes. 11 — Trino. 14 — As. 18 — Crepitara. 19 — Honrarias. 20 — Bar. 21 — Rosna. 22 — Trotei. 25 — Ro. 26 — Re. 29 — Aarão. 31 — Ia. 32 — Sarre. 33 — Ave. 34 — Zás. 36 — Soa. 37 — Alistaram. 38 — Arad. 45/42 — Sue Lyon. 46 — Orates. 47 — Ral. 48 — Asas. 50 — Oiraram. 51 — Crês. 52 — Asara. 56 — Ta. 57 — Acordos. 59 — Pesam. 63 — Iansã. 64 — Nas. 70 — Rãs. 71 — Iru. 72 — Lar. 76 — Er. 78 — Oc. 79 — No. 80 — Rs. 81 — Eo.

FICÇÃO DE BARBAS

Retomando o tema das barbas: se os políticos que aqui vemos embalonados usassem barbas, ou apenas bigode ou «mosca», o seu aspecto poderia ser este. Como se vê, alguns sairiam favorecidos, outros não. Na dúvida, poucos destes dirigentes se arriscariam a cair no desagrado de muitos eleitores, apesar do ar revolucionário que certas barbas, bigodes, moscas e patilhas sempre proporcionam. Ou por isso mesmo...